

MARIA FERNANDA MARANHÃO KLUGE



"O VÊNETO NÃO PODE MORRER!"
**Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção
da identidade italiana em Santa Felicidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.^ª Dr.^ª Maria Cecília S. Costa

CURITIBA
1996

MARIA FERNANDA MARANHÃO KLUGE

“O VÊNETO NÃO PODE MORRER!”
Um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção
da identidade italiana em Santa Felicidade

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Cecília S. Costa

CURITIBA

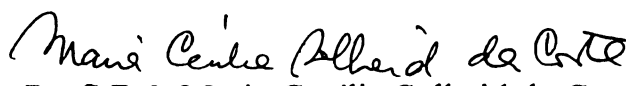
1996


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

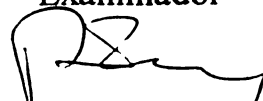
PARECER

Os membros da Comissão Examinadora, designada para realizar a arguição da Dissertação apresentada pela candidata MARIA FERNANDA MARANHÃO KLUGE, sob o título “O VENETO NÃO PODE MORRER: um estudo sobre restaurantes, rituais e (re) construção da identidade italiana em Santa felicidade”, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, após haver realizado atribuição de notas são de Parecer pela aprovação com conceito A, sendo-lhe conferidos os 30 créditos previstos na regulamentação do Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau e o diploma de Mestre.x.x.x.x..x.x.x..x.x.x..x.x.x.x.x.x

Curitiba, 31 de outubro de 1996.


Prof.^a.Dr.^a. Maria Cecília Solheid da Costa
Presidente


Prof.^a.Dr.^a. Bela Feldman-Bianco
Examinador


Prof.Dr. Peter Fry
Examinador

Agradeço à minha mãe, Marilda Campelo e ao meu marido, César Augusto Kluge, pelo carinho e apoio durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Cecília Solheid da Costa, por sua orientação, apoio, confiança e amizade.

Aos professores do Curso de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná : Roque Laraia, Bela Feldman-Bianco, Marília Gomes de Carvalho e Marcos Lanna.

Aos colegas do Projeto Integrado “Etni-Cidade: estudo antropológico de grupos étnicos em Curitiba”, – Amparo Rodriguez Teodoro da Silva, Mário Sanches, Fátima Freitas, Terezinha T. Lima, Ester Cardoso Candelori, Isabel Cristina Possebom e Adele Maria Brandalise –, com os quais pude compartilhar idéias e experiências de pesquisa.

À Antônia Schwinden, por suas sugestões e pela revisão cuidadosa deste trabalho.

Ao Prof. Maury Rodrigues da Cruz, pelo seu apoio e compreensão durante a realização desta pesquisa.

Ao Prof. Jayme Antônio Cardoso – Diretor do Museu Paranaense –, pelo seu apoio; e às colegas de trabalho, em especial à Márcia Medeiros, Helena de Filippo Soares e Sílvia Marize Marchioratto, pelo estímulo e solidariedade.

Ao Conselho Nacional de Pesquisas - CNPq, pela bolsa-auxílio obtida durante a realização do Projeto Integrado Etni-Cidade.

E, aos meus informantes, principalmente aos amigos “italianos” que compartilharam seu tempo e suas memórias, sem os quais este trabalho não seria possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 DO VÊNETO A COLÔNIA DE SANTA FELICIDADE	11
1.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ NO CONTEXTO NACIONAL DE CONSTITUIÇÃO DO CAMPESINATO	11
1.2 A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO PARANÁ E O DISCURSO DAS ELITES ..	19
1.3 SANTA FELICIDADE : DE COLÔNIA A BAIRRO	23
2 IDENTIDADE ITALIANA E ETNOGRAFIA DO BAIRRO	36
2.1 O CENÁRIO.....	36
2.2 OS ATORES	44
2.2.1 OS “ITALIANOS DE SANTA FELICIDADE”	44
2.2.2 OS “OUTROS ITALIANOS” E A ITÁLIA	54
2.2.3 OS CURITIBANOS	59
3 UM BAIRRO GASTRONÔMICO	67
3.1 DA CASA AOS CASTELOS	67
3.2 OS RESTAURANTES PARA OS “ITALIANOS DE SANTA FELICIDADE”. ..	84
3.3 “ PROGRAMA DE DOMINGO ” DOS CURITIBANOS	87
3.4 TURISMO E GASTRONOMIA	94
4 A BOA COMIDA DE SANTA FELICIDADE	97

4.1 A COMIDA ENQUANTO LINGUAGEM	97
4.2 A COMIDA DA CASA	101
4.3 A COMIDA DOS RESTAURANTES	107
4.4 UVA, POLENTA E MACARRÃO : A COMIDA DAS FESTAS	114
5 UM BAIRRO “ITALIANO” NA CURITIBA DE PRIMEIRO MUNDO.....	142
CONCLUSÃO	160
ANEXOS	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 : CASA DOS ARCOS	25
FOTO 2 : CASCATA DO RIO UVU. RESTAURANTE CASCATINHA	26
FOTO 3 : FAMÍLIA BUDEL	27
FOTO 4 : IGREJA DE SÃO JOSÉ DE SANTA FELICIDADE	29
FOTO 5 : CASA CULPI	30
FOTO 6 : CASA DOS GERÂNIOS	38
FOTO 7 : CASA DOS ARCOS	38
FOTO 8 : PORTAL DE SANTA FELICIDADE	41
FOTO 9 : VISTA INTERNA DA ADEGA DURIGAN	43
FOTO 10 : PLACA EM HOMENAGEM AOS PIONEIROS DA COLÔNIA	47
FOTO 11-12 : BOCCA MALEDETTA DI SANTA FELICITÁ	64
FOTO 13 : FAMÍLIA TREVISAN	70
FOTO 14 : LOJA DE ARTESANATO DO RESTAURANTE VENEZA	71
FOTO 15-16: RESTAURANTE MADALOSSO	73
QUADRO 1 : DUAS FAMÍLIAS E SEUS RESTAURANTES	75
FOTO 17-19 : RESTAURANTE CASTELO DE TREVIZO	79
FOTO 20 : COMIDA TÍPICA DE SANTA FELICIDADE	81
FOTO 21: GARÇON EQUILIBRANDO PRATOS	82
FOTO 22: RESTAURANTES DE SANTA FELICIDADE	83
FOTO 23: FAMÍLIAS JANTANDO NO RESTAURANTE MADALOSSO	113
FOTO 24: CONVITE DA FESTA 4 <i>GIORNI</i> IN ITÁLIA	115
FOTO 25: PROGRAMA DA FESTA DA UVA	118
FOTO 26 : <i>SIGNORINAS</i> DA UVA	124
FOTO 27 : O PREPARO DA POLENTA GIGANTE	130
FOTO 28: A POLENTA SENDO DERRAMADA SOBRE O PANARO	131
FOTO 29: GRUPO VOCAL I VENETI IN BRAZILE	134
FOTO 30 : ALMOÇO NO BOSQUE SÃO CRISTÓVÃO	134
FOTO 31: MISSA CAMPAL NO BOSQUE SÃO CRISTÓVÃO	136

RESUMO

Antiga colônia de imigrantes italianos, fundada no final do século passado nos arredores de Curitiba, o bairro de Santa Felicidade é conhecido pela “mesa farta” de seus restaurantes de comida típica. A profunda valorização da culinária étnica, presente no cotidiano das famílias, nos restaurantes e nas festas da Uva e do Vinho, constitui elemento fundamental na construção da identidade italiana em Santa Felicidade. Tradições inventadas, a culinária e as festas surgiram no contexto local de mobilidade social, apontando para a (re) construção de um território Italiano / Vêneto em Curitiba.

O presente estudo remete ao ano de 1993 – de comemorações dos 300 anos de fundação de Curitiba – como sendo um momento privilegiado para o estudo de etnicidade no bairro gastronômico de Santa Felicidade, no contexto das relações bairro/ cidade/ país de diáspora (Santa Felicidade / Curitiba / Itália).

INTRODUÇÃO

Antiga **colônia** de imigrantes italianos, hoje **bairro** de Curitiba, Santa Felicidade tornou-se famosa pelos seus restaurantes de comida típica.

Com o crescimento de Curitiba, processo que se intensificou a partir da década de 1950, a colônia de Santa Felicidade, fundada no século XIX nos arredores da cidade, foi gradativamente sendo incorporada ao seu espaço urbano. Já na década de 1970, através de seus restaurantes que servem a “boa e farta comida italiana”, Santa Felicidade tornou-se referencial turístico obrigatório na cidade.

Atualmente, o bairro “italiano” de Curitiba, reconhecido como um dos maiores centros gastronômicos da América Latina, recebe aproximadamente 30.000 pessoas para comer em seus restaurantes em um único final de semana. São curitibanos, visitantes nacionais e turistas provenientes dos países vizinhos como Argentina, Uruguai e Paraguai.

Partindo dessa constatação, escolhi a “comida italiana” e os “restaurantes de Santa Felicidade” enquanto recorte desta pesquisa, considerando esta entrada fundamental para introduzir novas questões como : etnicidade, relações interétnicas e transnacionalidade, em um contexto dinâmico e relacional na cidade de Curitiba. Dentro deste enfoque, procurei avançar em relação a outras pesquisas realizadas a partir da teoria assimilacionista, cujas análises enfatizavam a contribuição de determinados grupos étnicos para a história e o desenvolvimento local.

Com esta pesquisa pretendo demonstrar como a comida étnica, servida em mais de

30 restaurantes típicos de Santa Felicidade, constitui um símbolo selecionado pelo grupo de descendentes de imigrantes para expressar sua identidade italiana. Esta culinária, que também está presente no cotidiano das mesas das famílias “italianas”, e nos rituais locais das Festas da Uva, do Vinho e do 4 *Giorni in Itália*, constitui elemento fundamental na construção da etnicidade deste grupo. Tradições inventadas, a comida típica e as festas surgiram em um contexto econômico local e de ascensão social de uma elite comercial descendentes de imigrantes italianos.

Diante desse cenário, estudei a (re)construção da identidade étnica entre “os italianos de Santa Felicidade”, por uma abordagem em que a dimensão urbana é referência, considerando a relação do bairro com a cidade de Curitiba e seu plano de urbanização. O foco principal da análise é a “comida italiana” e seus restaurantes enquanto símbolo de etnicidade. Esta comida associada às memórias da imigração e a um território comum constituem elementos essenciais na construção dos limites deste grupo étnico.

Além da perspectiva dos “italianos”, procurei também analisar a influência das políticas públicas locais e transnacionais na (re)construção da identidade italiana no bairro. O ritual das comemorações dos 300 anos de fundação de Curitiba, realizadas ao longo do ano de 1993, constituiu um momento privilegiado para os estudos de etnicidade. Determinados grupos étnicos de origem européia, que, segundo os critérios da administração municipal, teriam participado na formação da população curitibana, foram valorizados e homenageados com monumentos e memoriais. Entre eles, o bairro de Santa Felicidade foi selecionado pela Prefeitura de Curitiba para representar a colonização italiana na cidade. Apesar de existirem outros bairros onde se fixaram imigrantes italianos

no século passado, Santa Felicidade, o **Bairro Italiano de Curitiba**, é que foi agraciado com um Portal Étnico e um Memorial da Imigração Italiana no Parque da Itália.

Por isso, não pretendo estudar o bairro de Santa Felicidade, mas sim a **Santa Felicidade**, Italiana Turística e Gastronômica, centrada na avenida Manoel Ribas e suas imediações.

A PESQUISA

Antes de descrever a pesquisa de campo e a metodologia utilizada, é importante situar-me enquanto investigadora diante de meus informantes – “os italianos de Santa Felicidade” –, uma vez que vivemos em uma mesma cidade. Logo, é necessário revelar alguns dados da minha própria biografia.

Nasci e cresci em Curitiba, não sou descendente de italianos, e sempre morei em bairros associados às camadas médias, situados próximo ao centro da cidade. Durante a minha infância, lembro-me dos frequentes almoços em família, em Santa Felicidade.

Desde a década de 1970 até hoje, almoçar nos restaurantes de Santa Felicidade, é considerado um “programa de domingo” das camadas médias locais. Na minha própria família, era costume ir à missa de domingo e depois almoçar fora, sempre em um mesmo restaurante do bairro. Minha mãe dizia : “ *Quem não for `a missa, não almoça fora!* ” .

Meus irmãos e eu fazíamos o “sacrifício”, ir a Santa Felicidade valia a pena. Enquanto meus pais aguardavam uma mesa no restaurante lotado, nós nos divertíamos em uma loja de artesanato, cuja arquitetura reproduzia um castelo medieval em miniatura. Não faltavam nem mesmo a ponte levadiça, o rio e os “ferozes jacarés” que defendiam a fortaleza,

reproduzindo um cenário conhecido da “piazada”¹ através dos filmes de televisão.

Diante da subjetividade das memórias de infância, minha preocupação quanto à pesquisa era: conseguiria transformar “o familiar em exótico” ? (DA MATTA, 1978). O que eu conhecia sobre o bairro além de seus restaurantes de comida típica ? O que eu sabia sobre os “italianos de Santa Felicidade” ? Quais eram seus valores, sua visão de mundo, seus códigos ?

Mas, como Gilberto Velho nos ensina:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas até certo ponto conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento e desconhecimento respectivamente. (VELHO, 1978, p. 39).

Uma vez que a pesquisa antropológica baseia-se no princípio da alteridade, “pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante” (DA MATTA, 1978, p. 34), minha segunda preocupação era como perceber este “outro”. Com a mente repleta das discussões teóricas das aulas do mestrado, fui a campo como uma neófito à procura de seu “objeto” de estudo. Meu primeiro contato foi com um “italiano”, proprietário de uma loja de móveis de vime. Enquanto tentava explicar a minha posição de pesquisadora, fui surpreendida com a seguinte pergunta: “ *Você não é daqui, né ? Você é de Curitiba, você é brasileira*”. Imediatamente me vi em um universo hierarquicamente organizado, com seus próprios códigos e papéis sociais, onde “eu” era “o outro”.

Desta forma, iniciei minhas pesquisas apresentando-me e conversando diretamente com meus informantes, sem a ajuda de intermediários. Cada entrevistado me indicava outro e assim estabeleci uma rede de relações no bairro. Também procurei contatar

¹ Expressão local para designar meninos.

informantes dos quais me aproximei inicialmente por telefone ou pessoalmente, acionando diferentes redes e ampliando a pesquisa. Chegava nos estabelecimentos comerciais, lojas, restaurantes, associações, igreja e procurava explicar o objetivo de minha pesquisa. Sendo um bairro turístico, muitos “italianos” já haviam sido entrevistados por jornais, revistas ou pela televisão, e pareciam gostar muito de falar de seus antepassados e deles próprios. Quando eu falava na pesquisa, eles não entendiam que eu estava estudando Santa Felicidade **hoje**, e logo me perguntavam se eu queira saber sobre a imigração, a fundação da colônia e a história de sua própria família. Também indicavam a pesquisa de Balhana (1958)², considerada localmente uma obra de referência para a história da colônia. Alguns diziam também que eu não precisava fazer esta pesquisa pois Balhana já a havia feito. Para esses eu explicava que o meu trabalho “completaria” o de Balhana, pois eu estava estudando um período posterior, ou seja, de 1960 até a atualidade, enfocando principalmente o surgimento dos restaurantes e a transformação de Santa Felicidade em bairro turístico de Curitiba.

Através dessas redes de contatos fui indicada para escrever em um periódico local. O jornal *Folha de Santa Felicidade*, publicado quinzenalmente, estava começando a ser editado, e seus fundadores me convidaram para escrever uma coluna chamada “História do Bairro”. Durante seis meses, escrevi diversos artigos sobre a Bocca Maledetta, a Festa da Uva, a Banda de Santa Felicidade, o Grupo Vocal I Veneti in Brasile, entre outros. A estrutura era sempre a mesma, selecionava uma fotografia antiga ou atual sobre o cotidiano de Santa Felicidade e procurava entrevistar as pessoas que poderiam contextualizá-la.

² BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade um processo de assimilação*. Esta obra está citada mais adiante nos capítulos 1, 2 e 4.

Apesar de curitibana e brasileira, através desta inserção na rede de relações consegui uma maior identificação com o bairro, o que facilitou etapas posteriores da pesquisa. O prestígio alcançado enquanto articulista da “*Folha de Santa Felicidade*” possibilitou-me o acesso aos rituais exclusivos do grupo, sendo convidada para inaugurações, almoços e jantares comemorativos.

METODOLOGIA

Para a execução deste trabalho, a metodologia utilizada foi dividida em duas etapas: pesquisa de campo e pesquisa histórica. Durante a pesquisa de campo realizada no período de 1993 a 1995, utilizei métodos qualitativos tradicionais na Antropologia como a observação participante, a entrevista aberta, a elaboração e análise de mapas genealógicos e do espaço físico. Enquanto observador participante, acompanhei diversos eventos, tais como festas típicas, missas étnicas, inaugurações de monumentos, jantares comemorativos, realizados no bairro de Santa Felicidade.

No contexto de pluralidade cultural ritualizado durante os festejos dos 300 anos de fundação de Curitiba, procurei analisar a visibilidade da etnia italiana na cidade, participando dos eventos promovidos pela municipalidade para homenagear determinados grupos étnicos, a exemplo do desfile das etnias na data do aniversário de Curitiba, do Carnaval do Tricentenário e da Festa Italiana na rua 24 horas etc. Durante o período da pesquisa, obtive uma bolsa-auxílio do CNPq e participei do Projeto Integrado Etni-Cidade: Estudo de Grupos Étnicos na Cidade de Curitiba, desenvolvido no Curso de Mestrado da Universidade Federal do Paraná, em que outros estudos permitiram

contextualizar os “italianos” em relação aos outros grupos. Através do discurso oficial associado às representações míticas de resgate de identidades étnicas na cidade, foi possível obter uma visão mais abrangente do ritual dos 300 anos e da identidade italiana.

Durante a pesquisa de campo, foram realizadas 21 entrevistas gravadas, abertas e em profundidade, sendo que 19 dos informantes pertenciam à categoria “italianos de Santa Felicidade”, distribuídos entre proprietários de restaurantes, clérigos, funcionários públicos, donas de casa, artesãos, políticos, artistas, comerciantes em geral, organizadores de festas. Os entrevistados, todos homens e mulheres adultos, a maioria inserida em uma faixa etária média entre 40-70 anos. A opção por este universo de pesquisa deve-se ao meu interesse em conhecer a ótica dos “italianos” que acompanharam a transformação de Santa Felicidade em bairro turístico. Também dentro dessa faixa etária encontram-se as lideranças locais, ou seja, aqueles que investem na construção da imagem italiana do bairro. Essas pessoas, em sua maioria aposentados, comerciantes que possuem o seu próprio negócio ou profissionais com estabilidade no emprego, dedicam parte de seu tempo trabalhando gratuitamente nos eventos realizados em Santa Felicidade.

Paralelamente às longas entrevistas abertas, foram realizadas entrevistas fechadas em torno de questões específicas. No Restaurante Madalosso, com o auxílio de formulários entrevistei 83 clientes entre curitibanos e turistas. Os dados levantados permitiram conhecer os critérios de “preferência” da clientela pelo restaurante e ao mesmo tempo traçar um perfil das categorias curitibanos e turistas.

Durante a Festa do Vinho, realizei 35 entrevistas gravadas com os organizadores, barraqueiros e freqüentadores da festa, com o intuito de analisar as representações sobre a

festa a partir da ótica dos descendentes de italianos e dos “brasileiros”.

Além da pesquisa de campo, procedi a um levantamento histórico consultando as seguintes fontes: historiografia paranaense, documentação oficial manuscrita e impressa, jornais, e revistas. Os dados históricos levantados sobre a imigração italiana no Paraná e sobre a urbanização de Curitiba foram fundamentais para a contextualização e análise das entrevistas. Os dados oficiais atualizados sobre Curitiba e o bairro de Santa Felicidade foram fornecidos por órgãos municipais e estaduais. A leitura diária dos jornais da cidade, principalmente durante os festejos dos 300 Anos de Curitiba, deram a medida da visibilidade do grupo étnico italiano em relação a outros grupos étnicos. Os jornais do bairro, *Jornal Santa Felicidade* e *Folha de Santa Felicidade*, foram fontes importantes de consulta, neles obtive informações prévias sobre os futuros informantes.

O ESTUDO

Iniciei a presente dissertação procurando descrever brevemente a imigração italiana no Paraná, a partir de um projeto nacional de constituição do campesinato, com o objetivo de contextualizar o cenário político e econômico da Província, à época da fundação da Colônia de Santa Felicidade (capítulo 1).

No segundo capítulo descrevo o cenário da pesquisa e os informantes. Através de uma etnografia do bairro de Santa Felicidade, mapeio as diferentes representações do espaço a partir da visão dos “italianos do bairro”, dos curitibanos e da ótica da Administração Municipal. Em seguida, utilizando os conceitos de identidade étnica (BARTH, 1969), identidade contrastiva (OLIVEIRA, 1976), etnicidade (GLAZER e

MOYNIHAN, 1975; COHEN, 1969; 1974; EPSTEIN, 1978) e identidade camponesa (SEYFERTH, 1993), analiso a categoria nativa “italianos de Santa Felicidade” em contraste com as categorias “outros italianos” e “curitibanos”.

No capítulo três, elaboro uma etnografia dos restaurantes de Santa Felicidade, contextualizando o seu surgimento dentro de uma estrutura de empresa familiar e sua inclusão no roteiro turístico da cidade. Neste capítulo procuro também analisar as representações sobre esses estabelecimentos para os diferentes atores sociais envolvidos, “italianos do bairro”, “curitibanos” e turistas.

No capítulo quatro faço uma discussão teórica sobre o estudo da comida na Antropologia evidenciando o seu caráter simbólico e de construção de identidades. A comida de Santa Felicidade é aqui analisada nos diferentes espaços sociais onde está presente, na casa dos italianos, nos restaurantes e nos rituais locais – as Festas da Uva, do Vinho e, do 4 *Giorni* in Itália.

Finalmente, no capítulo cinco analiso de que forma as políticas públicas locais interferem na construção da identidade italiana no bairro e do bairro de Santa Felicidade, no contexto das celebrações dos 300 anos de Curitiba. Apesar da ideologia da harmonia (COSTA; FELDMAN-BIANCO, 1993) presente nos discursos oficiais, essa intervenção acaba destacando grupos e identidades diversas, selecionando alguns grupos, construindo territorialidades e conseqüentemente hierarquizando, e gerando tensões entre os grupos locais.

Com esta pesquisa, realizada no período de 1993-1995, procurei apresentar algumas questões relativas à (re)construção da identidade dos “italianos de Santa Felicidade” em

um contexto dinâmico e relacional na cidade de Curitiba.

1 DO VÊNETO À COLÔNIA DE SANTA FELICIDADE

Noi sian partítí dai nostri paêsi. Noi sian partítí col nostro onore
Trenta e sei giorni di maquina a vapore. E alla América noi
siamo arrivati. E alla América noi siamo arrivati.
No abbian trovato ne páglia, ne feno. Abbian dormito sul duro
terreno. Como le béstie che vano riposar. E le América le granda e
le Bella. É circundata da mômte e da piáni. E con l'aiuto dei
nostri italiani. Abbian fondato paêsi e cittá
E viva, viva Cristóforo Colombo. Che há scoperto ste parti del
mondo. Per gli italiani venire a lavorar.
Mérica, Mérica, Mérica. Cosa sarala sta Mérica
Mérica, Mérica, Mérica. Quell Mazzolin di fiori
(Noi Sian Partíti)³

1.1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ NO CONTEXTO NACIONAL DE CONSTITUIÇÃO DO CAMPESINATO

No século XIX, com a instalação da Corte de D. João VI no Brasil, inicia-se um Projeto do Governo de constituição de uma nova classe social – o campesinato. Nesse período, a economia brasileira estava voltada para as grandes lavouras de exportação, baseadas no latifúndio, na monocultura e no trabalho escravo (PETRONE, 1984; SEYFERTH, 1990; COSTA; DIGIOVANNI, 1991).

Com a introdução de imigrantes europeus, o governo pretendia solucionar uma série de problemas: povoar os vazios demográficos, ocupar áreas fronteiriças e incentivar a agricultura de subsistência por meio da criação de núcleos coloniais agrícolas. Segundo

³ Tradução da letra da música Noi Sian Partíti, hino da imigração italiana no Brasil. “ Nós partimos do nosso país, Nós partimos com a nossa honra. Trinta e seis dias de navio à vapor. E na América nós chegamos. Não achamos nem palha, nem feno. Dormimos sobre o chão duro. Como os animais que vão dormir. E América é grande e bela. É circundada por montanhas e planícies. E com a ajuda de nós italianos, fundamos vilas e cidades. E viva, viva, Cristóvão Colombo que descobriu esta parte do mundo, para os italianos virem trabalhar. Mérica, Mérica, Mérica. Que coisa esta Mérica. Mérica, Mérica, Mérica, que ramallete de flores.” (tradução livre).

Petrone:

A pequena propriedade devia ocupar espaços vazios, promovendo a valorização fundiária, e criar condições para o aparecimento de uma camada social intermediária entre latifundiário e escravo, camada essa que pudesse ao mesmo tempo ser mercado consumidor, oferecer braços no mercado de trabalho e diversificar a economia com a produção de gêneros para os quais a grande propriedade não se prestava. (PETRONE, 1984, p. 17).

Na primeira metade do século XIX, ainda que de forma esporádica, alguns núcleos coloniais foram fundados nas diversas regiões do Império, por iniciativas oficiais ou de particulares. Entretanto, o grande fluxo imigratório para o Brasil acontece somente a partir da segunda metade do século, com a gradual extinção da escravatura. As leis restritivas ao tráfico negreiro e a conseqüente escassez de mão-de-obra atingiram diretamente a economia do Império. A solução encontrada foi a substituição da mão-de-obra escrava, pela mão-de-obra assalariada dos imigrantes europeus (PETRONE, 1984; BALHANA, 1961).

Passaram a coexistir, então, duas orientações quanto à imigração. Uma prática oficial de incentivo à agricultura de subsistência, fundada no campesinato, na pequena propriedade e no trabalho familiar, que se desenvolveu principalmente no sul do Brasil, e uma prática particular, incentivada pelo governo para a obtenção de mão-de-obra assalariada para as grandes lavouras de café, principalmente para a Província de São Paulo (BALHANA, 1969; HUTTER, 1987).

Desde 1850, com a transferência da responsabilidade pela colonização para os governos provinciais, estes passaram a contratar Companhias de Colonização para organizar a vinda e o assentamento dos imigrantes. Folhetos foram impressos em diversas línguas e distribuídos na Europa para divulgar as vantagens que o Brasil oferecia à

agricultura, pecuária e à indústria, assim como as facilidades na aquisição de terras (FERRARINI, 1974).

Na região Sul, nos atuais Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, iniciativas oficiais foram responsáveis pela criação de colônias etnicamente homogêneas, em terras devolutas, situadas em regiões despovoadas. Os governos locais contratavam agentes colonizadores, os quais providenciavam o transporte e a instalação de inúmeras famílias principalmente italianos e alemães. Mediante a Lei de Terras (1850), o imigrante adquiria seu lote contraindo dívidas com o governo, ou com as empresas colonizadoras. Após alguns anos de trabalho, o colono conseguia quitar seus débitos, tornando-se proprietário de sua terra (SEYFERTH, 1990; SANTOS, 1995).

No Paraná, após sua emancipação política e administrativa, em 1853, o Governo Provincial procurou adaptar o Projeto Nacional de Imigração à realidade local. A situação da agricultura na Província era extremamente deficitária, obrigando o Governo a importar gêneros alimentícios de outras regiões do País. Dois ciclos econômicos dominavam a economia do Paraná nesse período: a monocultura do mate e a atividade pecuária. A produção do mate voltado para o comércio com a Argentina e o Uruguai, era a atividade predominante no litoral e no primeiro planalto paranaense⁴, mobilizando mão-de-obra livre e escrava.

A atividade pecuária, dominante na região dos Campos Gerais no segundo planalto, estava fundada em uma sociedade patriarcal rural, no latifúndio quase auto-suficiente, na

⁴ Segundo MAACK (1981, p. 82) “ distinguem-se no Estado do Paraná cinco grandes regiões de paisagens naturais: o Litoral, a Serra do Mar, o Primeiro Planalto ou Planalto de Curitiba, o Segundo Planalto ou Planalto de Ponta Grossa e o Terceiro Planalto do Paraná ou Planalto de Guarapuava”.

exploração pastoril e no trabalho escravo. Segundo Pinheiro Machado (1963), ao longo da segunda metade do século XIX, o incremento da atividade tropeira⁵ fez com que essa sociedade rural tradicional pouco à pouco se transformasse em uma sociedade predominantemente urbana. Estimulados pelos lucros do tropeirismo, muitos fazendeiros da região tornaram-se tropeiros, outros gradativamente abandonaram a atividade criatória, alugando suas fazendas para a invernagem⁶ das tropas. As famílias dos fazendeiros transferiram-se para as cidades, e as fazendas anteriormente auto-suficientes deixaram de produzir gêneros alimentícios. Frente a essa crise na subsistência, a estratégia adotada pelo Governo foi a criação de núcleos coloniais agrícolas nas proximidades dos centros urbanos.

A primeira iniciativa oficial data de 1859, com a fundação da colônia de Assungui (município de Cerro Azul) a 100 km de Curitiba, com imigrantes ingleses, franceses, alemães e colonos nacionais. Entretanto, até a primeira metade do século XIX iniciativas particulares foram responsáveis pela criação de núcleos colonias no litoral e no planalto. Famílias de imigrantes açorianos foram assentadas nos atuais municípios de Rio Negro e Mafra, em 1816; colonos alemães nas margens do Rio Negro em 1829; franceses na colônia Tereza, nos sertões do Ivaí (município de Cândido de Abreu), em 1847; e, suíços e alemães no litoral na colônia de Superagui (município de Guaraqueçaba), em 1852 (ver mapa 1 em anexo). Esses empreendimentos tenderam ao fracasso devido à falta de infra-

⁵ Atividade econômica realizada durante os séculos XVIII e XIX pelos tropeiros, que transportavam rebanhos de gado e víveres nos lombos de burro de Viamão no Rio Grande do Sul até Sorocaba. Na Província do Paraná diversas cidades como Lapa, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Pirai do Sul, Jaguariaíva, entre outras; surgiram ao longo do caminho das tropas em locais destinados ao pernoite do tropeiro (WACHOWICZ, 1977, p. 71).

⁶ Segundo Pinheiro Machado (1963, p.18), a palavra invernagem designava a “ a engorda durante o inverno do gado importado”.

estrutura adequada nas colônias e à inexistência de estradas para o escoamento de sua produção (WACHOWICZ, 1977).

A imigração italiana para o Paraná inicia-se oficialmente em 1871, através de um contrato estabelecido entre o Governo Provincial, e o agente colonizador Sabino Tripotti, responsável pela introdução de mais de dois mil e quinhentos imigrantes. Os primeiros setenta colonos foram encaminhados para a colônia do Assungui. Em 1875, com a chegada de mais cinquenta famílias italianas, Sabino Tripotti fundou a colônia Alexandra, no litoral da Província. Apesar de situada próxima à cidade de Paranaguá, a colônia não progrediu. Em 1877, após romper contrato com Sabino Tripotti, o Governo Provincial funda a colônia Nova Itália, formada por doze núcleos coloniais distribuídos em uma área de 6.000 km, que compreendia os atuais municípios de Morretes, Antonina e Porto de Cima, situados também no litoral do Estado⁷. Nesta colônia foram reinstalados os imigrantes que abandonaram a colônia Alexandra, além das novas famílias de imigrantes italianos que chegavam pelo Porto de Paranaguá.

Entretanto, a grande maioria dos imigrantes italianos instalados no litoral não se adaptou à região e teve de se transferir para o planalto. Entre os motivos do fracasso dessas colônias estão a ausência de mercados consumidores e a inexistência de orientação técnica em relação às doenças tropicais, ao tipo de cultivo apropriado ao solo do litoral e às pragas que assolavam as suas plantações (BALHANA, 1987).

Paralelamente a essas iniciativas realizadas no litoral, outras colônias de imigrantes de composição étnica heterogênea estavam sendo criadas próximas à Capital da Província

⁷ In : Boletim do Arquivo do Paraná (1980, p.15).

como, Argelina (1869), Pilarzinho (1870), São Venâncio (1871) e Abranches (1873)⁸ (ver mapa 2, em anexo).

Em 1875, Lamenha Lins assume a Presidência da Província do Paraná. Ciente do fracasso dos governos anteriores, ao estabelecer colônias agrícolas distantes dos mercados consumidores e sem vias de acesso, e diante da prosperidade das colônias situadas no rio de Curitiba, Lamenha Lins inicia um novo modelo de colonização. Diversas colônias de imigrantes europeus foram estabelecidas em círculo ao redor de Curitiba, em terrenos contíguos às estradas carroçáveis já existentes – Graciosa, Mato Grosso e Assungui –, que ligavam a cidade ao litoral, aos Campos Gerais e ao Norte da Província, respectivamente. Com essa iniciativa conhecida como Cinturão Verde, foram fundadas entre 1875-76, as seguintes colônias⁹: Santa Cândida, Órleans, Santo Inácio, Riviere, D. Augusto, D. Pedro, Lamenha e Tomás Coelho (WACHOWICZ, 1975; 1976)

Em 1878, grande parte das famílias italianas estabelecidas no litoral, por iniciativa própria ou através de auxílio oficial, decidiu transferir-se para o Planalto. Muitas delas fixaram-se em colônias já existentes no planalto, formadas por imigrantes de outras

⁸ Segundo Balhana (1969) as colônias anteriores ao projeto de Lamenha Lins eram constituídas pelos seguintes imigrantes:

Argelina : franceses da Argélia, alemães, suíços, ingleses e italianos.

Pilarzinho : poloneses, alemães e italianos

São Venâncio : alemães, poloneses e suecos

Abranches : poloneses e alemães

⁹ Segundo Balhana (1969), as colônias fundadas por Lamenha Lins eram constituídas pelos seguintes imigrantes:

Santa Cândida : poloneses, suíços e franceses

Órleans : poloneses, italianos, suíços e franceses e outros

Santo Inácio: poloneses, silesianos e galicianos

Riviere: poloneses, franceses e alemães

D. Augusto : poloneses

D. Pedro: poloneses, suíços e franceses

Lamenha: poloneses, silesianos e alemães

Tomás Coelho: poloneses, galicianos e silesianos

nacionalidades, tais como Argelina, Pilarzinho Orleans (atual município de Curitiba), Antônio Rebouças (atual município de Campo Largo), Muricy e Inspetor Carvalho (atual município de São José dos Pinhais)¹⁰ (ver mapa 3, em anexo). Outras famílias foram instaladas pelo governo em novas colônias destinadas especialmente aos italianos, a exemplo de Alfredo Chaves e Santa Maria do Novo Tirol, situadas respectivamente nos atuais municípios de Curitiba e São José dos Pinhais. Outras ainda, que possuíam algumas economias, formaram colônias espontâneas, adquirindo terras da municipalidade de Curitiba, como a colônia Senador Dantas, hoje bairro Água Verde, ou comprando-as de particulares, a exemplo das colônias de Santa Felicidade, Ferraria, Campo Magro, Bateias e outras (HUTTER, 1987; BALHANA, 1987).

Entre 1886 e 1891, outras colônias de composição étnica heterogênea formadas por imigrantes poloneses, italianos e ucranianos foram fundadas nos arredores de Curitiba e no interior do Estado nos atuais municípios de Palmeira, São Mateus e Campo Largo.

No interior do Paraná, os imigrantes italianos constituíram a única experiência anarquista realizada no Brasil. No período de 1890-95, um grupo de imigrantes fundou um núcleo agrícola experimental anarquista na comarca de Palmeira, nos Campos Gerais. Esta iniciativa, que ficou conhecida como Colônia Cecília foi idealizada por Giovani Rossi, médico, agrônomo e militante socialista italiano, o qual obteve junto ao governo brasileiro a concessão de 300 alqueires de terra. Na Colônia Cecília, reuniram-se aproximadamente 120 imigrantes do norte da Itália, entre intelectuais, técnicos, artífices e lavradores, todos

¹⁰ Segundo Balhana et alii (1969) as colônias Muricy, Antônio Rebouças e Inspetor Carvalho, todas posteriores ao projeto de Lamenha Lins, foram fundadas em 1878 com imigrantes italianos e poloneses.

vivendo sob os ideais anarquistas baseados no comunismo, amor livre, anticlericalismo e liberdade. Com a dissolução da colônia devido principalmente à revolução federalista, os italianos fixaram-se nos núcleos urbanos principalmente em Curitiba (STADLER, 1970). Nesse período, Curitiba já possuía uma industrialização incipiente, e o movimento operário dava seus primeiros passos com a criação das associações de caráter mutualista como a Sociedade Protetora dos Operários e a Società Italiana di Mutuo Socorso Giuseppe Garibaldi (GAZETA DO POVO, 1993). Até o início do século XX, existiu em Curitiba uma forte imprensa direcionada aos imigrantes italianos, tendo sido responsável pela produção de diversos periódicos de orientação anarco-socialista, a maioria de curta duração, como *Itália*, *Corriere D'Itália*, *Il Corriere Degli Italiani*, *Il Roma*, entre outros (MIO, 1956).

A grande imigração italiana para o Brasil deu-se de forma intensa na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do XX (HUTTER, 1987, p. 99). No período de Governo de Getúlio Vargas, a Constituição de 1934, através de um regime de cotas, permitia “a entrada anual de apenas 2% do número de imigrantes de cada nacionalidade vindos nos últimos 50 anos” (PETRONE, 1984, p.13)

A imigração italiana no Paraná teve um caráter predominantemente rural. Ao contrário dos imigrantes alemães, que preferiram fixar-se nos centros urbanos, a grande maioria dos imigrantes italianos, assim como os poloneses, fixou-se no campo. Apenas uma minoria formada por operários, artesãos, profissionais especializados, comerciantes e industriais estabeleceu-se em Curitiba.

Os imigrantes italianos, assentados pelo governo, inicialmente, em colônias de

composição étnica heterogênea e, posteriormente, em colônias homogêneas, eram em sua maioria camponeses, católicos, oriundos da região do Vêneto¹¹ (mapa/anexo 4). Assim como os que fundaram colônias espontâneas nos arredores de Curitiba.

A partir da década de 1930 até a Segunda Guerra Mundial, período conhecido como Estado Novo, diversas medidas repressivas foram adotadas contra os imigrantes europeus e seus descendentes. Na tentativa de promover uma nacionalização forçada, o governo proibiu as publicações em língua estrangeira, fechou clubes e associações culturais dos imigrantes, procurando impedir qualquer manifestação de etnicidade.

Com o crescimento das cidades, um processo que se intensifica entre as décadas de 1950-1970, as colônias de imigrantes europeus foram sendo englobadas por Curitiba ou pelos Municípios vizinhos de Colombo, São José dos Pinhais e Almirante Tamandaré, transformando-se em bairros.

Em Curitiba, nos bairros de Santa Felicidade, Água Verde e Umbará, antigas colônias italianas, ainda hoje concentra-se uma grande população de descendentes de imigrantes dessa origem (mapa/anexo 5).

1.2 A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO PARANÁ E O DISCURSO DAS ELITES

No Paraná, desde o final do século XIX e início do XX, um grupo de intelectuais de-
dicou-se a reescrever a história local a partir da imigração européia, a exemplo das obras de Sebastião Paraná e Romário Martins. Para estes autores, o objetivo da imigração era

¹¹ Região do norte da Itália formada pelas províncias de Veneza, Pádua, Rovigo, Verona, Vicenza, Treviso e Belluno (BALHANA, 1958).

introduzir no despovoado território paranaense o maior número de imigrantes brancos do norte da Europa, considerados “morigerados e operosos”, os quais, miscigenados com a população nacional, produziriam um novo “Homem Paranaense”.

O Paraná não tem ainda população nem para a décima parte de seu grande e soberbo território; portanto introduzam-se nelle desde já milhares de imigrantes morigerados e operosos. Em menos de meio século não teremos mais nenhum destes; mas em compensação, a sua prole innumerável, composta de individuos vinculados pelos laços de amor e de interesse ao solo que lhes serviu de berço, concorrerá efficazmente para a opulencia coletiva. (PARANÁ, 1899, p. 362, sem grifo no original).

Em Romário Martins, a idéia de aperfeiçoamento da raça local assume a metáfora de uma transfusão sanguínea para “reanimar um povo agonizante”:

Dessa futura transfusão surgirá, aparelhada para luctas e conquistas historicas bem diferentes das que até aqui conseguira o sub-tipo nacional, a raça que se prepara no cadinho onde as immigrações refundem as soluções ethnicas do nosso passado. (MARTINS, 1908 [?], p. 43, sem grifo no original)

No período compreendido entre as décadas de 1930 a 1950, as teorias sobre aculturação e assimilação influenciaram o pensamento da intelectualidade brasileira. Os estudos produzidos nesse momento enfatizavam a dinâmica do contato interétnico e o conseqüente desaparecimento dos grupos étnicos e de suas culturas frente à sociedade nacional (SEYFERTH, 1994).

No Paraná, o olhar dos historiadores, políticos e intelectuais, voltava-se para o **Homem Paranaense, brasileiro, branco**, descendente de imigrantes europeus. Grandes sínteses falam do Paraná como sendo “Um Brasil Diferente” (MARTINS, 1955), onde todas as raças adaptaram-se e contribuíram para o seu crescimento. Um Paraná idealizado, diferente das outras regiões do Brasil, onde a influência da colonização portuguesa e das culturas africana e indígena seria quase inexistente:

(...) a presença do imigrante, em primeiro lugar, e, depois, a ausência do português e a

inexistência da escravatura, de tal forma que os dois últimos não chegaram a atuar como forças sociologicamente ponderáveis. (MARTINS, 1989, p. 5, sem grifo no original)¹²

Por isso o **Paraná** constituiu-se em uma ilha ou numa **região diferente**, dentro do arquipélago brasileiro, sofrendo a propagação ou a infiltração de culturas alheias à primeira fase de sua formação. Talvez seja ele hoje o **mais europeizado** de todos os Estados Brasileiros, mas nem por isso menos brasileiro,... (...) a região paranaense recebeu gente de todas as latitudes reunindo uma **pluralidade de etnias e culturas**. E a sua singularidade talvez já se possa qualificar como a de ter harmonizado a todas sem deixar também de aproveitar delas coisas boas e más, está claro, mais de qualquer modo se estereotipando em novos valores, em valores **neobrasileiros**, através de tudo que tais culturas estranhas trouxeram ou permitiram que se acrescentasse ao vigor nacional, que no Paraná não podia se contentar apenas com as tradições ou as sobrevivências da cultura lusa. Ou mesmo da cultura luso-indo-africana, de camadas estratificadas ou sedimentadas tão minguadamente no itinerário histórico paranaense.

(LINHARES, 1985, p. 248-249, sem grifo no original)¹³

O mito do Paraná europeizado, onde todas as raças contribuíram com o melhor de si na construção de uma Terra do Futuro, ainda persiste no discurso oficial e no senso comum. Em 1993, quando a Capital Paranaense completou seu aniversário de 300 anos de fundação, esse mesmo discurso vestido com uma nova roupagem veio a tona.

Curitiba é uma rua que passa por muitos países. É uma cidade que também abriga o Brasil inteiro dentro de si. Curitiba é a pátria de todos os utopistas, de todos aqueles que ousam construir. (...) Bendita seja Curitiba. Casa e caminho. Cidade construída por todos os povos : alemães, ucranianos, poloneses, russos brancos, italianos, japoneses (...).

(MACEDO, 1993, p.15)¹⁴.

Durante as comemorações dos 300 anos, o projeto Terra de Todas as Gentes, desenvolvido pela Prefeitura de Curitiba, procurou valorizar determinados grupos étnicos que participaram na formação da população curitibana especialmente poloneses, italianos, ucranianos e alemães. Nesse contexto de pluralidade cultural e visibilidade das diferenças,

¹² A obra de Wilson Martins "Um Brasil Diferente : ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná" foi publicada pela primeira vez em 1955. Entretanto, para este estudo estou utilizando uma 2ª edição publicada em 1989.

¹³ A obra de Temitocles Linhares "Paraná Vivo" foi originalmente publicada em 1953. Neste estudo utilizo a edição de 1985.

¹⁴ Discurso do Prefeito de Curitiba Rafael Grecca de Macedo.

esses grupos étnicos foram mobilizados, investindo-se na (re)construção de suas etnicidades. No Calendário dos Festejos dos 300 anos foram incluídas festas praticadas no interior dos grupos étnicos, cultos religiosos, espetáculos, feiras e exposições, dramatizando a pluralidade étnica da população curitibana¹⁵.

Essa grande visibilidade dos grupos étnicos na Curitiba dos 300 anos contrasta com o aniversário dos 250 anos da cidade, comemorados em 1943 em plena Segunda Grande Guerra. Nesse período, o que havia era um grande ocultamento das identidades étnicas. Aos olhos oficiais, os descendentes de imigrantes provenientes dos países com o quais o Brasil estava em guerra, Alemanha, Itália e Japão, eram considerados inimigos e, portanto, perigosos (COSTA, 1995 b).

Da mesma forma, na pesquisa com os “italianos” de Santa Felicidade também pude constatar o contraste entre a repressão e o ocultamento da etnicidade no período da Segunda Grande Guerra, em relação à extrema visibilidade e o prestígio alcançado por este grupo étnico no cenário dos 300 anos de Curitiba.

1.3 SANTA FELICIDADE DE COLÔNIA A BAIRRO

Vieram nossos pais e avós atravessando os mares, e trouxeram os usos italianos para essas colinas de Santa Felicidade. Primeiro os italianos ficaram em Alexandra, em Porto de Cima, lá perto de Morretes, fazia um calor de morrer, eles diziam: *caldo da morire*. E pediram à Sociedade de Imigração (...) para subir a serra para vir à Curitiba. E foi sábia e bendita a decisão que os trouxe ao lugar que chamam de Santa Felicidade”. (Discurso do Prefeito Rafael Grecca de Macedo, 36ª Festa da Uva de SF¹⁶,

¹⁵ Este é um tema de pesquisas desenvolvido no Projeto Integrado Etni (-) Cidade : estudo antropológico de grupos étnicos em Curitiba. Ver a respeito Costa e Feldman-Bianco(1993), Costa (1995a;1995b, 1996), Kluge (1995),Moreira (1994),Possebom (1995),Sanches (1995),Teodoro da Silva (1995), Lima (1995), Freitas (1995), Candelori (1995) e Brandalise (1995).

¹⁶ Utilizarei daqui por diante as letras SF, para abreviar eventualmente, o nome Santa Felicidade.

1994).

De acordo com os relatos dos pioneiros, registrados em 1908 pelo padre Giuseppe Martini (1978, p. 12-30), a colônia de Santa Felicidade foi fundada em novembro de 1878, por quinze famílias de imigrantes italianos retirantes da Colônia Nova Itália. Este grupo de imigrantes italianos da região do Vêneto, chegou no Porto de Paranaguá em janeiro de 1878, tendo sido fixado pelo governo no litoral paranaense. Mais precisamente, em Porto de Cima e São João da Graciosa, núcleos da colônia que foi denominada Nova Itália.

Insatisfeitos com o clima tropical, e com a qualidade do solo do litoral, os italianos começaram a se interessar pelos relatos otimistas dos tropeiros, que transitavam entre o litoral e o planalto curitibano.

No mesmo ano de 1878, algumas famílias subiram a Serra do Mar até Curitiba, solicitando ao Ofício de Imigração sua transferência para o planalto. Muitas dessa famílias foram fixadas em colônias já existentes, próximas a Curitiba. Aquelas que possuíam alguma economia decidiram comprar terras de particulares. Reunindo os recursos de todo o grupo, as quinze famílias compraram o terreno pertencente aos irmãos Antônio, Arlindo e Felicidade Borges. Ao venderem o terreno aos italianos, os irmãos Borges teriam solicitado que o núcleo colonial passasse a chamar Felicidade, em homenagem a sua irmã. Segundo o padre Maximiliano Sanavio, vigário local, “os italianos” por serem católicos acrescentaram a palavra santa ao nome sugerido pelos brasileiros, e a colônia ficou sendo denominada Santa Felicidade, em homenagem a uma mártir romana.

A colônia compreendia a região conhecida atualmente como **núcleo histórico** do

bairro de Santa Felicidade. Além dos lotes coloniais primitivos, com as casas dos colonos dispostas ao longo de uma picada central, foi erguido um conjunto de edificações pelos primeiros imigrantes ali estabelecidos. O prédio principal é o da Igreja de São José de Santa Felicidade, construída em 1891, seguido da escola das irmãs do Sagrado Coração de Jesus, do cemitério da colônia e dos estabelecimentos comerciais.

A estrutura da colônia de Santa Felicidade seguiu o mesmo padrão observado por Seyferth entre as colônias estabelecidas no sul do Brasil, guardadas as diferentes proporções dos lotes :

(...) é a divisão de terras obtidas por concessão ou por compra, em forma de lotes pequenos de 25 a 30 hectares. Os lotes eram demarcados a partir da abertura de uma picada central, a qual transformava-se em estrada, culminando com o surgimento de pequenos povoados. Neste eixo central erguia-se a capela e as casas de comércio. (SEYFERTH, 1990, p. 22-23).

Na Província do Paraná, os lotes das colônias oficiais estabelecidas durante o governo de Lamenha Lins (1875-1877) nos arredores de Curitiba, possuíam em média 8 hectares (PARANÁ, 1877, p. 82). Já os lotes das colônias italianas estabelecidas no Rio Grande do Sul no mesmo período, eram maiores (15 a 60 hectares), seguindo um plano do Governo local denominado sistema disperso de vizinhança.

Coberta por uma densa floresta de pinheiros, a terra era dividida em 16 secções de 6 km², as quais por sua vez eram divididas em parcelas de 15 a 60 ou mais hectares em uma forma retangular, perpendicular as estreitas estradas chamadas de travessões ou linhas, similares ao padrão utilizado na área de colonização alemã. (...) Os travessões estendiam-se paralelamente um ao lado do outro, em intervalos de 1 a 2 kms. Sua regularidade tornou-se a principal determinante no desenvolvimento subsequente da vizinhança. Cada casa distava centenas de metros de seu vizinho. Uma vez que todas estavam voltadas para as estradas, a comunicação entre os vizinhos e o transporte dos produtos era relativamente fácil. Entretanto as correspondências e crônicas deste primeiro período enfatizam solidão e o isolamento.

(AZEVEDO, 1979, p. 89).

O terreno adquirido pelos italianos de Santa Felicidade foi dividido em quinze lotes de dois alqueires, demarcados lado a lado a partir de uma picada central, e distribuídos por

Coberta por uma densa floresta de pinheiros, a terra era dividida em 16 secções de 6 km², as quais por sua vez eram divididas em parcelas de 15 a 60 ou mais hectares em uma forma retangular, perpendicular as estreitas estradas chamadas de travessões ou linhas, similares ao padrão utilizado na área de colonização alemã. (...) Os travessões estendiam-se paralelamente um ao lado do outro, em intervalos de 1 a 2 kms. Sua regularidade tomou-se a principal determinante no desenvolvimento subsequente da vizinhança. Cada casa distava centenas de metros de seu vizinho. Uma vez que todas estavam voltadas para as estradas, a comunicação entre os vizinhos e o transporte dos produtos era relativamente fácil. Entretanto as correspondências e crônicas deste primeiro período enfatizam solidão e o isolamento. (AZEVEDO, 1979, p. 89).

O terreno adquirido pelos italianos de Santa Felicidade foi dividido em quinze lotes de dois alqueires, demarcados lado a lado a partir de uma picada central, e distribuídos por sorteio entre as famílias. Segundo padre Martini, que viveu em Santa Felicidade trinta anos após a sua fundação, este primeiro terreno estendia-se “da Casa Comparin até o rio Uvu, que dá água ao moinho do Boscardin” (MARTINI, 1978, p. 14). A casa da família Comparin sitava-se próxima ao atual Restaurante Casa dos Arcos.



Fig.1 – Casa mandada construir pelo imigrante italiano Marco Mocellin em 1895. Hoje Restaurante Casa dos Arcos.

Já o rio Uvu afluente do rio Barigüi desagua em uma cascata, na propriedade da família Trevisan onde hoje se localiza o Restaurante Cascatinha.

Pelo o que eu conheço o riu Uvu começa pertinho da minha casa (rua Saturnino Miranda ver planta 1 em anexo), ele desce, ele atinge aqui a família Esmanhoto, atinge aqui o Pinheirinho, que também eles falam Pinheirinho mas é Santa Felicidade, que está a mil e poucos metros da rua Saturnino Miranda, ele vai descendo e depois atinge o Cascatinha. (A.M., “italiano”, vereador de SF).



Fig. 2 – Cascata do Riu Uvu, Restaurante Cascatinha.

Logo, chegaram outras famílias de imigrantes italianos, que haviam comprado terrenos do alemão Wolf e dos brasileiros Paulo França e João de Freitas.

Bom, a família Wolf, que eu saiba foi a família que mais tinha propriedade em Santa Felicidade. Se eu não me engano era uma área de 107 alqueires, que começa aqui do lado da minha loja (rua Saturnino Miranda), e atinge o Jardim Pinheiros inteiro, o Jardim Ipê e vai indo até lá embaixo, até chegar no rio Barigui. (A..M., “italiano”, vereador de SF).



Fig. 3 – Irmãos Budel. Família de imigrantes italianos que chegou à Colônia de Santa Felicidade em 1890. Alguns dos meus informantes “italianos” são descendentes desta família. Acervo: Casa da Memória.

Em seus lotes coloniais, os italianos construíram a casa e plantaram a horta, o vinhedo, algumas árvores frutíferas, iniciando também a criação de galinhas e porcos. Com muito trabalho e economia, algumas famílias passaram a adquirir outros lotes fora

dos limites da colônia¹⁷, para produção de milho, feijão e abóboras. Desta forma, para usar as categorias nativas locais, Santa Felicidade ficou dividida em duas áreas distintas: **colônia e roça.**

Segundo informantes as **roças** situavam-se no atual município de Almirante Tamandaré, em localidades denominadas Ouro Fino, Campo Novo, Queimada, Meia Lua da Conceição, entre outros.

As famílias tinham áreas de terra fora de Santa Felicidade. Juntavam seis, sete famílias e iam carpindo a roça todos eles. E a noite se reuniam para cantar, contar, piada, e histórias de medo. Eles ficavam uma semana, quinze dias. Só ficavam em casa os idosos e umas moças para cuidar dos animais. Se juntavam em trinta a quarenta pessoas naqueles paióis. Eles retornavam no sábado (...).(M.F., “italiana”, proprietária de restaurante em SF).

Já o centro da **colônia** marcado pela **igreja** e pela **venda** era o cenário onde se teciam as relações de sociabilidade¹⁸ do grupo. A igreja exercia grande influência sobre os colonos. Nos fins de semana, as famílias que estavam em suas roças vinham para a colônia e participavam da “missa de domingo”, o maior evento social local. Também entre as colônias italianas do Rio Grande do Sul, a capela tinha uma enorme importância na vida dos colonos.

A capela, então, muito cedo assumiu funções variadas. Ela simbolizava a associação de pessoas do assentamento humano recém criado, ela os lembrava de sua distante terra natal; servia como um local de veneração onde o pároco também um italiano, conduziria a reza, as procissões, funerais, batismos e casamentos. Também funcionava como um centro recreacional com a sua copa contigua (cozinha comunitária). Os colonos podiam reunir-se a noite, nos

¹⁷ Segundo Balhana (1958) essas roças situavam-se até 30 quilômetros de distância da colônia, fazendo com que os “italianos” despendessem até cinco horas de viagem de carroça para atingi-las.

¹⁸ Segundo Heilborn (1984, p. 84) : “a sociabilidade pode se constituir como um todo, um conjunto de relações que um dado grupo atualize sob a forma do que se denomina de lazer ou recreação e que nele esteja presente, mesmo porque é impossível o contrário, eventuais emergências dos ditos fatores externos”. Ver também Simmel (1971) e Ariès (1978).

domingos e em dias de festa para conversar, jogar cartas, e manter vivo os jogos italianos de mora e boccias, sempre bebendo o vinho que tinha começado a ser produzido em seus próprios vinhedos. Estas atividades estavam submetidas é claro, a comunidade da capela, controlada pelos padres, e responsável pelo planejamento de atividades religiosas, vigiando a moralidade, fomentando a cooperação, e concedendo status a cada micro sociedade delimitada pelo travessão. (AZEVEDO, 1979, p. 91).



Fig. 4 – Igreja de Nossa Senhora de São José de Santa Felicidade, inaugurada em 1891.

Em Santa Felicidade, um importante ponto comercial de sociabilidade na colônia no século passado foi a Casa Culpi. Os imigrantes italianos vendiam seus produtos hortifrutigranjeiros em Curitiba, mas se abasteciam na Casa Culpi, de onde se dirigiam para as roças. Segundo Balhana, as vendas ou *negozi* constituíam espaços de sociabilidade masculina:

É nos negócios que os homens se encontram para conversar e jogar, especialmente aos domingos, após a missa e nos dias de festas. (...) Os negócios antigos vendiam um pouco de tudo, mas os colonos poucas mercadorias adquiriam. Em geral se limitavam a compra de café,

açúcar e sal, e outras especiarias que não produziam em casa, e alguns produtos industriais de primeira necessidade. Antigamente era, porém, aos sábados que o negócio vivia o seu dia de maior animação, pois que ali eram realizados os bailes que davam início às festas de casamento, na época em que esta cerimônia era de preferência celebrada pela manhã.

(BALHANA, 1958, p. 91)



Fig. 5 – Casa construída em 1990 pela família Culpí, hoje Memorial da Imigração Italiana.

Santa Felicidade cresceu em torno da picada central transformada em estrada pelos colonos para dar escoamento aos seus produtos. Conforme informações do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem - DER, na década de 1940, essa antiga estrada carroçável foi macadamizada e ampliada, passando a ser conhecida como Estrada do Cerne¹⁹, rodovia que liga Curitiba ao norte do Paraná. Em 1948, com a chegada do

¹⁹ Rodovia do Cerne, PR 090 que liga Curitiba ao Município de Pirai do Sul.

asfalto, o trecho urbano da Estrada do Cerne, que atravessava o centro do bairro de Santa Felicidade, ligando-a ao centro de Curitiba, recebeu o nome de avenida Manoel Ribas²⁰.

É importante mencionar, novamente, que a colônia de Santa Felicidade e as demais colônias situadas ao redor de Curitiba formavam no século passado um verdadeiro Cinturão Verde, delas dependendo o abastecimento da Capital do Estado. Diariamente, nas primeiras horas da manhã, partiam as colonas em suas carroças abarrotadas de lenha, cereais como feijão e milho, legumes e verduras frescas; seguiam o trajeto dos bairros Campina do Siqueira, Mercês e Alto do São Francisco até o centro da cidade. O abastecimento de Curitiba, tradicionalmente, era feito por colonas italianas e polonesas que circulavam com suas carroças pelas ruas, vendendo os seus produtos de porta em porta (COSTA, 1982; COSTA; DIGIOVANNI, 1991). Como consequência, as carroças das colonas de Santa Felicidade "coloriam as manhãs curitibanas"²¹ até tempos recentes, carregando uma imagem do bairro. Metaforicamente, era através dessas mulheres, portanto, que "*Santa Felicidade*" vinha a Curitiba (COSTA e DIGIOVANNI, 1991).

Com o crescimento da Capital paranaense, a cidade incorporou as colônias de imigrantes situadas em seu entorno (mapa / anexo 6). Santa Felicidade tornou-se um bairro. A consequente valorização dos terrenos fez com que as chácaras²² começassem a diminuir de tamanho – por causa de loteamentos – e a desaparecer. A mudança nos

²⁰ Em homenagem ao interventor Manoel Ribas, nomeado pelo Presidente Getúlio Vargas para Governar o Estado do Paraná no período de 1932-1945.

²¹ "A presença dessas caravanas de carrocinhas nas vias que dão acesso à Capital Paranaense tem sido observada e descrita como um dos aspectos mais interessantes da "paisagem curitibana" (BALHANA, 1958, p. 92). Ver ainda reportagem da revista Manchete : "Caravana da Felicidade chega de manhã"(1957).

²² Contrastando com o mencionado por Seyferth (1990), que diz que o termo *colônia* no Vale do Itajaí em Santa Catarina, designa também os lotes, propriedades individuais dos imigrantes, em Curitiba estas são conhecidos como *chácaras*.

padrões de herança entre as famílias de colonos italianos também contribuiu para a extinção das chácaras e, conseqüentemente, do próprio campesinato.

No início da colônia, cabia ao filho mais novo a herança do lote, além da responsabilidade de cuidar da velhice dos pais. Os filhos homens casados, após um período vivendo com os pais, adquiriam com a ajuda dos mesmos um outro lote na colônia. As filhas, após o casamento, passavam a viver com a família do marido e, da mesma forma, assim que este juntasse a economia necessária, o casal transferia-se para um novo lote. Também entre os colonos italianos do Rio Grande do Sul, o sistema de herança visava à preservação dos lotes, os quais deveriam permanecer indivisos. A terra constituía uma unidade de produção e deveria ser herdada por apenas um dos filhos.

A família e sua terra constituía uma única unidade de produção e a essência da sociedade. Mas para este complexo perdurar, limites tinham que ser estabelecidos no direito de herança. Para este fim, um único padrão era usado por todas as colônias no sul do Brasil, um padrão em total acordo com o que os colonos italianos tinham herdado de sua própria tradição. Cada patrimônio familiar era inalienável de sua linhagem. Idealmente este deveria persistir indiviso geração após geração. O herdeiro era preferencialmente um homem, ainda que excepcionalmente uma esposa, viúva ou uma mulher solteira poderia também herdar. Usualmente somente um dos filhos poderia permanecer com a terra. Se muitos reivindicassem, então poderia ser considerado como área comum. O restante da prole iriam embora, sendo usualmente recompensados de várias formas. A regra geral, era que o herdeiro fosse o filho capaz mais jovem. A transferência dos direitos poderia ocorrer ainda em vida, quando o cabeça da família se considerasse incapaz de continuar, ou imediatamente após a sua morte. Como é o caso em todas as estruturas de linhagem familiar rural, o propósito disto era reter a herdade intacta e uma unidade economicamente viável. (AZEVEDO, 1979, p. 93)

Em Santa Felicidade, segundo uma das informantes, por volta da década de 1940 o padrão de herança entre os italianos já havia mudado, assemelhando-se ao nacional no que se refere à divisão dos bens entre os filhos homens e mulheres indistintamente. Entretanto, ao contrário da lógica de herança brasileira, os “italianos” de Santa Felicidade não dividiam seus bens de forma igualitária. O bem maior era a terra e

deveria ser preservada intacta. Muitos chefes de família italianos possuíam dois ou mais lotes. Para manter os lotes indivisos, era realizado um sorteio com palitos²³ entre os herdeiros. Geralmente os lotes distribuídos por sorteio tinham tamanho e valores diferenciados. Pelo fator sorte, alguns filhos acabavam levando vantagem sobre os demais.

Todos iguais as vezes eles faziam negócio de palito. No começo mesmo eles gostavam de deixar a casa deles para o mais novo e aquele que ficava morando junto, e os outros saíam da casa. Os pais davam o terreno para fazer a casa. (E. P., “italiana”, proprietária de restaurante em SF)

Ao contrário dos “italianos” de Santa Felicidade, grande parte dos colonos poloneses manteve suas chácaras indivisas até a década de 1970. Costa (1982), em sua pesquisa sobre padrões de residência e de herança, em duas colônias polonesas próximas a Curitiba, observou a relação direta entre a manutenção das chácaras e a reprodução do sistema de campesinato. Em uma das colônias estudadas foi constatado um processo mais lento de adaptação ao sistema de herança brasileiro, através de formas de manipular a lei a favor da manutenção da tradição. Cabia ao pai, a escolha de um dos filhos para ser o herdeiro da chácara; os demais filhos homens recebiam auxílio na compra de seus próprios lotes.

Em Santa Felicidade, entre os colonos italianos, a transformação no padrão de herança, e a conseqüente divisão dos lotes entre os herdeiros, fez com que muitas famílias abandonassem mais rapidamente suas atividades agrícolas. Entretanto, há ainda em Santa

²³ Sorteio com palitos : o responsável pelo sorteio segura um determinado número de palitos na mão, com diferentes tamanhos, cada participante tira um dos palitos. Vence aquele que pegar o palito maior.

Felicidade algumas famílias “italianas” que mantêm estas atividades. Segundo um vereador do bairro, a crescente valorização da terra e o aumento de impostos como o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) têm provocado a saída de alguns moradores, que acabam vendendo o seu lote e compram um maior no município vizinho de Almirante Tamandaré.

A proximidade da cidade e a crescente oferta de trabalho incentivaram a especialização de mão-de-obra voltada para serviços profissionais como carpinteiros, ferreiros, alfaiates, barbeiros, pedreiros etc., conforme já observado por Balhana (1958).

Produtos artesanais confeccionados somente para o consumo interno da colônia também passaram a ser comercializados na cidade. A produção de vinho nos porões das casas dos colonos e a de utensílios de vime destinados ao consumo doméstico transformaram-se em atividade rentável. Gradativamente a produção tornou-se cada vez mais especializada propiciando o surgimento de pequenas indústrias de vinho e de vime (BALHANA, 1960).

Também a comida da mesa dos imigrantes passou a fazer parte do cardápio dos pequenos restaurantes, surgidos a partir da década de 1940, em função do movimento de caminhoneiros que transportavam suas mercadorias pela Estrada do Cerne e, portanto, do centro da colônia.

Dessa forma, paralelamente à atividade camponesa tradicional, novas atividades se implantaram na colônia e, ao lado dos “colonos” agricultores, novas categorias sociais começaram a surgir: trabalhadores assalariados, profissionais especializados prestadores de serviços, além de uma elite comercial emergente voltada para as indústrias artesanais.

As carroças que levavam as italianas à cidade, para vender os produtos da colônia, foram, aos poucos, se tornando apenas lembranças. Santa Felicidade não precisava mais “ir a Curitiba”. Os curitibanos agora vinham até ela comprar o vinho e o vime, comercializados nas adegas, nas fábricas e lojas de artesanato. E, principalmente, acorrem aos restaurantes de “mesa farta e comida boa”.

2 IDENTIDADE ITALIANA E ETNOGRAFIA DO BAIRRO

Santa Felicidade – A Bela Itália em Curitiba.
(MERCER, in RAVAZZANI et alii, 1991, p. 80)

2.1 O CENÁRIO

A Colônia de Santa Felicidade, situada a 7 km da cidade de Curitiba, tornou-se distrito judiciário deste Município em 25 de março de 1916, através da Lei Estadual nº 1581 (BALHANA, 1958, p.38). O desenvolvimento intenso de Curitiba na década de 1950 fez com que a zona rural do município começasse a se encaixar desordenadamente à zona urbana da cidade (ver mapa 6, em anexo). Nesse período, durante a prefeitura de Ney Braga (1954-1958), os atuais bairros Xaxim, Uberaba, Boa Vista, Bela Vista, Campo Comprido e Santa Felicidade foram englobados à cidade, mediante um projeto de revisão do plano viário vigente conhecido como Plano Agache²⁴ (MEMÓRIA DA CURITIBA URBANA, 1990). Os atuais limites dos bairros de Curitiba foram definidos pelo Decreto Municipal nº 774 de 21 de outubro de 1975. Segundo ele, o bairro de Santa Felicidade situa-se na região noroeste de Curitiba, fazendo limites com os bairros Butiatuvinha, Lamenha Pequena, São João, Cascatinha, Santo Inácio e São Braz, e com o Município de Almirante Tamandaré.

Além de bairro, Santa Felicidade também é uma das regionais administrativas da

²⁴ Plano Agache : Plano viário que orientou o crescimento urbano de Curitiba desde 1943 até 1958, quando foi criado o Departamento de Urbanismo da Prefeitura de Curitiba, atual Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC (MENDONÇA, 1992, p.18-19).

município. Com o objetivo de descentralizar a administração, a Prefeitura de Curitiba, além de sua sede no centro da cidade, está dividida em seis regionais, Boa Vista, Santa Felicidade, Boqueirão, Cajuru, Pinheirinho e Portão. A Administração Regional de Santa Felicidade tem como área de atuação os bairros: Santa Felicidade, Augusta, Butiatuvinha, Campina do Siqueira, Campo Comprido 1, Cascatinha, Cidade Industrial 1, Lamenha Pequena, Mossunguê, Órleans, Riviere, Santo Inácio, São Braz, São João, Seminário e Vista Alegre. Da mesma forma que Santa Felicidade, muitos desses bairros eram áreas coloniais no século XIX.

O zoneamento²⁵ de Santa Felicidade não permite a construção de edifícios de mais de dois andares, também não existem hotéis e grandes shopping centers, fazendo com que o bairro mantenha algumas das características originais da antiga colônia, como a arquitetura colonial vêneta das casas dos imigrantes construídas no século passado. São exemplos desse patrimônio arquitetônico²⁶, as casas: dos Gerânios, das Pinturas, Bosa, Slompo, Boscardim, dos Arcos e a Casa Culpi (IMAGUIRE JR., 1978) (ver fig.5-6) .

²⁵ Segundo a Lei Municipal nº 4199 de 08 de maio de 1972, zoneamento “é a divisão do município em zonas de uso diferentes segundo sua precípua destinação, objetivando o desenvolvimento harmônico da comunidade e bem-estar social de seus habitantes”.

²⁶ As casas dos Gerânios, das Pinturas e dos Arcos, apesar de não serem tombadas pelo Patrimônio Histórico Estadual, constituem unidade de interesse de preservação (UIP) pela Prefeitura Municipal de Curitiba (IPPUC, 1990).



Fig. 6 – Casa dos Gerânios.



Fig. 7 – Casa das Pinturas. Fonte : Fernandes (1988, p.138). O Paraná

O bairro conta com diversos equipamentos públicos, como escolas municipais e estaduais, além de duas unidades de saúde do município. Desde 1992, foi inaugurado na atual avenida Via Vêneto²⁷, paralela à avenida Manoel Ribas, um terminal de ônibus ligado à rede integrada de transporte urbano de Curitiba, encurtando distâncias e reduzindo despesas com condução. Por outro lado, o bairro tem problemas de iluminação e saneamento básico; a rede de esgotos atinge somente a avenida Manoel Ribas.

Colonizado por imigrantes vênéticos, o bairro de Santa Felicidade possui hoje aproximadamente 20.000 habitantes (IBGE, 1991), apresentando uma população bastante heterogênea, dividida para efeitos administrativos em dois espaços físicos diferenciados : centro e periferia.

Há uma diferença entre a Santa Felicidade da Manoel Ribas dos italianos, e a santa Felicidade da periferia que eles [italianos] as vezes não consideram Santa Felicidade. (F.S., não “italiano”, diretor da administração regional de SF).

Essa divisão administrativa contrasta com as representações locais do espaço fazendo com que os limites do bairro de Santa Felicidade não coincidam com os limites da **Santa Felicidade dos italianos**, a saber com o “Vêneto” – demarcada em torno da avenida Manoel Ribas e dos lotes coloniais que constituem o centro da colônia e das famílias de origem imigrante.

Próximos ao centro do bairro localizam-se os “condomínios horizontais” de Santa Felicidade. Antigas chácaras dos italianos, preservadas indivisas até o final da década de

²⁷ Via Vêneto : rua de Santa Felicidade paralela à avenida Manoel Ribas, inaugurada em 1987. O nome dessa rua, escolhida em plebiscito pelos moradores, é uma homenagem da comunidade “italiana” do bairro à região da Itália de onde vieram os seus ancestrais.

1970, essas áreas foram aos poucos sendo vendidas e transformadas em loteamentos, onde predominam as casas amplas e com um mesmo estilo arquitetônico moderno, construídas em série em terrenos com grandes áreas verdes. Apesar de possuírem nomes italianos, *Jardim Vergínia, Vila Romana, Fortezza Di Capri, Castel de Carrara* etc., os moradores dos “condomínios fechados”, em sua maioria famílias de curitibanos e imigrantes paulistas de camadas médias, não possuem vínculos com as origens italianas do bairro.

Na periferia, ou seja, distante da avenida Manoel Ribas, situam-se também os loteamentos populares, como o **Jardim Pinheiros** e o **Jardim Ipê** (planta/anexo 1). Recentemente implantados, surgiram em áreas que não faziam parte da Colônia original de Santa Felicidade. Nesses loteamentos, com lotes padronizados de 12x30m, predomina o sistema ortogonal, em contraste com as ruas sinuosas da antiga colônia. São vilas extremamente carentes em infra-estrutura básica, contrastando com a avenida Manoel Ribas, “cartão de visitas de Curitiba”²⁸.

A avenida Manoel Ribas, o “coração” de Santa Felicidade, onde se concentra o comércio do bairro, é a principal via de ligação com a cidade. Logo no início de sua duplicação²⁹, desde 1990, ergue-se o Portal Italiano, inaugurado no contexto das celebrações dos 300 Anos pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Constituído por uma torre e dois arcos, representa respectivamente, a Igreja de São José de Santa Felicidade, a Casa

²⁸ A frase “Santa Felicidade é o cartão de visitas de Curitiba” é frequentemente utilizada pelos políticos paranaenses quando se referem ao bairro “italiano” de Curitiba.

²⁹ No final da década de 1980, a Avenida Manoel Ribas foi duplicada no trecho compreendido entre seu entroncamento com a Via Vêneto e a Praça Divina Pastora, no Bairro das Mercês, através de uma parceria entre o Governo do Estado do Paraná e a Prefeitura de Curitiba.

dos Gerânios³⁰ e o Restaurante Casa dos Arcos³¹. Segundo informantes, o portal simboliza a religiosidade cristã, a família e a vocação gastronômica local.



Fig. 8 – Portal de Santa Felicidade, sentido centro/bairro. Foto: Carlos Fernando Borges.

Seguindo pela avenida Manoel Ribas, após o Portal encontram-se os restaurantes, as lojas de móveis e artesanato em vime, as vinícolas, casas residenciais, além da Igreja, do cartório, instituições bancárias e um comércio variado³². A referência à Itália se faz presente nos nomes dos clubes, dos restaurantes e das casas comerciais: **Clube de Pesca**

³⁰ Construída em 1891 pela família Boscardim, na avenida Manoel Ribas, a Casa dos Gerânios é considerada patrimônio arquitetônico municipal.

³¹ Construída pela família Mocellin em 1895, abriga atualmente o Restaurante Casa dos Arcos.

³² Segundo a Legislação de Uso do Solo do Município de Curitiba (IPPUC, 1996), o trecho da avenida Manoel Ribas situado no bairro de Santa Felicidade está classificado como zona mista (SR1). Aí são permitidos : atividades vinculadas às tradições locais, o comércio e serviços vicinais e de bairro, e habitações unifamiliares e coletivas.

Vêneto, Restaurante Veneza, Restaurante e Cantina Pompéia, Mercado Itália, Verona Vídeo, Di-Capri Turismo etc.

Em Santa Felicidade, desde a década de 1970, toda uma indústria de turismo cresceu em torno dos restaurantes, vinícolas e do comércio de móveis e artesanato em vime. A produção informal de artesanato, a indústria de “fundo de quintal”, é responsável pela manutenção de mais de 150 famílias do bairro. Diversas lojas comercializam pequenos objetos confeccionados em madeira, cerâmica e vime. A indústria moveleira também é famosa. Além dos tradicionais móveis de vime, recentemente foram introduzidos novas matérias-primas, como o junco, rattan e cana-da-índia, além da madeira utilizada na produção de móveis rústicos. Das fábricas de móveis, a mais antiga pertence à família Túlio, situada na avenida Vereador Toaldo Túlio, perpendicular à Manoel Ribas. Seu fundador Natalino Túlio, com mais de noventa anos, ainda trabalha na fábrica diariamente.

A produção de vinho é outra atividade tradicional no bairro. A família Durigan é a mais antiga, trabalhando no ramo desde 1873. Atualmente possui a maior vinícola do bairro, chegando a produzir aproximadamente 170 mil litros de vinho por ano. A fábrica, além de dois pontos de comercialização, situa-se em plena Manoel Ribas. O segundo produtor é Lineu Dallarmi, que mantém uma produção artesanal de 100 a 130 mil litros de vinho por ano, comercializados em sua adega na avenida Manoel Ribas. Há ainda os Vinhos Santa Felicidade, vendidos na vinícola da família Strapasson, na avenida Vereador Toaldo Túlio, e o Vinho Madalosso servido nos restaurantes da família. Atualmente, à exceção de uns poucos parreirais, é quase inexistente a produção comercial de uvas em Santa Felicidade. O fruto é comprado no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no oeste

do Paraná.



Fig. 9 – Vista interna da adega Durigan.

Mas o “cartão de visitas” de Santa Felicidade, pelo qual ela é conhecida nacionalmente, são os restaurantes de comida típica italiana. Concentrados em um trecho de 9 km na avenida Manoel Ribas, situam-se 30 restaurantes do bairro. A maioria deles serve comida italiana, mas existem também restaurantes dançantes, churrascarias, restaurantes de frutos do mar, e até recentemente havia um restaurante japonês. Construídos com uma arquitetura exótica, os restaurantes italianos lembram castelos medievais, tanto na sua arquitetura externa quanto na decoração de seus salões. A arquitetura exuberante dos restaurantes contrasta com a arquitetura colonial Vêneta das casas dos imigrantes italianos, de forma que o passado e presente contribuem na construção deste “Vêneto” idealizado.

2.2 OS ATORES

2.2.1 Os “Italianos” de Santa Felicidade

Pretendo analisar aqui a categoria nativa “italianos de Santa Felicidade” em oposição às categorias contrastivas “outros italianos” e “curitibanos”. Considerando que a categoria “italianos de Santa Felicidade” constitui um grupo étnico, segundo o conceito clássico de Barth, o qual designa uma população que :

- a) se perpetua principalmente por meios biológicos;
- b) compartilha de valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;
- c) compõe um todo de comunicação e interação;
- d) tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem

(BARTH, 1969, p.10-11 in OLIVEIRA, 1976, p. 2).

Em sua análise, Barth (1969, p. 13) considera grupo étnico uma unidade organizacional demonstrando que, ao contrário do que se pensava, “o partilhar uma cultura comum” não deve ser o foco principal no estudo da identidade étnica mas sim a “auto-atribuição e a atribuição pelos outros”. Oliveira aprofunda a discussão sobre o papel da identidade étnica no estabelecimento de limites intergrupais elaborando o conceito de “identidade contrastiva”:

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma **negando** à outra identidade, **etnocentricamente** por ela visualizada. (OLIVEIRA, 1976, p. 5-6)

Desde a década de 1960, as relações interétnicas, principalmente no meio urbano,

tem sido pensadas a partir do conceito de etnicidade, e que “define a condição de pertencimento a um grupo étnico” (GLAZER; MOYNIHAN, 1975; BANTON, 1977; in SEYFERTH, 1994, p. 7). Diversos autores têm trabalhado com esse conceito enfatizando o seu papel na elaboração de limites étnicos, e destacando as dimensões político-econômica (GLAZER; MOYNIHAN, 1975; COHEN, 1969, 1974; in EPSTEIN, 1978) e afetiva da etnicidade (EPSTEIN, 1978).

Quando pensamos nos “italianos de Santa Felicidade” enquanto grupo étnico em contraste com “outros italianos” – de imigração mais recente que não passaram pela experiência do campesinato e com os nacionais – “os curitibanos”, estamos considerando uma identidade construída não somente a partir de uma origem étnica italiana em oposição à identidade nacional, mas também de uma experiência camponesa. Seyferth (1993) faz uma análise da dimensão étnica da identidade camponesa no sul do Brasil, através da categoria colono.

Os colonos não formam propriamente um grupo étnico nos termos das definições mais tradicionais encontradas na literatura antropológica, e criticadas por autores como Barth (1969), Aronson (1976) e Epstein (1978). O fato étnico é difícil de determinar teoricamente, e conceitos como os de grupo étnico, etnicidade, identidade étnica abarcam fenômenos muito variados, conforme demonstram Glazer e Moynihan (1975). Mas estes mesmos autores constataram a persistência e a importância das formas de identificação social baseadas em critérios de ordem étnica, mesmo quando o caráter de grupo está bastante diluído e, nesse sentido, estamos diante de fenômenos extremamente variados, em que cada caso é um caso. Assim, enquanto identidade camponesa, a expressão colono tem um significado étnico, cujo conteúdo incorpora elementos de diferentes tradições culturais para formar uma cultura própria da colonização, além do pressuposto da origem e das formas de construir a oposição em relação aos “outros” - os caboclos. (SEYFERTH, 1993, p. .54)

É importante ressaltar que a concepção de uma identidade italiana é uma construção que acontece no processo de imigração a partir da segunda metade do século XIX. Até 1871, data da unificação, a Itália estava seccionada em diversos reinos.

Conseqüentemente, as famílias que emigraram para o Brasil identificavam-se enquanto Venezianos, Tiroleses, Mantuanos, tornando-se “italianos” no contexto do contato com a população nacional (IANNI, 1963; COBALCHINI, 1988; ARAÚJO; CARDOSO, 1987).

Como descreve IANNI :

(..) os velhos imigrantes, principalmente os camponeses, se tornavam italianos no exterior. Atribui-se à um político do tempo da unificação a afirmação de que “a Itália estava feita, mas faltava ainda fazer os italianos”. Para vários milhões de italianos não houve tempo : emigraram. Para milhões o seu mundo acabava nas divisas do município, algumas vezes nas fronteiras da província. Não se viajava, não havia estrada, não era necessário viajar, havia os perigos e era preciso tirar passaporte para ir de um a outro dos vários estados em que antes estava dividida a Península. os dialetos eram outro fator de difemciação regional e de isolamento. Faltava a consciência e o sentimento de nação uma.(..)

Mas nas Américas ele se tornou italiano, no sentido de que começou a ter consciência do fato, mesmo quando os nacionais o chamassem apenas de “napolitano” ou de “siciliano”. Em geral o chamavam “italiano”- como aos outros “português”, ou “espanhol” ou “alemão”- algumas vezes até com o sentido pejorativo, e então com a consciência nacional começou também a nascer no emigrado a necessidade de defender a sua nacionalidade. “Sentir-se” italiano era uma nova dimensão de sua personalidade. (IANNI, 1963, p. 113-114)

Nesse processo, a Igreja Católica teve um papel fundamental na construção do sentimento de italianidade.

Thales de Azevedo, por exemplo, mostra que a religião católica funcionou como catalizadora da *italianità* na medida em que os colonos italianos confundiam a fê católica com a consciência nacional (AZEVEDO, 1982, p. 230 in Seyferth, 1993, p. 62). O papel do padre como veiculador da italianità, portanto como civilizador, é importante uma vez que a religiosidade, tanto quanto a língua italiana, servem como base para a manutenção dos valores étnicos. Os padres aliás tinham um duplo papel : eram sacerdotes e também professores. (SEYFERTH, 1993, p. 62)

No Brasil, grande parte das colônias italianas recebeu missionários italianos. Estes, em sua maioria, incluindo os missionários de Santa Felicidade, pertenciam à congregação de São Carlos ou Scalabrinianos, criada em Roma em 1880, especialmente para o atendimento aos imigrante italianos nas Américas (COBALCHINNI, 1988).

Assim, o padre e a Igreja até hoje são legitimadores da categoria nativa “italianos de Santa Felicidade”, imigrantes da região do Vêneto, que fundaram a colônia no século

passado. Em uma placa de bronze junto à entrada da Igreja de São José de Santa Felicidade, constam os nomes dessas famílias, tornando visível o critério de pertencimento ao grupo. Por outro lado, as relações transnacionais com a Itália ocorrem preferencialmente através desses padres italianos que vêm para Santa Felicidade via Congregação de São Carlos.



Fig. 10 – Placa instalada na Igreja de São José de Santa Felicidade em homenagem aos pioneiros da Colônia.

Esse “Vêneta” (re)construído no bairro tem como referência física os limites geográficos da antiga colônia de Santa Felicidade, cuja área compreendia a avenida Manoel Ribas e seus arredores, em um trecho que abrange os bairros de Santa Felicidade e

Butiatuvinha. Na lógica dos “italianos”, o espaço dividido pela Administração Municipal em dois bairros distintos constitui um todo contínuo e representa ainda o seu **território**, a colônia.

Santa Felicidade é até hoje vista como uma colônia mas de forma diferente, mais evoluída, mais aprimorada.

(M.F.; “italiana” de SF, proprietária de restaurante)

Esses diferentes mapeamentos do bairro remetem à discussão de Da Matta sobre o espaço urbano no Brasil:

Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenem também em oposições diferenciadas permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização. (DA MATTA, 1991, p.41)

Segundo informantes, o padrão colonial de assentamento das famílias de imigrantes italianos em grandes lotes, e a sua posterior subdivisão entre os herdeiros, foi responsável pela configuração atual do bairro, onde predominam áreas de concentração de determinadas famílias, conhecidas localmente como *contradas*. As *contradas* podem ser observadas no mapa de arruamento do bairro; são nomes de ruas em homenagem a determinados membros das famílias pioneiras, onde residem grande parte de seus descendentes, a exemplo da família Durigan, cujas casas situam-se nas ruas Ângelo Domingos Durigan, Ernesto Durigan, Romano Durigan, Pedro Durigan e Rosa Ceronato Durigan, situadas próximo à avenida Manoel Ribas. Da mesma forma, junto ao Trieste Futebol Clube, concentram-se os lotes da família Ferro, nas ruas José Faustino Ferro, Antônio Ferro e João Ferro. Próximo à Igreja de Santa Felicidade estão os Túlio, nas ruas

vereador Toaldo Túlio e Santo Túlio. Na avenida Manoel Ribas, já no bairro Butiatuvinha, nas ruas Germano Bozza, Botardo Bozza e Valentino Bozza, estão os lotes da família Bozza, e assim por diante.

As intensas relações de vizinhança entre as famílias proprietárias de lotes contíguos propiciaram um padrão recorrente de casamentos endogâmicos, as uniões entre membros de famílias “italianas” vizinhas e entre moradores de diferentes contradas. Uma das redes de parentesco local foi analisada no trabalho *Genealogia da Família Budel* (MARANHÃO, 1994), no qual faço um levantamento de dados genealógicos de uma das famílias pioneiras desde 1890 até 1992. Esses estudos revelaram, ainda que em menor proporção, a persistência de uma lógica endogâmica, como Balhana já havia observado na década de 1950. São exemplo, os casamentos realizados entre os membros das famílias Budel, Culpi e Ceronato, residentes no bairro de Butiatuvinha, território da colônia de Santa Felicidade. Esta complexa rede de parentesco faz com que ainda hoje a maioria dos “italianos de Santa Felicidade” considere-se parente.

Você vai vendo que existe um relacionamento grande, um parentesco, queira ou não queira, você vai encontrar um que é o primo do outro, parente, é tio, é sobrinho, isto acontece com frequência. É tudo parente, desde a organização um casando com outro, fazendo a corrente e as raízes. (E.C.; “italiano” de SF, presidente do Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba).

Paralelamente a essas famílias pioneiras, nos últimos 40 anos outras famílias provenientes da Itália ou migrantes italianos de outras colônias do sul do Brasil fixaram-se no bairro dedicando-se à atividade dos restaurantes. Durante a pesquisa de campo, quando

perguntei se esses “italianos”, proprietários de restaurantes de sucesso no bairro, faziam parte do grupo “italianos de Santa Felicidade”, não faltaram intrigas e fofocas.

Os X foram os últimos a chegar em Santa Felicidade. Eles nem daqui eram, são de Caxias do Sul, e eles dizem que são os primeiros (proprietários de restaurantes). (L.D.; “italiana” de SF, dona de restaurante que fechou).

Eles vieram muito depois. Nunca souberam o que é pegar na enxada.

(M.F., “italiana”, de SF, proprietária de restaurante).

Gluckman (1963), em seu estudo sobre fofocas e escândalos, descreve a correlação entre esses mecanismos e a manutenção da unidade e da moralidade de um determinado grupo social. As fofocas e escândalos acontecem entre pessoas e grupos que mantêm relações sociais próximas e afirmam a superioridade social do grupo escandalizado sobre o grupo que elabora a fofoca. Gluckman analisa um determinado tipo de fofoca observada em grupos altamente fechados e que se acham portadores de um *status* social mais elevado em relação ao grupo excluído.

(...) estes grupos tendem a ser hereditários; e antigamente eles eram, isto significa que cada grupo compreende não somente os membros atuais do grupo, mas também os do passado, ou seja, os mortos. E aqui situa-se um grande campo de ação para a fofoca como arma social. Para ser capaz de fofocar apropriadamente, o membro tem que saber não somente sobre o presente do grupo, mas também sobre os seus antepassados. Para os membros poderem ferir um ao outro através de seus ancestrais, e se você não puder usar este ataque é porque você é ignorante, então você está em uma posição fraca. Fofoca aqui é uma arma de dois gumes; por isto também significa que você não tem ancestrais no grupo para ser atacado- — em resumo você não tem ancestrais. E cada vez que alguém na sua presença referir-se a um escândalo sobre um outro ancestral, ou mesmo sobre o seu próprio ancestral, ele está gentilmente insistindo no fato que você não tem ancestrais e não pertence apropriadamente ao grupo (...).
(GLUCKMAN, 1963, p.309, tradução livre).

As intrigas que envolvem os italianos que chegaram depois e fizeram sucesso

econômico, comercial e social no bairro, fundamentam-se na história da formação da colônia descrita em “*O Bairro que chegou em um navio*” (BRAIDO, 1978), de autoria do vigário da Paróquia de Santa Felicidade, em comemoração ao centenário de sua fundação. Fundamentam-se também nos depoimentos dos informantes que relatam o orgulho que sentem pelos seus ancestrais, pioneiros que, com trabalho duro e sacrifício pessoal, construíram Santa Felicidade.

Um povo que nem o nosso que veio da Europa o sacrifício que passaram esses nossos bisavó, avô. Isso é uma loucura! Sinceramente, eu não sei se hoje com toda a segurança que a gente tem, eu não sei se hoje, acharíamos mil famílias dentro do Brasil, que quisessem fazer uma aventura como fizeram nossos bisavós de vir para o Brasil, uma terra nova, passar horrores. Porque, já pensou, atravessar o mar em 40 - 60 dias, eu não me recordo bem a história. Subir uma Serra do Mar, vir enfrentar o matagal, um lugar que nem a língua deles não falavam. Então você vê tem que dar o mérito àqueles que estão aí no nosso cemitério, falar a verdade, viu. O sacrifício dessas pessoas que vieram pra cá da nossa origem. Quanto mérito essas pessoas têm que ter.

(A. M.; “italiano” de SF, vereador)

Epstein chama a atenção para a importância da História na formação de identidades étnicas :

(...) não tanto no sentido de fornecer um registro autêntico do que realmente aconteceu no passado, nem em traçar uma trajetória do desenvolvimento histórico para demonstrar como o presente originou-se do passado, mas exatamente proporcionar às pessoas uma percepção do seu passado possibilitando-as, através de uma ênfase em certos valores, a fazer uma identificação positiva com seus antepassados. (EPSTEIN, 1978, p. xiii, tradução livre).

As narrativas dos informantes enfatizam valores considerados fundamentais pelo grupo como **família, trabalho e fé**, reconhecendo como exemplo a vida austera das

primeiras gerações de imigrantes. Segundo Seyferth, em seu estudo da identidade étnica entre colonos poloneses, alemães e italianos no sul do Brasil, “alguns elementos de identificação puderam ser observados nos tres casos : no início, a língua materna, a idéia de possuírem uma cultura comum, e a fé marcaram a diferença entre eles e os brasileiros” (SEYFERT, 1986, p. 69). Em outro artigo, Seyferth (1993) faz uma análise de como “virtudes camponesas transformam-se em virtudes étnicas”.

(...) a principal característica do colono pioneiro é a sua capacidade de trabalho, concebida geneticamente, e traduzida na transformação da floresta em colônia. Os discursos enfatizam a imagem pioneira de uma comunidade ideal construída pelos imigrantes a partir do trabalho familiar (implicando a participação de todos), através do qual surgiram as casas, as plantações (roças), as estradas, as escolas, as capelas, as associações sem qualquer concurso do estado brasileiro. (SEYFERTH, 1993, p. 48)

Voltando para as primeiras gerações dos “italianos de Santa Felicidade”. Seus descendentes lembram que no período da colônia as famílias patriarcais extensas dividiam uma única unidade residencial e constituíam uma unidade de trabalho. Quase não havia dinheiro, e a renda do trabalho, administrada pelo patriarca, era aplicada na ampliação dos lotes ou investida em sua atividade, a lavoura, a criação de porcos, o artesanato, a produção de vinho ou a marcenaria. Somente após a Segunda Guerra Mundial, influenciados pelos filhos que passaram a concluir seus estudos em Curitiba, é que os colonos “italianos” começaram a pensar em conforto e lazer.

Mas sempre sem dinheiro, duro toda vida. Mas a gente vivia bem. Pra você ter uma idéia, nós era em cinco irmãos e 4 irmãs, e meu tio tinha quatro filhas então a gente chegou a morar em vinte e duas pessoas na casa. Então era o meu pai que administrava tudo e a família, meu tio ia pra roça, minha tia fazia a comida e minha mãe ia na cidade comprar comida. Era tudo uma pobreza só, como eu tava te contando eu tinha quatro irmãs e quatro primas, então para ir a missa, elas trocavam o sapato, enquanto quatro iam a missa antes, as

outras quatro ficavam esperando para ir depois com o mesmo sapato, já pensou? Minha mãe ia debaixo de chuva vender as coisas na cidade para poder trazer alguma coisa pra nós. Minha mãe uma vez foi convidada para um casamento em Itaperoal Sul (hoje Rio Branco do sul), e não tinha dinheiro pra pegar o trem. Aí eu ia sempre com ela pra cidade, porque eu era o xodó dela, ela tava triste e eu perguntei pra ela porque ela tava tão triste, ela sempre comprava um dolé³³ prá mim, ela me disse que queria tanto ir ao casamento porque ia tá todos os irmãos dela lá, mas ela e o meu pai não tinham o dinheiro para ir. Agora isso eu juro foi um milagre de Deus, eu nunca mais me esqueci nós estávamos indo, quando de repente minha mãe parou a carroça, e desceu e andou um pouco, e juntou um maço de dinheiro que tava caído na esquina, era um dinheiro que dava para ir e voltar da viagem. Ela abraçou o dinheiro e disse : “ tá aqui, Deus quer que nós vá ao casamento”. E eles foram. Outra coisa era que depois de dois anos de casa construída é que eles foram colocar as vidraças na casa. Minha mãe foi uma santa ela ficava como uma criança quando conseguia comprar uma roupa pra nós. Nós sempre vivemos bem graças a Deus. Sempre, é claro, sem dinheiro, mas com muita felicidade. (G.F.; “italiano” de SF, presidente do Conselho Paroquial de Administração da Igreja de SF e proprietário de loja de artesanato no bairro).

Meus pais diziam assim: ‘ Vocês não sabem o que é sofrer. Vocês nasceram em outra época. A vida de vocês é um algodão!’. Eram tímidos começaram a vivenciar. (...) Ele era (avô), no fundo todo o italiano é grosso e romântico. Porque eles eram austeros, cobravam as coisas faziam trabalhar, mas eles eram carinhosos também. Os homens eram austeros grandões com aquelas maozões calejadas do serviço duro. E ao mesmo tempo eles eram carinhosos. (...) Eles eram pobres porque vieram de uma pobreza muito grande. Eles até

³³ Dolé : termo local utilizado para designar sorvete de palitinho, conhecido atualmente como picolé.

podiam ter o seu conforto mais não faziam nada para melhorar a casa. O banheiro era fora, tomavam banho de bacia. Até se conscientizarem de que era necessário o conforto, eles só se preocupavam em comprar terra, animais de tração, seus instrumentos de trabalho. (M.F.; “italiana” de SF, proprietária de restaurante).

Malgrado a visão heróica do passado, ou seja, de uma forma de idealização que destaca imigrantes e sua descendência, a identidade “italianos de Santa Felicidade” afirma-se na atualidade através da alteridade, construindo suas fronteiras a partir das categorias contrastivas “outros italianos” e “curitibanos”.

2.2.2 Os “outros” Italianos e a Itália

Em relação aos “outros italianos”, ou seja, aqueles de origem italiana mas que não residem no bairro, o mecanismo de identificação também se expressa através de acusações. Aqui também a História tem um papel fundamental no conteúdo das intrigas.

No final do século XIX e início do XX, uma pequena parte dos imigrantes italianos que possuíam uma profissão, fixou-se em Curitiba. Eram jornalistas, engenheiros, arquitetos, hoteleiros, comerciantes, artistas pintores e escultores, a maioria de tendência anarco-socialista. Esses italianos referiam-se aos seus conterrâneos – agricultores,

analfabetos, católicos fervorosos – utilizando a expressão *contadini*³⁴.

Por outro lado, os missionários das colônias italianas, procuravam manter os colonos longe da política, e dentro dos preceitos da Igreja Católica. Padre Martini relata um desses episódios ocorridos em Santa Felicidade, em que o padre Cobalchini teve que lutar contra o aliciamento do seu “rebanho”.

Com a república formaram-se dois partidos, os Federalistas e os Liberais. Os italianos da capital filiaram-se ao partido liberalista e passaram a percorrer a colônia para inscrever gente no mesmo partido. (...) Estes (italianos de Curitiba), acreditando-se superiores aos colonos – naturalmente porque moravam perto de escolas ou os ricos da cidade –, pensavam poder dominá-los a todos, à sua vontade. Em nome da pátria e dos homens que se diziam grandes deviam servir aos chefes para arregimentar todos os italianos às suas idéias, muito próximas às da maçonaria. Mas o padre Cobalchini era a sentinela que, guardando a fortaleza, observa os movimentos do inimigo. Com o pretexto de socorro mútuo, os italianos da cidade procuravam puxar para seu lado os da colônia, e o padre se lhes opôs com todas as forças, e venceu, salvando os colonos do contato dos patriotas degenerados e da conseqüente ruína moral e religiosa. Daí a ira, daí a guerra, ora escondida, ora aparente, sempre desleal que se fazia ao padre, que queriam a todo custo afastado. (MARTINI, 1978, p. 20-21)

Atualmente, quase um século depois, ainda permanece um certo ressentimento dos “italianos de Santa Felicidade” em relação aos “italianos de Curitiba”, e vice-versa. Em muitas ocasiões, pude presenciar os “italianos de Santa Felicidade” referir-se aos “outros italianos” utilizando a expressão “engravatados”. Por outro lado, os italianos de Curitiba ainda utilizam o termo *contadini* para denominar os italianos de Santa Felicidade.

O pessoal aqui do centro (Curitiba) durante muito tempo aproveitaram-se da situação, indo a Santa Felicidade, tirando algum proveito e voltando. Porque nós, vamos dizer, ainda um pouco enclausurados lá, ou até meio inocentes pra algumas coisas... Porque estava no próprio sangue, os que vieram pra cá eram analfabetos, eram agricultores, eram pessoas que não tinham muita visão, só sabiam trabalhar mesmo, era mão- de- obra. (E.C.; “italiano” de SF, presidente do Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba).

³⁴ *Contadini* termo da língua italiana que significa agricultor, camponês; mas aqui se identifica com colono.

Thales de Azevedo (1982, p. 219; 1989, p. 89) também observa este fenômeno de identificação no Rio Grande do Sul entre os italianos provenientes das colônias e os italianos de imigração mais recente ou que não passaram pela experiência do campesinato.

Os 'italianos', isto é, os colonos dessa nacionalidade e os dessa origem nascidos no Brasil, além das tendências associativas e gremiais, fazem questão de se distinguir dos 'italianos natos', de imigração isolada e recente, acentuando como características próprias o individualismo e o senso de independência, a agressividade a laboriosidade, o espírito de economia. Desde o início da colonização procuram tornar-se independentes e estabelecer-se por conta própria com sua lavoura, sua casa de negócio, sua indústria. (AZEVEDO, 1982, p. 219).

Hoje, em Curitiba a grande maioria dos descendentes de italianos está vinculada aos *Círculos de Convivência*, de acordo com a região da Itália onde nasceram seus ancestrais. Os descendentes da região do Vêneto freqüentam o *Instituto Vêneto*, fundado em 1991, com sede instalada nas dependências da Pontifícia Universidade Católica - PUC. Há ainda o *Círculo Trentino di Curitiba*, a *Associação Abruzzese do Paraná*, o *Círculo Emília Romagna*, o *Círculo Giuliano*, os quais reúnem os imigrantes e seus descendentes provenientes, respectivamente, das seguintes regiões italianas: Trento, Abruzzio, Emília Romagna e Giúlia. Existem também os clubes como o *Centro Cultural Dante Alighieri* e o *Clube Giuseppe Garibaldi* que mantêm grupos folclóricos italianos.

As tensões entre os diversos grupos de descendentes de italianos tornam-se mais acirradas durante eventos culturais ou políticos que envolvem concorrência. Um desses momentos ocorre durante o Festival Folclórico das Etnias do Paraná, realizado anualmente no Teatro Guaíra, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Diversos grupos étnicos como japoneses, alemães, ucranianos, portugueses, holandeses, espanhóis etc., representados por um único grupo folclórico, apresentam seus cantos e danças típicos.

Entretanto, somente “os poloneses” e “os italianos” participam com mais de um grupo. Os grupos folclóricos italianos são: *Ítalo-Brasileiro de Santa Felicidade*, *Giuseppe Garibaldi* e o *Dante Alighieri*. De acordo com a nota obtida pela comissão julgadora do evento, o melhor grupo folclórico tem o privilégio de apresentar-se durante toda uma noite de espetáculo no evento do ano seguinte. Os grupos restantes são obrigados a dividir seu tempo em uma única apresentação.

Os preparativos para o Festival Folclórico são marcados assim, por um clima de ansiedade e disputas entre os três grupos folclóricos italianos. Todos aguardam para ver qual dos grupos apresentou os melhores trajes, cenário, coreografia, música. Apesar de serem todos “italianos”, cada grupo folclórico procura individualizar-se através da escolha de determinado símbolos da Itália. O grupo *Dante Alighieri* costuma utilizar elementos como a obra de Dante, “A Divina Comédia”, e uma reprodução da Mona Liza, de Leonardo Da Vinci relacionados a uma Itália clássica, urbana e refinada. O grupo *Ítalo Brasileiro de Santa Felicidade*, por sua vez, apresenta elementos da vida camponesa como as festas de casamento, da colheita do milho e da uva, e do preparo da polenta e do vinho. Em uma apresentação do grupo folclórico infantil, as crianças de Santa Felicidade dançaram a música *La Bella Polenta* segurando em suas mãozinhas as polentas fritas, servidas tradicionalmente nos restaurantes do bairro.

Os diferentes grupos de “italianos” também se opõem politicamente em relação ao Consulado da Itália. A cada cinco anos o Consulado Geral da Itália promove a eleição para o *Comitato Degli Italiani All’Estero* – COMITES – PR / SC. O COMITES, subordinado ao *Ministeri dei Italiani nel Mondo*, tem como função representar os descendentes de

imigrantes dos Estados do Paraná e Santa Catarina no Parlamento Italiano, além de emitir pareceres para obtenção de recursos do governo italiano para as diversas associações culturais, recreativas ou folclóricas locais. Geralmente três chapas são constituídas, reunindo italianos e descendentes. As eleições acontecem em Curitiba em locais distintos, no *Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Dante Alighieri*, *Sociedade Beneficente Garibaldi* e em Santa Felicidade junto à casa paroquial, dividindo as opiniões e os votos dos “italianos” entre as chapas rivais.

Esses dois exemplos, o Festival Folclórico e o COMITES, demonstram como políticas locais e transnacionais contribuem para a manutenção da identidade étnica italiana entre os descendentes de imigrantes. Com a Itália na Comunidade Européia e no Mercado Comum Europeu e a possibilidade de obtenção da cidadania italiana, tem crescido o interesse entre os descendentes de imigrantes pela obtenção do passaporte e pelo aprendizado do idioma italiano. Só em Curitiba existem mais de cinco escolas de língua italiana. Outra atividade conhecida como turismo de origem tem chamado a atenção dos “italianos”. O *Instituto Vêneto*, instalado na Pontifícia Universidade Católica-PUC, e o *Cículo Vicentini nel Mondo* de Santa Felicidade têm promovido excursões à Itália, cujo roteiro inclui também a região do Vêneto, além da visita às cidades turísticas tradicionais. Desta forma, esses curitibanos/ italianos atualizam uma identidade transnacional, conforme o conceito de transnacionalidade de Glick Schiller et alii : “um processo através do qual imigrantes constroem campos sociais que mantem unidos seu país de origem e o seu país de moradia” (1992, p. 1).

2.2.3 Os Curitibanos

Vista sob a ótica dos “Italianos de Santa Felicidade”, a categoria “curitibanos” pode ser subdividida a partir de critérios de ancestralidade e inserção no espaço urbano da cidade. Do ponto de vista da ancestralidade, há os ‘curitibanos de famílias conhecidas’, “categorias nativas que delimitam o universo de camadas médias e da elite local, quase sempre associadas a descendentes de fundadores ou habitantes da cidade em períodos que antecedem à imigração estrangeira”(COSTA, 1995 b, p. 34). Esses são reconhecidos como “brasileiros” pelos “italianos do bairro”, em contraste com os curitibanos descendentes dos imigrantes fixados no Paraná a partir do final do século XIX, denominados localmente : “polacos”, “ucranianos”, “alemães”, “japoneses” etc.

Em relação à inserção no espaço urbano, para “os italianos” existem os “curitibanos de Curitiba” e os “curitibanos” residentes nos condomínios residenciais de Santa Felicidade. Existe também a categoria “gente” ou “povo” para indicar pessoas provenientes do interior do Paraná e de outros estados brasileiros, que se fixaram recentemente no bairro de Santa Felicidade em loteamentos populares. Quando surgiram os loteamentos denominados *Jardim Ipê* e *Jardim Pinheiros* houve uma grande resistência por parte dos “italianos do bairro”, pois segundo eles: “*estes loteamentos trouxeram o povo para Santa Felicidade*”. Para os italianos de Santa Felicidade, esta periferia é vista como sendo um outro bairro, pois “*não é mais gente deles*” (F.S.; “curitibano”, diretor da administração regional de SF).

Diante da inserção de outros grupos em Santa Felicidade, um dos informantes

afirma que “os italianos” já não são a maioria no bairro, constituindo somente 30% da população.

O bairro desenvolveu bastante. Para ter um exemplo é simplesmente pegar o ônibus, aí cada 40 pessoas que estão dentro do ônibus a gente não conhece mais do que cinco ou seis. Como a “italianada” geralmente trabalha no bairro acredito eu que talvez 30% pertence. (A. M.; “italiano” de SF, vereador).

Entretanto, diversos informantes locais afirmam que a principal avenida do bairro, a Manoel Ribas, continua “nas mãos dos italianos”. Neste trecho de Santa Felicidade, a grande maioria do comércio, dos terrenos e das casas residenciais pertence a famílias “italianas”.

Contrastando com a indústria de turismo local, que envolve os restaurantes, as vinícolas e as lojas de artesanato, existe a Manoel Ribas dos “italianos” com seus espaços de sociabilidade, invisíveis aos turistas e “curitibanos”. Como nos lembra Costa e Digiovanni (1991, p. 36) : “a cidade e seus espaços são manipulados, lidos e constantemente recriados de acordo com a situação social, estilos de vida, trajetórias e estratégias de grupos sociais”.

Acionando as suas próprias regras de uso e apropriação do espaço, “os italianos” constroem socialmente o seu “Mapa” da Avenida, que inclui como referências além de suas residências, a Igreja de São José de Santa Felicidade, o Cemitério do Bairro, a *Bocca Maledetta* no Bar dos Italianos, os Clubes do Bairro com seus jogos de futebol amador e o Memorial Italiano Casa Culpí.

A casa constitui um espaço privilegiado de sociabilidade. Os italianos raramente

utilizam a sala de visitas, preferindo receber amigos e parentes na sala de estar, próxima à cozinha. É neste espaço aquecido pelo calor irradiado do fogão à lenha da cozinha, onde *nonnos* e *nonnas*³⁵ reúnem seus filhos, filhas, genros, noras e netos para os almoços e os lanches das tardes de domingo.

A importância dos laços familiares para os “italianos de Santa Felicidade” pode ser medida pela celebração dos diversos ritos de passagem (VAN GENNEP, 1978) que envolvem cada um dos membros da família. Há as festas de batizado, primeira comunhão, formatura de 2º grau, casamentos, bodas de prata, bodas de ouro. Todos esses eventos comemorados nos restaurantes e clubes do bairro são precedidos de uma missa encomendada na paróquia local, demonstrando que a Igreja ainda desempenha um papel fundamental na manutenção dos vínculos da comunidade e da própria identidade italiana local.

A Paróquia de São José de Santa Felicidade desenvolve atividades intensas junto à comunidade “italiana”, que constitui a grande maioria dos que freqüentam a igreja no bairro. Além dos cursos preparatórios para 1ª Comunhão e Crisma, há o Movimento de Pais, a Pastoral da Juventude. A Igreja também cedeu espaço em seu salão paroquial para as reuniões dos Alcólatras Anônimos – AA. A Paróquia possui uma Comissão Administrativa, eleita a cada quatro anos, responsável pela organização das Festas da Uva e do Vinho, realizadas anualmente no Bosque São Cristóvão.

Em Santa Felicidade o pároco local, desde 1993, voltou a utilizar a língua italiana na celebração das missas dos primeiros domingos de cada mês. Prática usual na colônia,

³⁵ *Nonno* e *nonna* são termos do idioma italiano para designar avô e avó, respectivamente.

essas missas foram proibidas no período repressivo das décadas de 1930 a 1940. Participam das missas o Coral e o Grupo Folclórico de Santa Felicidade, vestidos com trajes típicos do norte da Itália, casais de adolescentes assistem ao Padre durante a cerimônia. No altar são colocadas bandeiras da Itália, do Brasil e do Vaticano. Cada uma dessas missas é realizada em homenagem à uma associação, clube ou entidade cultural do bairro ou de Curitiba, geralmente vinculadas a etnia italiana. Após a cerimônia sempre é oferecido um coquetel para os presentes.

Outro espaço sagrado e de grande importância para os “italianos de Santa Felicidade” é o Cemitério do Bairro, inaugurado em 1886. Situado na avenida Manoel Ribas próximo à Paróquia de Santa Felicidade, o cemitério de Santa Felicidade possui um panteão constituído por dezoito capelas em estilo neoclássico onde estão enterrados os pioneiros da colônia. Esse conjunto arquitetônico foi tombado pelo patrimônio histórico e artístico estadual em 1977.

Existe um espaço eminentemente masculino em Santa Felicidade, trata-se da *Bocca Maledetta*, corruptela da original *Boca Maldita*, um ponto de encontro central de Curitiba, situado na rua XV de Novembro, onde grupos de homens discutem política, fofoca etc. Funcionando no Bar dos Italianos, os amigos da *Bocca Maledetta* costumam reunir-se diariamente no final da tarde, para beber, conversar e jogar três-sete. Este mesmo grupo participa ativamente da organização das festas do Vinho e da Uva, sendo responsável pelo preparo da macarronada e da polenta gigante, servidas gratuitamente ao público durante a abertura dessas festividades (ver figs 11-12, p.65).

Em uma apropriação peculiar do espaço “os Italianos da *Bocca Maledetta*”

conseguiram com a Prefeitura de Almirante Tamandaré, Município vizinho, uma pedra que foi colocada na calçada em frente ao Bar. Neste marco foi fixada a placa comemorativa de fundação da entidade. A festa de inauguração, realizada em 1988, contou com a presença de autoridades locais e, como não poderia deixar de ser, com a participação de uma Comissão da Boca Maldita de Curitiba.

Para os homens, a Bocca Maledetta é quase uma região intermediária entre o universo da casa e da rua. Em um ritual praticado diariamente, os “italianos” saem do trabalho, passam pelo bar, e após algumas horas de descontração entre amigos, dirigem-se para suas casas. Como lembram Vogel et alii para o Catumbi, aqui também “o universo da rua comporta relações de substância, domínios de intimidade e informalidade, lugares mais ou menos familiares, onde as relações contratuais, a impessoalidade, as formalidades e o valor do dinheiro se relativizam ou são parcialmente suspensos” (VOGEL et alii, 1981, p. 70).

Mensalmente, seus membros promovem no mesmo local um jantar para homenagear os aniversariantes do período. Mulheres e crianças participam somente do jantar de Natal da *Família da Bocca*, realizado anualmente nos clubes do bairro.

Dentro desta lógica de que o bar é local para homens, as mulheres utilizam a casa como espaço de sociabilidade. Um grupo de amigas, descendentes de italianos, costuma reunir-se mensalmente para um bate papo e uma xícara de chá, na casa de uma delas. Essas reuniões conhecidas no bairro como “chá das quarentonas”. Segundo Vogel et alii :

A oposição Casa x Rua vem acompanhada da idéia de gradação, tal como aplicada ao conjunto de espaços que designamos pela categoria inclusiva de casa. A rua como domínio oposto ao da casa, tenderia a identificar-se com o público, o formal, o visível e o masculino. A casa como sua contrapartida estaria vinculada, ao privado, ao informal, ao invisível e ao feminino.
(VOGEL et alii, 1981, p. 48)



Figs. 11 e 12 – Bocca Maledetta di Santa Felicitá. Acervo : Casa da Memória (fig.11) e Jornal Folha de Santa Felicidade (fig. 12).



Há ainda os clubes e associações culturais fundados pelos italianos do bairro, onde estes reúnem-se para praticar seus jogos tradicionais como *Mora*³⁶ e *Bocce*³⁷, além dos jogos de baralho. São também acirradas as disputas entre os times do Trieste Futebol Clube e da Sociedade Operária Beneficente Esportiva Iguaçu. Integrantes da 1ª Divisão de Amadores da Copa Paraná, os jogos dividem a comunidade provocando “discussões aguerridas” (cf. informantes).

As tradições italianas do bairro são igualmente cultivadas mediante entidades culturais como o Coral Folclórico de Santa Felicidade, o Grupo Vocal *I Veneti in Brasile*, o Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro de Santa Felicidade e Coral Infantil do *Círculo Vicentini Nel Mondo di Curitiba*, em que jovens, adultos e crianças ensaiam para apresentar-se nas festas da Uva, do Vinho e do 4 *Giorni*, realizadas no bairro. Participam também dos Festivais Folclóricos e de outros eventos vinculados à etnia italiana, em Curitiba, nos diversos estados do Brasil e países vizinhos.

Desde 1990, o bairro conta com um Memorial da Imigração Italiana instalado em uma antiga casa construída no século passado pelos imigrantes italianos. Desapropriada e restaurada pela Prefeitura, a Casa Culpi é administrada pela Fundação Cultural de Curitiba, e oferece à comunidade cursos de língua italiana e violão. Nesse espaço cultural funciona o *Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba*, representante no Brasil que congrega os

³⁶ Jogo de Mora: jogo antigo dos italianos, realizado entre dois participantes, utilizando-se somente uma das mãos. levanta-se a mão com o punho fechado e adivinha-se o número de dedos que esticará o adversário, no momento em que baixar o punho direito. Ganha aquele que conseguir adivinhar o maior número de vezes.

³⁷ Bocce: jogo antigo dos italianos realizado por dois ou quatro homens. Inicia-se com o lançamento da bolinha número um, pelo primeiro jogador, em seguida o mesmo joga uma bola maior procurando aproximá-la da primeira. Os demais jogadores lançam também uma bola grande. Vence quem conseguir chegar mais perto da primeira bola.

imigrantes italianos da região do Vêneto.

Os “italianos de Santa Felicidade” constituem, assim, um grupo étnico cujos membros compartilham de uma origem, de uma história e de um território comuns. Os limites deste grupo são dados por uma complexa rede de parentesco e aliança, laços de vizinhança, competição e rivalidade, e uma intensa sociabilidade.

3 UM BAIRRO GASTRONÔMICO

*Portal de Santa Felicidade :
Lasciate ogni inappetenza voi ch'entrare*³⁸.
(SIMÕES, in GAZETA DO POVO, 1995)

3.1 DA CASA AOS CASTELOS

Inicialmente pequenos, os restaurantes de Santa Felicidade surgiram timidamente, funcionando de forma improvisada nas salas das casas dos colonos italianos. A comida tinha de ser encomendada com dias de antecedência. O bairro ficava longe do centro da cidade, não havia ônibus e o acesso por automóvel era difícil.

Saber qual dos restaurantes foi o primeiro a se estabelecer, é motivo para longas discussões entre os proprietários. Discute-se quem foi o primeiro a abrir as portas, o primeiro a fazer o registro na Junta Comercial ou o primeiro a abrir um restaurante em um espaço apropriado. Entretanto, todos concordam que foi D^a. Júlia Toaldo quem teve a idéia, servindo na década de 1940 um prato único na saída da missa de domingo, por volta das 11 horas da manhã. Em sua própria casa, D^a. Júlia servia um prato feito, composto de bife-à-milanesa com molho de carne picadinha, tendo como acompanhamento pão e vinho. Outros lembram da famosa dobradinha que D^a. Júlia servia por encomenda, conquistando clientela em Curitiba, especialmente funcionários do governo.

³⁸ Traduzindo : "Deixai toda falta de apetite vós que entraís."

Com o sucesso da iniciativa surgiram, no final da década de 1940, os restaurantes Iguaçu e Cascatinha. Em 1948, a família Perucci abriu seu negócio, visando atender aos caminhoneiros que vinham carregando café do norte do Estado para o Porto de Paranaguá, pela Estrada do Cerne. Os caminhoneiros eram obrigados a passar em frente à sua casa para controle em um posto fiscal, formando longas filas. Com aguçado espírito comercial, o casal Orlando e Edilmira Perucci decidiram abrir o Restaurante Iguaçu³⁹, na sala de sua própria casa, servindo um prato feito à base de feijão, arroz e bife.

(...) o restaurante mais velho. Porque de fato tinha outros restaurantes por aí, mas que fazia assim comida. Você vinha lá, e esperava para fazer uma galinha, um macarrão, mas não era restaurante. Restaurante foi o meu que abriu dia e noite. Eu abri o restaurante na minha casa né, a minha sala e a cozinha foi tudo para o restaurante. (E. P.; “italiana de SF”, proprietária do restaurante).

Com a criação da Rodovia do Café⁴⁰ em 1965, os caminhoneiros pararam de utilizar a Estrada do Cerne, deixando de passar por Santa Felicidade. No mesmo ano, a avenida Manoel Ribas foi asfaltada até a porta do Restaurante Iguaçu. No dia da inauguração da avenida, os Perucci serviram salame e bebida aos políticos e funcionários da Prefeitura. Com a avenida muitos curitibanos passaram a frequentar o bairro. Imediatamente, o Restaurante Iguaçu começou a preparar comida italiana, iniciando com

³⁹ Segundo D^a Edilmira Perucci, seu marido escolheu o nome Iguaçu para o restaurante, em homenagem ao seu time de futebol predileto - Sociedade Esportiva Iguaçu -, onde atuava como membro da diretoria.

⁴⁰ Rodovia BR 376 que liga Curitiba ao norte do Paraná até Apucarana, trecho conhecido como Rodovia do Café; em seguida a estrada dirige-se para a região noroeste do Estado até a cidade de Nova Londrina. Essa estrada atravessa a área urbana de Curitiba na zona oeste da cidade.

um risoto grosso de caldo, e incluindo logo em seguida frango à passarinho, macarrão, polenta, salada de radicci e risoto seco⁴¹.

Começou pequeno, era um fogãozinho com panela de ferro, bem rústico. E começou a ficar pequeno, porque a comida era saborosa, era ela que fazia. E na época já ela vinha de uma tradição a Mira (Edilmira) porque os pais dela já faziam comida. O restaurante cresceu, foram emendando. Eles ficaram muitos anos com o restaurante pequeno que era a frente da casa deles, e eles moravam nos fundos. Era de madeira, feinho que só, mas a comida boa, feito na hora, limpinho. Quando isso começou a criar lastro o Cascatinha abriu”.

(M. F.; “italiana” de SF, proprietária de restaurante)

Nesta período, Eugênio e Alice Trevisan abriram à beira da Estrada do Cerne o Bar Cascatinha⁴², onde serviam sonhos, pastéis, empadas e sorvetes para os curitibanos que, aos domingos, costumavam fazer piquenique e tomar banho na cachoeira. Com a instalação de uma pedreira nas proximidades, e também devido à Estrada do Cerne, o movimento aumentou e D^a Alice passou a servir refeições à base de risoto e frango à passarinho, para dezenas de viajantes e trabalhadores. O Bar e Restaurante Cascatinha funcionava na casa dos proprietários, em um terreno de quatro hectares comprado pelos irmãos Pedro e Eugênio Trevisan, com as economias trazidas da Segunda Guerra Mundial.

Quando meu pai voltou da 2ª guerra na Itália em 1946, juntamente com seu irmão Pedro, comprou as terras da Cascatinha onde existia o moinho da família Manosso. A propriedade vai daqui até o Castelo (Restaurante Castelo

⁴¹ Esses pratos ainda constituem o menu básico dos restaurantes de Santa Felicidade. A seleção de pratos oferecida inicialmente pelo Restaurante Iguaçu direcionou outros restaurantes e definiu o que seria “comida italiana” em Santa Felicidade. Cabe lembrar que o bife “à milanese” servido por Dona Júlia também era um prato italiano, hoje ausente do menu dos restaurantes típicos.

⁴² Como já mencionei anteriormente, o nome “Cascatinha” deve-se à cachoeira do rio Uvu, afluente do rio Barigüi, situada ao lado do restaurante.

de Trevizo). *Aqui mora meu pai, o restaurante antigamente ficava na beira da estrada. O pai casou com Alice Lugarini e construiu a casa a 200 mts antes do moinho. Junto fizeram o bar e o restaurante, era uma construção só. Aqui na frente era onde tinha o balcão e bar, e um salãozinho à direita, e no fundo era a cozinha, depois tinha a parte dos quartos. Minha mãe fica na cozinha e supervisiona até hoje*. (A. T.; “italiano” de SF, proprietário do restaurante).



Fig. 13 – Primeira geração da família Trevisan nascida na Colônia de Santa Felicidade a partir de 1887. Os atuais proprietários do restaurante Cascatinha fazem parte da segunda e terceira geração de descendentes de imigrantes italianos. Fonte: Casa da Memória.

Na década de sessenta surgiram outros restaurantes, também pertencentes às famílias pioneiras que se fixaram em Santa Felicidade no século passado. São desse período os Restaurantes Veneza e San Remo da Família Valente, inaugurados

respectivamente em 1964 e 1967, além de outros que não resistiram às dificuldades econômicas e tiveram que fechar suas portas – como os Restaurantes Durigan e Trastevere.



Fig. 14 – Loja de artesanato, Restaurante Veneza.

Com o sucesso dessas iniciativas, seguiram-se outras, dando início à transformação de Santa Felicidade em um bairro gastronômico. A partir da década de 1970 começaram a surgir restaurantes dançantes com serviço a la carte como Roda D'Água e, mais recentemente, Toscana, Status e Mezza Notte Night Club.

Hoje grande parte desses estabelecimentos está nas mãos de três famílias: Trevisan, Lorenzetti e Madalosso. Os Trevisan, descendentes dos fundadores da colônia, são os proprietários dos restaurantes *Cascatinha* e *Castelo de Treviso*, este último inaugurado em 1991.

O patriarca da família Marcello Lorenzetti, nascido na região da Toscana na Itália, estabeleceu-se em Santa Felicidade na década de sessenta, fundando o primeiro restaurante da família, o Pinheirão Siciliano, um dos primeiros rodízios de carne do país. Hoje, a viúva e os filhos também são proprietários dos restaurantes Peixe Frito, Porta Romana/ Cantina e Pizzaria Pompéia, além de outros restaurantes em Curitiba e no Rio de Janeiro. Esses restaurantes não servem a comida “tradicional italiana” de Santa Felicidade. Além da carne de gado, a família Lorenzetti também foi responsável pela introdução de outras opções culinárias no bairro, como frutos do mar servido pelo Restaurante Peixe Frito em 1984, e a *nuova cucina italiana* com o Porta Romana/ Cantina e Pizzaria Pompéia, inaugurada em 1991.

Conforme Flora Madalosso, a família Madalosso proprietária dos restaurantes Velho Madalosso, Madalosso, Don Antônio e Cantina Famiglia Fadanelli, vieram da colônia italiana de Caxias do Sul (RS), estabelecendo-se no bairro só em 1949.

Quem começou foi meu pai e eu. Meu pai nasceu em Caxias do Sul e era filho de italianos. Meu avô chegou em Porto Alegre em 1888, subiram para Caxias do Sul e começaram com uvas. Como não deu certo, viemos para Curitiba em 1949, para plantar uvas em Santa Felicidade. Não deu certo e começamos com o restaurante, meus irmão eram pequenos. Nós já compramos o restaurante pronto, a dona antiga servia frango à passarinho, frango ensopado, polenta frita, risoto e salada de radicci. Chamava-se Flórida era muito pequeno só cabia 40 pessoas. Nós compramos, foi um sacrifício. No primeiro dia do restaurante nós servimos 13 pessoas, a gente tinha muita dificuldade financeira não se tinha crédito. Tinha que servir hoje no jantar, para comprar frango amanhã. Cinco anos depois nós já começamos o Novo Madalosso, só com dois salões, hoje nós temos seis salões e cabem 5.000 pessoas de uma vez.



Figs. 15 e 16 – Restaurante Madalosso.



O Restaurante Madalosso tem capacidade para atender ao mesmo tempo até cinco mil pessoas. E consta no Guinness Book (edição 1995) como o maior restaurante do Brasil e o segundo maior do mundo, perdendo apenas para o Royal Dragon, de Bancoc na Tailândia.

Os restaurantes típicos de Santa Felicidade constituem efetivas empresas familiares, envolvendo o trabalho dos patriarcas da família, seus filhos, genros, noras e netos, responsáveis pelo surgimento de verdadeiras dinastias, algumas das quais mantêm, por mais de cinquenta anos, o sucesso de seus empreendimentos.

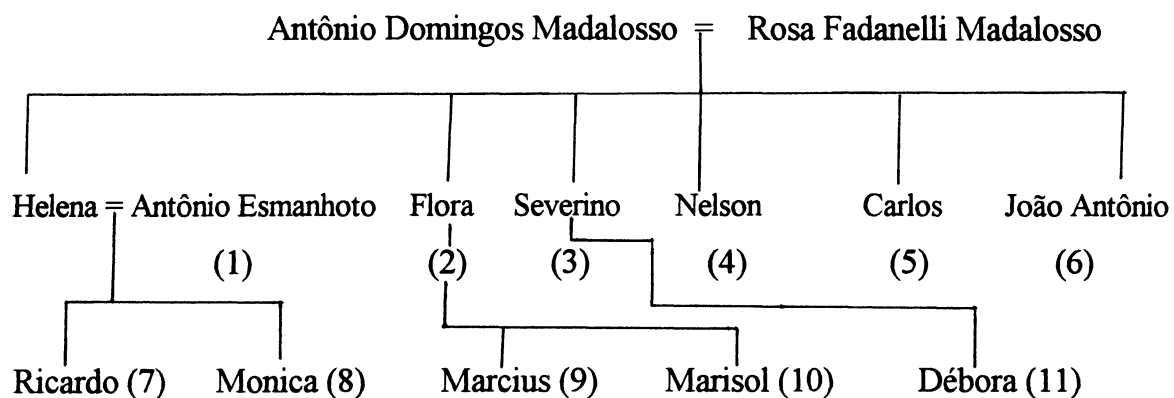
As atividades exigidas pelos restaurantes são divididas entre todos os membros da família (ver quadro 1, p. 76). Pode-se perceber em alguns casos uma divisão sexual dos papéis, geralmente os homens cuidam do bar, do salão, da administração e da divulgação, enquanto as mulheres cuidam da recepção, das compras e da cozinha do restaurante. Existe uma escala de trabalho e de folgas, havendo sempre pelo menos um representante da família para cuidar do negócio e fiscalizar os empregados.

Geralmente a família extensa dos proprietários mora no mesmo terreno do restaurante, a exemplo dos Madalosso e dos Trevisan. São áreas enormes onde foram construídos verdadeiros condomínios horizontais, com grandes mansões modernas e luxuosas, sendo que cada família nuclear do clã tem sua própria casa, reproduzindo de uma certa forma o modelo das antigas contradas.

Os proprietários dos maiores restaurantes, que fizeram fortuna com esta atividade, formam uma elite no bairro. São famílias de “italianos de Santa Felicidade” que viajam em excursões turísticas para a Itália, possuem carros importados e casas na praia.

QUADRO 1 : DUAS FAMÍLIAS E SEUS RESTAURANTES

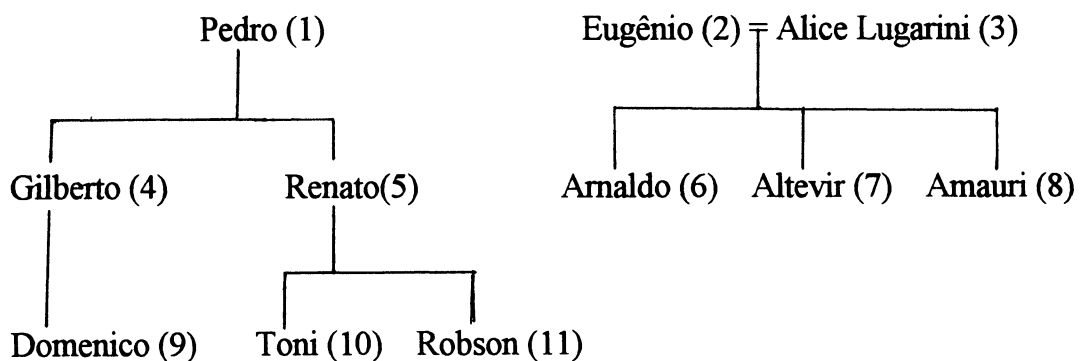
FAMÍLIA MADALOSSO



2-3-5-9-10-11 : Restaurantes Velho Madalosso, Madalosso e Família Fadanelli

1-4-6-7-8 : Restaurante Dom Antônio

FAMÍLIA TREVISAN



1-2-3-6-7-8 : Restaurante Cascatinha

4-5-9-10-11 : Restaurante Castelo de Trevizzo

Paralelamente à atividade dos restaurantes, essas famílias têm procurado diversificar seus investimentos. Alguns abriram panificadoras no bairro, outros mantêm postos de gasolina em Curitiba. Há também os que possuem fazendas no interior do Paraná dedicando-se também à agricultura e à criação de gado.

Os restaurantes de Santa Felicidade são responsáveis por grande parte das ofertas de mão-de-obra do bairro. Há os funcionários fixos, cozinheiras, auxiliares e garçons, que trabalham em dois turnos durante os dias de semana. Existe ainda o pessoal extra, que trabalha somente nos finais de semana, e nos dias de banquetes e casamentos, quando o movimento dobra. No *Restaurante Cascatinha* existem 10 garçons e 10 cozinheiras nos dias de semana, passando para 20 garçons e 20 cozinheiras nos fins de semana. No *Restaurante Madalosso* existem dois turnos e duas equipes de trabalho, o primeiro turno vai das 8 h às 16 h e o segundo das 16 h às 24 h horas. Nos dias de semana, trabalham 53 cozinheiras em dois turnos e mais 10 extras no final de semana; os garçons são 70 fixos e 30 extras. Vigora uma folga por semana de 2ª a 5ª feira; sexta, sábado e domingo não há folga.

Os restaurantes de Santa Felicidade atendem a uma clientela que dizem "tradicional" porque assídua; proprietários, *maitres* e garçons conhecem a grande maioria dos clientes pelos nomes. Os maiores restaurantes, por sua vez, além de atender à sua clientela tradicional, oferecem espaços exclusivos para banquetes, recepção de turistas, convenções de políticos, congressos, jantares de fim de ano para empresas, festas de casamento, aniversários e formaturas etc.

À parte o gigantismo que os caracteriza, os proprietários dos restaurantes mais

recentemente implantados investiram em uma arquitetura original e imponente, e por que não dizer *kitsch*, lembrando verdadeiros castelos medievais. De uma forma geral o conceito *kitsch* tem sido associado a uma arquitetura de mau gosto (GUIMARAENS e CAVALCANTI,1982 a). Em sua análise da arquitetura das casas suburbanas e rurais do Rio de Janeiro, Guimaraens e Cavalcanti utilizam o conceito *kitsch* não só para designar o fenômeno estético estudado, mas “enquanto um código de estruturação do mundo e da sociedade, na mente dos indivíduos, produtores e/ou consumidores desse fenômeno. (...) tentando relacioná-lo sincronicamente, aos fatores de ordem social, econômica ou cultural que se possam apresentar a eles interligados” (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 1982 a, p. 17).

Algumas características da arquitetura *kitsch* observadas por esses autores nas casas do Rio de Janeiro também estão presentes na arquitetura dos restaurantes de Santa Felicidade. Existe um grande investimento simbólico na arquitetura e decoração dos restaurantes em busca de uma maior originalidade e identificação com a Itália. A simbologia dos elementos arquitetônicos remete a uma Itália Medieval idealizada, refletindo o imaginário da elite local, descendente dos imigrantes camponeses. Apesar de grande parte dos restaurantes imitar a arquitetura de castelos medievais, cada proprietário imprime a sua individualidade procurando fazer com que o seu restaurante se destaque entre os demais e interpretando uma Itália imaginária.

Para Guimarães e Cavalcanti, o *kitsch* é uma **atitude** “resultante de uma situação de aspiração à felicidade condicionada pela prosperidade de uma classe média em ascensão sócio-cultural” (GUIMARAENS E CAVALCANTI 1982 a, p. 17).

Trata-se de uma **arquitetura espontânea**: “ de elaboração de um espaço individualizador que transmite, senão uma visão de mundo, pelo menos a marca própria de seu criador” (GUIMARAENS e CAVALCANTI, 1982 a, p. 35).

Em outro trabalho, esses mesmos autores analisam o espaço e a organização social nos motéis cariocas (1982 b), destacando a importância das fachadas dos motéis, que devem sobressair na paisagem para atrair os clientes que passam pela estrada.

Em uma análise das fachadas dos motéis percebe-se que a arquitetura tem a função de chamar a atenção para o prédio em relação aqueles que passam pela estrada, como fornecer informações tão precisas quanto possível sobre os serviços oferecidos pelo estabelecimento. Seria, portanto, o motel edificação que deve sobressair na paisagem, colocando-se de destaque em polo oposto ao da corrente arquitetônica que defende um certo mimetismo dos edifícios, visando sua maior integração ao meio circundante. (GUIMARAENS; CAVALCANTI, 1982 b, p. 63).

Da mesma forma, em Santa Felicidade o gigantismo e a imponência dos restaurantes estão diretamente associados à preocupação de seus proprietários com a visibilidade de seus estabelecimentos na avenida Manoel Ribas, a exemplo do restaurante Castelo de Trevizzo, inaugurado em 1991 pela família Trevisan, e que demorou quatro anos para ser construído. Segundo um dos proprietários:

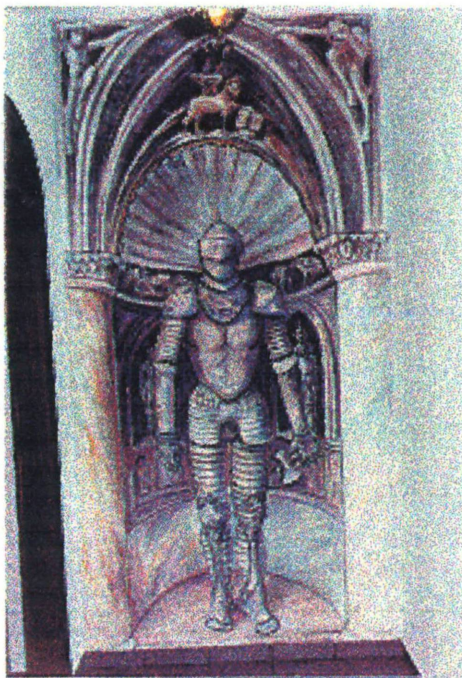
O problema é que o terreno é muito acidentado, então nós tivemos que fazer três andares para poder aparecer na Avenida (Manoel Ribas). Senão iria ficar num canto lá no fundo.(A.T. ; “italiano” de SF)

Verdadeira cópia do portal de entrada da cidade de Treviso, o projeto do restaurante foi idealizado a partir de cartões postais da Itália e livros de história da arte. Em sua decoração interna, o Leão Real Alado símbolo da região do Vêneto está presente nas fechaduras das portas, luminárias, porta-toalhas e válvulas de descarga dos banheiros, confeccionados especialmente para o restaurante. Nos salões, grandes painéis pintados

com a técnica do afresco por um artista de Curitiba retratam a produção do vinho da colônia, as cidades de Veneza e Trevizo e o Leão Real Alado do Vêneto.



Figs. 17 a 19 – Restaurante Castelo de Trevizo. Vista externa e decoração interna do restaurante.



Essa tendência arquitetônica observada nos restaurantes de Santa Felicidade tem recebido algumas críticas por parte dos curitibanos mais tradicionalistas. Para eles, os primeiros restaurantes que funcionavam nas casas dos proprietários ou em barracões improvisados deixaram saudades. Com o gigantismo dos novos restaurantes voltados para atender ao turismo, além do público tradicional, o bairro teria se “descaracterizado”.

Quem conhece Santa Felicidade de anos atrás e agora a visita, no mínimo se pergunta sobre as construções. No lugar de barracões típicos e de casas em estilo europeu encontra prédios nem sempre de bom gosto, mas que por outro lado contem maior número de mesas. Trocar o original pelo prático? Talvez pela falta de esclarecimento, mas justamente aqueles que mais prezam pela tradição pecaram em sua escolha. Em todo o bairro de Santa Felicidade a iniciar, praticamente pelo famoso ‘jatão’⁴³, prédios de estilos diversos surgem ano a ano. O que vale é atender bem, com a boa comida. ‘As mudanças foram necessárias pois o fluxo de pessoas aumentou’, diz Trevisan. Não caberia uma ação da prefeitura ou de um órgão competente para preservar a tradição italiana em Curitiba? Tradição não é feita apenas de comida típica, de vinho caseiro, de tempero. Encerra em si a cultura, o visual, o belo. Que voltem os barracões.

(CORREIO DE NOTÍCIAS, 05/11/1979).

Entretanto, são esses grandes restaurantes que atraem para Santa Felicidade 30.000 turistas a cada final de semana, e que somados faturam em média 80 milhões de dólares ao ano (CORRÊA, 1994).

Além do atendimento rápido e da comida com padrão de qualidade, os restaurantes típicos italianos de Santa Felicidade oferecem diversas comodidades aos clientes: estacionamento próprio, parquinho infantil, loja de artesanato e, muito importante : preços convidativos⁴⁴. O ambiente desses restaurantes é bastante informal. Não há preocupação

⁴³ Jatão : restaurante em forma de avião aberto em 1979 na avenida Manoel Ribas, situado a três metros do solo e que sinalizava a entrada de Santa Felicidade, de sua área de restaurantes. O empreendimento que teve curta duração, tinha capacidade para 280 pessoas, e foi projetado para que o cliente tivesse a sensação de estar voando. O pessoal de serviço vestia-se como uma tripulação de aeronave, além disso, nas pequenas janelas do avião foram coladas fotos aérea de Curitiba. Logo na inauguração, as asas do “avião” que invadiam os passeios e a rua, tiveram que ser cortadas por determinação da prefeitura provocando polêmica e abaixo assinado em Santa Felicidade (GAZETA DO POVO, 02/03/1979; 12/03/1979).

⁴⁴ Os preços dos restaurantes típicos de Santa Felicidade são tabelados. Em agosto de 1996 uma refeição incluindo aperitivos saía por R\$ 10,00.

com a escolha do prato, pois ali não existem cardápios. É só sentar e relaxar tomando uma batida de coco ou maracujá. Rapidamente o garçom serve a mesa, sobre a qual distribui nove variedades de pratos. A comida é servida sem uma ordem aparente. Os pratos típicos simplesmente são trazidos à mesa, sem que exista uma separação marcada entre os diversos momentos da refeição. O item básico é o frango à passarinho, prensado ou em forma de risoto. Há ainda os miúdos de frango, a polenta frita, macarrão ao molho, lasanha, salada de radicci e maionese. Os pratos são trocados diversas vezes para manter os alimentos sempre aquecidos e a "mesa farta" – característica de Santa Felicidade – que atrai uma clientela fiel. A própria disposição das mesas permite alterações para acomodar grupos maiores de pessoas, sem a necessidade de se fazer reservas ou aguardar a vez.



Fig. 20 – Comida “típica de Santa Felicidade”. Fonte : Secretaria Especial de Esporte e Turismo.

Os “restaurantes típicos” de Santa Felicidade diferenciam-se dos demais restaurantes da cidade por seu clima de informalidade. São espaços onde se vai em família ou em grupo de amigos. Onde existe a liberdade de tomar os alimentos com as mãos, a

exemplo da polenta frita e do frango à passarinho. Enfim, um ambiente "familiar", caracterizado pelo ruído dos pratos, pelo barulho das conversas, pelas crianças em suas "cadeirinhas altas"⁴⁵ lambusadas de massa de tomate, pela correria dos garçons equilibrando inúmeros pratos em um só braço. Enfim, estes restaurantes se caracterizam pela comida farta e barata, pelo ambiente descontraído e informal.



Fig. 21 – Garçon equilibrando pratos. Restaurante Madalosso.

⁴⁵ Cada restaurante de Santa Felicidade possui um número razoável de "cadeiras altas", quase sempre confeccionadas em vime, para bebês e crianças pequenas. Assim que chegam ao local famílias com crianças, os próprios garçons apressam-se a equipar a mesa com as cadeirinhas.

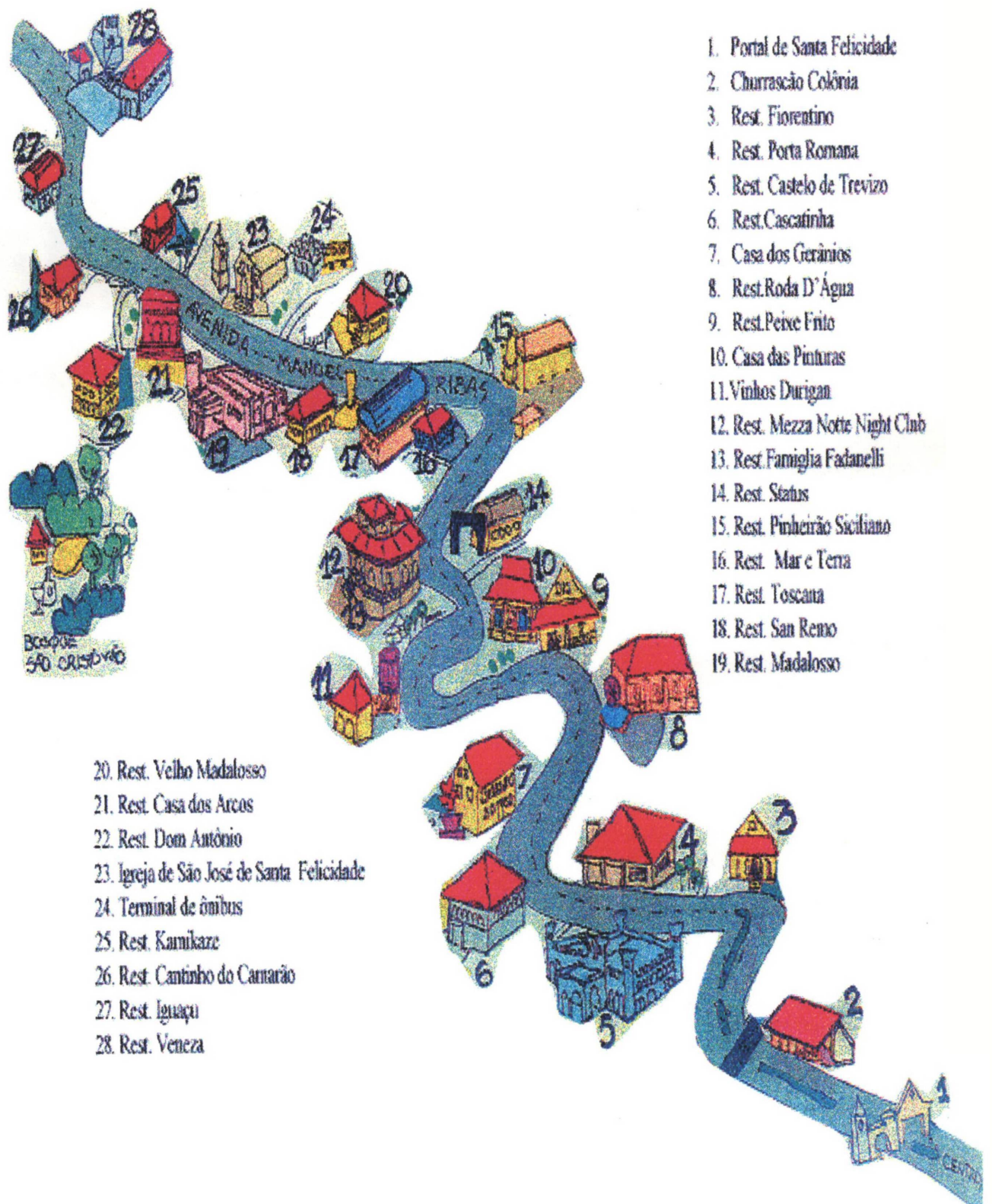


Fig. 22 – Restaurantes de Santa Felicidade. Fonte: Folha Viva Curitiba (1994). Desenho Dóris e Iara Teixeira.

3.2 OS RESTAURANTES PARA OS “ITALIANOS” DE SANTA FELICIDADE

São poucas as famílias “italianas” do bairro que freqüentam os **restaurantes típicos** de Santa Felicidade. O motivo é que a maioria destas famílias ainda mantem a tradição culinária de seus ancestrais, cozinhando em casa os pratos que são servidos nos restaurantes.

Entretanto, com o sucesso desses empreendimentos, desde a década de 70, os “italianos” do bairro têm recorrido aos restaurantes típicos, em ocasiões festivas. É nos salões dos restaurantes Madalosso, Dom Antônio, Castelo de Trevizzo, Cascatinha, Veneza, Iguazu e San Remo, que os “italianos de Santa Felicidade” realizam as festas de Bodas de Ouro dos *nonnos*, as formaturas e os casamento dos filhos, além dos batizados dos netos. Nesses locais, são também comemorados os eventos relacionados à própria comunidade italiana de Santa Felicidade, como o jantar comemorativo aos 50 anos de sacerdócio dos padres de Santa Felicidade, Romano Bevilacqua e Maximiliano Sanavio, realizado no Restaurante Cascatinha em julho de 1995. E do jantar promovido pela Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade, em 1994, após a cerimônia de inauguração do Brasão⁴⁶ de Santa Felicidade, no restaurante Dom Antônio.

Os restaurantes são motivo de orgulho para os italianos de Santa Felicidade, que lhes atribuem o sucesso do bairro em Curitiba e em outros estados do Brasil. Diversos entrevistados repetiram as mesma frases:

Santa Felicidade é o cartão de visitas de Curitiba.

⁴⁶ Símbolo da colonização vêneta, o Brasão é uma homenagem da Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade aos moradores do bairro. Para maiores esclarecimentos ver adiante página

Vir a Curitiba e não conhecer Santa Felicidade é como ir a Roma e não ver o Papa.

Outros expressam sua vontade em mostrar aos ancestrais o quanto a “Colônia” de Santa Felicidade transformou-se nos últimos trinta anos, especialmente com o surgimento dos restaurantes.

(...) minha mãe foi uma santa, ..., ela nunca teve um lazer na vida, e nem conheceu o mar, e também nenhum desses restaurante que temos hoje aqui, eu queria que ela tivesse aqui agora pra poder levar ela no melhor restaurante de Santa Felicidade, mas Deus quis assim, ela morreu com uns cinquenta anos, muito nova. (G. F.; “italiano” de SF, presidente do conselho paroquial de administração da igreja de SF e proprietário de loja de artesanato no bairro).

Os restaurantes têm um papel econômico importante na comunidade, sendo responsáveis direta e indiretamente pela geração de grande parte das ofertas de trabalho. Além de manterem um grande número de funcionários, entre cozinheiros e garçons, os restaurantes constituem o principal atrativo para os turistas. O sucesso desses empreendimentos beneficia também as adegas de vinho, as lojas de artesanato e móveis em vime, e o comércio local como um todo. Inúmeras famílias da região sobrevivem fornecendo artesanato para as lojas, ou trabalhando diretamente no comércio e nas fábricas do bairro.

Os proprietários de restaurantes, apesar de concorrentes, mantêm entre si relações solidárias, participando juntamente em diversas atividades. É famoso no bairro o torneio inter-restaurantes de futebol de salão, realizado anualmente há mais de 15 anos no Ginásio Itálicus. Os times são formados pelos garçons de cada restaurante, ficando seus proprietários na torcida. É comum os proprietários de restaurantes contratarem seus

garçons pela habilidade no jogo, ou ainda oferecerem um salário melhor para o garçon, que seja craque do time de outro restaurante.

Esses mesmos proprietários de restaurantes reuniram-se em 1987 para criar a Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade - ACISF. Atualmente o comércio local também participa da entidade, reivindicando junto à Prefeitura benefícios para melhorar a infra-estrutura do bairro. Já é famoso no bairro o “café da manhã” da ACISF, que reúne diversos setores do comércio e indústria do bairro, para tratarem dos interesses da comunidade.

Os laços de amizade entre os proprietários de restaurantes estão presentes em outros aspectos da vida desses “italianos”, como na religiosidade e no lazer. Católicos praticantes, é comum encontrar esses empresários conversando em frente à igreja, após a missa de domingo, sobre os problemas da classe. No que se refere ao lazer, alguns costumam viajar juntos em excursões para a Itália. Outros convidam os colegas para os casamentos dos filhos.

O casamento dos filhos da Flora (Restaurante Madalosso) eu não perdi um casamento. Do Esmanhoto do (restaurante) Don Antônio também, aqueles casamentos lindíssimos que eles faziam nem em filme eu vi um casamento igual. (E.P.; “italiana” de SF, proprietária de restaurante).

Essa rede de solidariedade é igualmente acionada em momentos difíceis, como lembra a proprietária do Restaurante Iguaçu na ocasião da morte do marido.

O Madalosso, quando morreu meu marido ele veio aqui sentou naquela mesa e falou, pediu se eu precisava alguma coisa, de garçon, empregado e dinheiro também. (E. P.; “italiana” de SF, proprietária

de restaurante).

Ou ainda, na década de 1970 quando a saúde pública fechou temporariamente dois dos restaurantes típicos do bairro, devido a uma intoxicação alimentar.

Conhecemos muito bem o trabalho dos nossos amigos proprietários do restaurante...Um trabalho sempre voltado para bem servir a sua freguesia, um trabalho de fôlego de muitos anos. Conhecemos também o caráter e finura destas pessoas, há mais de 25 anos e de maneira nenhuma poderemos admitir que fomos taxados de qualquer adjetivo que venha a denegrir a excelente imagem que possuem. Um acidente de trabalho que pode acontecer a qualquer um de nós, não deve ser motivo para especulações. É uma verdadeira injustiça". (C.M.; "italiano", proprietário de restaurante em SF. Diário do Paraná de 25/11/1979)

As especulações que surgiram na época "contaminaram" através de fofocas todos os demais restaurantes de Santa Felicidade. Apesar das preferências individuais, do ponto de vista dos "curitibanos", os restaurantes em alguma medida são vistos como iguais, e a boa ou má reputação de um garante a dos outros.

Por outro lado, assim que os restaurantes reabriram, sua "clientela tradicional" em demonstração de confiança e respeito lotou a casa, fazendo fila para conseguir uma mesa (Correio de Notícias de 05/11/79).

3.3 "PROGRAMA DE DOMINGO" DOS CURITIBANOS

É hábito das famílias de camadas médias de grandes centros urbanos almoçar fora aos domingos, celebrando através deste ritual de comensalidade laços de parentesco e

afinidade. Esta prática, até recentemente realizada nas casas das famílias, foi nas últimas décadas transferida para o ambiente do restaurante. Barbosa, em seu estudo sobre as representações dos dias da semana constatou que o domingo “é simbolicamente o momento em que as pessoas reafirmam seus valores e sua solidariedade, como grupo. É o momento da comensalidade, do encontro, da sociabilidade, da relação ao nível grupal” (BARBOSA, 1984, p. 25).

Em um artigo do Jornal Folha de São Paulo (02 /04/ 1995), “Dona-de-casa ganha alforria no domingo”, uma pesquisa da Datafolha conclui que 69 % dos paulistanos almoçam fora aos domingos. Segundo a pesquisa, para a maioria dos entrevistados “o principal motivo para almoçar fora aos domingos é de ordem prática : manter distância da cozinha no dia de folga da empregada doméstica”.

Em Curitiba a maioria das famílias de camadas médias⁴⁷ que almoçam fora aos domingos divide-se entre duas opções distintas que oferecem preços acessíveis: os restaurantes de comida típica italiana de Santa Felicidade ou as churrascarias do bairro Uberaba, concentradas ao longo da Avenida das Torres⁴⁸.

Em Santa Felicidade, a avenida Manoel Ribas fica congestionada. Estima-se que cerca de trinta mil pessoas comam em Santa Felicidade em um único final de semana (Revista Veja, 25 / 01/ 1995). Centenas de carros dirigem-se para o restaurante preferido

⁴⁷ Segundo as entrevistas realizadas em 25/07/96, com 21 clientes curitibanos do Restaurante Madalosso : 14 tinham o 3º completo, 03 possuíam o 2º e 04 eram estudantes de 1º, 2º e 3º graus. Destes 11 eram profissionais liberais como engenheiros, bioquímicos, analistas de sistemas, advogados, etc; 05 eram comerciantes, representantes de venda e secretárias, 1 não respondeu, além dos 4 estudantes.

⁴⁸ Avenida Comendador Franco também conhecida como Avenida das Torres devido às torres de transmissão de energia elétrica que separam suas duas pistas. Situada na região sudeste da cidade, é a principal via de ligação do centro de Curitiba com o Aeroporto Afonso Pena, localizado no município vizinho de São José dos Pinhais. Nesta avenida concentram-se algumas das grandes churrascarias da cidade como : Churrascaria OK, Churrascaria Napolitana, Churrascaria Per Tutti e Churrascaria das Torres.

da família. Alguns panfleteiros distribuem anúncios de restaurantes locais, divulgando descontos e promoções. Tarefa praticamente inútil, pois a grande maioria dos curitibanos freqüentam o mesmo restaurante há muitos anos, preferência que passa de pais para filhos.

Eu, por exemplo, frequento o restaurante Iguaçu há provavelmente 40 anos. Quando ainda era apenas a casinha dos donos, uma saleta menor que essa com 4 a 5 mesas só. (W. M., “não Italiano”, jornalista)

Essa prática pôde ser confirmada durante as entrevistas realizadas junto à clientela curitibana do restaurante Madalosso, sobre a sua preferência pelo restaurante.

Venho aqui desde que eu me conheço por gente, há mais de 23 anos. (analista de sistemas)

Porque é a nossa melhor comida típica do Paraná (comerciante).

Sempre venho (estudante).

Sou frequentadora assídua, duas vezes por semana. (professora universitária).

É nosso preferido há vinte anos (médico).

Mas, se os restaurantes típicos de Santa Felicidade servem a mesma comida, por que existe um público cativo? Quais são os critérios responsáveis pela preferência das famílias curitibanas que freqüentam um mesmo restaurante durante décadas ?

Segundo Arnaldo Trevisan, um dos proprietários do Restaurante Cascatinha, a

explicação para este fenômeno é o costume, a tradição.

Aí está na tradição no costume, às vezes não tem nada haver com o próprio alimento.

Em Curitiba, não só a qualidade da comida e os preços acessíveis, mas também as relações de sociabilidade com proprietários e garçons que se atualizam através de gerações, são apontados como motivos da preferência dos curitibanos por um determinado restaurante de Santa Felicidade durante décadas.

O sucesso dos restaurantes de Santa Felicidade deve ser entendido dentro do contexto histórico local do gosto dos curitibanos pela comida italiana. Segundo Santos, “o regime alimentar da população curitibana no século XIX estava baseada nos seguintes produtos: milho, feijão, arroz, farinha de mandioca, carne verde, trigo, centeio e mate” (1995, p. 124).

Entretanto, na segunda metade do século XIX, com a chegada de imigrantes europeus novos itens alimentares passaram a fazer parte da dieta dos curitibanos, como broas, salsichas e cerveja, introduzidas pelos alemães; além do macarrão e da polenta, dos italianos (MARTINS, 1989).

A primeira fábrica de macarrão foi aberta pelo imigrante italiano Giuseppe Todeschini em 1885. Em uma chácara na Colônia italiana Dantas (hoje bairro da Água Verde), Todeschini abriu a sua “*Fábrica di Paste Alimenticie d’ Ogni Qualità*” conhecida atualmente com o nome de Todeschini S/A. Alimento até então desconhecido entre os curitibanos, no início foi difícil a sua comercialização. Segundo Chaves, Giuseppe Todeschini “era possuidor de uma personalidade alegre e comunicativa, ia de casa em

casa, oferecendo o macarrão, onde explicava o seu valor nutritivo, ensinava as maneiras de prepará-lo e como saboreá-lo, chegando as vezes a sentar-se com o freguês e comer junto com ele” (CHAVES, 1995, p. 30).

Já no final da década de 1930, abriu o restaurante Vagão do Armistício, que segundo os curitibanos mais antigos foi o primeiro restaurante de comida italiana de Curitiba. Situado na Avenida Capanema, atual Affonso Camargo, à beira da linha do trem, o pequeno restaurante caseiro de 3 x 6 m funcionava em uma pequena casa nos fundos do comércio de secos e molhados do Sr. Isaac Lazzarotto. Segundo Hoerner Júnior (1989), esse restaurante foi aberto inicialmente para servir almoço aos oficiais da subsistência do Exército. Entretanto, a qualidade da comida de D^a Júlia Lazzarotto começou a ganhar fama na cidade. “A notícia foi se espalhando naquela Curitiba tão carente de disponibilidade desse tipo. Só havia mesmo eram pensões que serviam alimentação. A comida de D^a Júlia era diferente. Reunia muito da Itália carinhosamente misturada com o que em Curitiba conheceu ” (HOERNER JR., 1989, p. 114). Sempre mediante encomenda eram preparados risoto, galinha assada, polenta com lingüiça e salada amarga⁴⁹. Para degustar estas delícias acompanhadas de um bom vinho caseiro, para lá acorriam políticos, jornalistas, funcionários da Rede, artista e amigos (HOERNER JR, 1989; MARTINS, 1989).

No final da década de 1950, enquanto o Vagão do Armistício fechava suas portas, os restaurantes de Santa Felicidade começavam pouco a pouco a atrair a atenção da população curitibana.

⁴⁹ É interessante notar que este mesmo menu da década de 1930 faz sucesso até hoje nos restaurantes de Santa Felicidade.

Mas, voltando à questão da preferência das famílias curitubanas por um determinado restaurante de Santa Felicidade, fazemos os seguintes questionamentos : Será que os pratos típicos servidos nos restaurantes são realmente iguais? Não existem diferenças no tempero, na apresentação e mesmo na variedade dos pratos?

Arnaldo Trevisan, um dos proprietários do Restaurante Cascatinha, referindo-se ao tempero da comida servida em seu restaurante comenta : “ *não existe nada igual. Porque não é industrial. A base é o padrão. A comida aqui é o tempero acentuado*”.

Cada proprietário de restaurante sutilmente procura imprimir a sua diferença, quer seja no tempero dos pratos, quer na diversidade dos mesmos.

Silva (1985), em seu estudo sobre a construção social da mulher de prendas domésticas, descreve a produção de doces de frutas pela aristocracia rural mineira. Os doces tradicionais da região, apesar de aparentemente iguais para os não residentes no local, entre os conterrâneos são hierarquizados segundo o prestígio de quem os produziu, indicando um maior ou menor grau de preocupação em manter um padrão de qualidade tradicional . O mesmo pode ser dito dos restaurantes de Santa Felicidade onde a autenticidade⁵⁰ da comida está diretamente relacionada à pessoa que a preparou. Segundo informantes, o segredo para o preparo da boa comida está na **herança dos ancestrais**, ou seja, no “**sangue italiano**” das mulheres proprietárias dos restaurantes. Dentro desta lógica, a comida preparada pelos empregados perde todo o valor e deixa de ser autêntica.

Hoje tem dono de restaurante que não trabalha, a única que trabalha é a Flora Madalosso (restaurante Madalosso), e a do (restaurante) Cascatinha,

⁵⁰ Para Gonçalves (1995, p. 238) “o valor autenticidade é produzido por uma narrativa de perda, apropriação e redenção. Desse modo a autenticidade da cultura erudita ou da cultura popular existe exatamente à medida que estão sendo ameaçadas de destruição pelo processo de desenvolvimento econômico e pela indústria cultural.”

a D^a Mira do (restaurante) Iguaçu também trabalha. As demais é só empregado. Ai começou a virar comércio, uma indústria. Antigamente não era caseiro mesmo. Foi uma herança que meu avô me deixou, que me ensinou, porque ele cozinhava. Já na Itália ele fazia. Eu sinto muita falta, era uma coisa que eu já tinha no sangue. (L. D.;“italiana” de SF, proprietária do Restaurante Durigan que funcionou entre as décadas de 1960 -1980).

Recentemente em Santa Felicidade, alguns dos restaurantes introduziram carne de gado servida no sistema rodízio, associada aos pratos típicos. Outros optaram por não alterar o cardápio tradicional italiano, buscando a diferença na apresentação dos pratos, na possibilidade de o cliente escolher o seu pedaço de frango preferido, ou servindo um prato italiano inexistente no cardápio dos outros restaurantes. Exemplo disso é a **polenta palito**, espécie de polenta frita mais fina e crocante que a tradicional, servida no restaurante Iguaçu. Ou a sopa de miúdos de frango servida somente no Restaurante Cascatinha.

Além da tradição das famílias curitibanas, a opção por “comer em Santa Felicidade”, deve-se também aos seguintes critérios : preços acessíveis, a variedade e a qualidade dos pratos, e a eficiência e a rapidez do serviço. Nas entrevistas realizadas com a clientela curitibana do restaurante Madalosso, os comentários foram bem parecidos.

Variedade de comida.

Preço, ambiente, simplicidade.

A variedade de comidas, o ambiente e sem contar o bom atendimento.

Comida muito gostosa

Presteza no atendimento.

Eficiência no atendimento.

Embora a competição entre os proprietários dos restaurantes permaneça “invisível” para os curitibanos, esses procuram marcar diferenças investindo na arquitetura de seus restaurantes, na qualidade da comida e principalmente no atendimento de sua clientela.

3.4 TURISMO E GASTRONOMIA

Uma das opções turísticas de Curitiba é visitar o bairro de Santa Felicidade e almoçar ou jantar em um dos seus restaurantes típicos. Diversas empresas de turismo locais, nacionais e também provenientes da Argentina, Uruguai e Paraguai, fazem passeios pelos principais pontos turísticos da cidade, terminando com um almoço ou jantar no bairro típico italiano de Santa Felicidade.

É a 1ª vez que venho a Curitiba, e pela tarde em um city tour a nossa guia nos contou um pouco sobre este bairro e suas características (estudante, Divinópolis / MG).

Em torno deste roteiro gastronômico existem diversos estabelecimentos comerciais cujas atividades estão diretamente relacionadas ao sucesso dos restaurantes. Lojas de artesanato e móveis coloniais expõem seus produtos na calçada para chamar a atenção dos visitantes. Adegas oferecem degustação de vinho, queijos e salames, produzidos no bairro. Este comércio direcionado para o turismo possui um horário de funcionamento diferenciado, abrindo diariamente das 11h da manhã até às 23 horas. Dentro de alguns dos restaurantes também existem lojas de artesanato, além do comércio do vinho da colônia.

Não são todos os restaurantes que possuem convênio com agências de turismo, somente os maiores como o Madalosso, o Dom Antônio e o Veneza, é que estão

preparados para receber grupos de turistas. Alguns proprietários de restaurantes não vêem vantagens em receber turistas, preferindo dedicar-se à sua clientela tradicional.

Quando vem esporadicamente, ônibus assim tudo bem. Daí a gente combina o preço. Mas a gente não tem convênio com nenhuma empresa, a gente não faz questão. Para nós não é viável porque para pegar convênio como tem o Madalosso o Veneza tem que ter um salão separado. Tem que ter música ao vivo, e é aquela festa. Quando pega um pessoal de mais idade tudo bem. Mas quando é piazzada como na Oktoberfest⁵¹, te roubam a metade. Sabe, faca, talheres... O guia, o motorista, esses já são cortesia e o preço já não é igual como normalmente. Para nós não vale a pena. (A. T.; “italiano” de SF, proprietário de restaurante).

No período de férias, cerca de trinta ônibus de turismo desembarcam diariamente na porta do restaurante Madalosso, o maior dos restaurantes do bairro. Os contratos com as agências de turismo prevêm algumas atrações a mais. Os restaurantes fazem um preço especial para os turistas, recebendo-os em um salão reservado, com direito à música ao vivo, em que se misturam músicas brasileiras com a tarantela, ritmo típico da Itália. Muitos dos turistas que vêm pela primeira vez a Curitiba já ouviram falar dos restaurantes de Santa Felicidade através de amigos e parentes, como comprova as respostas dos formulários aplicados a um grupo de 60 turistas no Restaurante Madalosso.

Curitiba é muito conhecida no Rio de Janeiro devido ao Bairro Santa Felicidade e aos maravilhosos vinhos produzidos aqui. No Rio de Janeiro os restaurantes mais famosos são muito pequenos. O Madalosso é muito bonito e tem um ar familiar (professora universitária do RJ).

⁵¹ Oktoberfest : Evento turístico realizado anualmente durante o mês de outubro na cidade de Blumenau (SC), antiga área de colonização alemã, e que atrai milhares de pessoas de todo o país.

Sim, em todo o estado de Minas Gerais é muito falado de quem já veio aqui. (téc. administ., Divinópolis / MG)

Vimos à Santa Felicidade exclusivamente para comer no Restaurante Madalosso (enfermeira, Florianópolis/SC)

Em suma, os restaurantes típicos são o núcleo polarizador da economia local. O bairro italiano de Santa Felicidade se identifica com o lazer dominical dos curitbanos. E Curitiba se identifica e é identificada com o bairro turístico e gastronômico de Santa Felicidade.

4. “A BOA COMIDA DE SANTA FELICIDADE”

4.1 A COMIDA ENQUANTO LINGUAGEM

O interesse dos antropólogos pelo estudo da dieta alimentar das diferentes sociedades, surgiu juntamente com a própria ciência no final do século XIX. Em seu trabalho “Cooking, Cuisine and Class : a study in comparative sociology”, GOODY (1982) elabora uma síntese do pensamento antropológico sobre a comida desde o século XIX até os estudos contemporâneos de Lévi-Strauss e Mary Douglas. Segundo esse autor, no século XIX os antropólogos evolucionistas, além do aspecto propriamente econômico da dieta, focalizaram seu interesse nos aspectos religiosos do processo do consumo : tabu, totemismo, canibalismo, sacrifício. Frazer em “Questions on the customs, beliefs and languages of savages” (FRAZER, 1907 in GOODY 1982), inicia o capítulo sobre comida com a pergunta : “Eles comiam tudo que fosse comestível ? Existiam certas comidas proibidas ? Eles praticavam canibalismo? Eles comiam seus inimigos ou seus amigos ? ”

No início do século, com a corrente funcionalista de Radcliffe-Brown e Bronislaw Malinowski, a questão da dieta também passou a ser pensada a partir do seu significado social. Radcliffe-Brown (1922) em “The Andaman islanders of the bay of Bengal”, descreve que a atividade social mais importante entre os Andaman era a obtenção de comida, diretamente relacionada aos tabus alimentares e às cerimônias de iniciação do menino e da menina, no grupo (GOODY, 1982).

Segundo Goody, Malinowski em 'Coral gardens and their magic' (1935) "interessou-se mais pelo processo da produção do que pelos aspectos simbólicos da comida", entretanto seu trabalho influenciou diretamente outros estudos, em especial os de Audrey Richards (GOODY, 1982, p.15). Para Malinowski, Richards em sua obra "Hunger and work in a savage tribe : a functional study of nutrition among the southern Bantu" (1932), produziu "a primeira coletânea sobre os aspectos culturais da comida e do comer, fundamentando o surgimento de uma teoria sociológica da nutrição" (GOODY, 1982, p. 15).

Entretanto somente a partir dos trabalhos dos antropólogos contemporâneos como Lévi-Strauss, Sahlins e Mary Douglas, a questão da dieta alimentar passou a ser analisada em suas relações simbólicas. O precursor nessa mudança de paradigma foi Lévi-Strauss, com sua abordagem estruturalista.

Em "As estruturas elementares do parentesco" (1949), Lévi-Strauss descreve as regras de distribuição dos alimentos entre populações indígenas, demonstrando que o alimento encontra-se diretamente relacionado às regras de parentesco e de casamento dentro de um sistema de reciprocidade. Nos três primeiros volumes das Mitológicas, Lévi-Strauss (1991, 1967, 1968), analisa as representações míticas da passagem natureza / cultura entre os índios do Brasil e América do Norte (GOODY, 1982). Em Antropologia Estrutural (1991) e no artigo "O Triângulo Culinário (1968)", o autor analisa a comida em diferentes sociedades, a partir do seu processo de elaboração. Concluindo no Triângulo Culinário, "que a cozinha de uma sociedade é uma linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura" (LÉVI-STRAUSS, 1968, p.35).

Sahlins, em sua crítica ao utilitarismo, chama a atenção para os aspectos da produção e consumo do que é considerado alimento em uma sociedade. Em sua análise dos alimentos considerados tabu para a sociedade americana este autor conclui que “existe uma razão cultural em nossos hábitos alimentares”. A classificação dos alimentos em comestíveis e não comestíveis está diretamente ligada à exploração do meio ambiente, ou seja, “a relação com a terra depende do modelo de uma refeição”. Desta forma, “os homens não sobrevivem simplesmente. Eles sobrevivem de uma maneira específica” (SAHLINS, 1979, p.187-190).

Mary Douglas, em seus trabalhos *The World of Goods* (1980) e "Food as a System of Communication" (1982), pensa a questão da comida enquanto um código, um sistema de comunicação. Para a autora, a refeição simboliza as relações sociais existentes entre os que a compartilham. Analisando o sistema alimentar familiar britânico, a autora encontrou correlações entre a estrutura da comida e as relações sociais de pessoas que habitualmente comiam juntas. Observou regularidades entre o comportamento social e a dieta, percebendo a capacidade da comida de marcar relações sociais e celebrar ocasiões.

Douglas chama a atenção para o desconhecimento em relação aos usos e costumes da comida e a tendência geral em vê-la enquanto uma imposição do corpo, não reconhecendo seu aspecto simbólico. Para a autora "Comer não é Alimentar-se" (DOUGLAS, 1982, p.124).

No Brasil, acredito que Roberto Da Matta foi um dos primeiros antropólogos a discutir o significado simbólico da comida. Em seus estudos sobre os hábitos alimentares em nosso País, Da Matta propôs a necessária distinção entre alimento e comida:

alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva, comida é tudo que

se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade. Em outras palavras, o alimento é como uma grande moldura; mas a comida é o quadro, aquilo que foi valorizado e escolhido dentre os alimentos; aquilo que deve ser visto e saboreado com os olhos e depois com a boca, o nariz, a boa companhia e, finalmente a barriga.... (DA MATTA, 1993, p. 55).

O seu argumento pode, ainda, encontrar paralelo em Mary Douglas quando esta aponta para o aspecto social da comida associado a rituais que remetem tanto à fartura quanto à saciedade : “As pessoas gostariam de comer menos, mas elas comem mais. Por quê? Porque a comida lhes é forçada sobre a pressão de instituições sociais as quais usam comida como um meio de se relacionar. Recusar o oferecimento de um relacionamento poderia ser potencialmente mais prejudicial do que aumentar de peso” (DOUGLAS, 1982, p. 119).

O significado de cada refeição deve, portanto, ser encontrado em um sistema de analogias, como, por exemplo, entre o que é comida do cotidiano e de celebração. Há que se considerar a refeição no contexto de outras refeições realizadas durante um dia, uma semana, um mês, um ano. De forma que: “cada refeição carrega algo do significado de outras refeições; cada refeição é um evento social estruturado, as quais estruturam outras a sua própria imagem” (DOUGLAS, 1971, p. 69; in GOODY, 1982).

Além das oposições cotidiano/celebrações, dias de semana/finais-de-semana, uma análise da comida implica reconhecer, em nossa sociedade, distinções entre a comida de casa e a comida do rua. A respeito desse "modo dual de comer", é, ainda, Da Matta quem afirma :

no caso do Brasil há efetivamente uma comida da rua, impessoal e individualizada a contrastar com uma comida da casa que remete ao conjunto de elos sociais imperativos que dão forma e sentido a nossa vida (DA MATTA, 1987, p. 23).

A comida da casa pode ser definida como uma forma tradicional de comer, identificada por repastos coletivos e a presença de sociabilidade e intimidade entre os comensais.

(DA MATTA, 1987, p. 23).

Utilizando a oposição comida da rua/ comida da casa sugerida por Da Matta, discutiremos a seguir as diferenças formais e o significado da comida presente na mesa das casas dos descendentes de imigrantes italianos, a comida servida nos restaurantes de Santa Felicidade para uma clientela formada em sua maioria por curitibanos e turistas; e a comida presente nas festas típicas dos italianos : *Festa da Uva, do Vinho* e do *4 Giorni in Itália*.

4.2 A COMIDA DA CASA

Balhana, em “Santa Felicidade um processo de assimilação” (1958), dedica um capítulo especialmente para a alimentação cotidiana dos colonos. Nesse capítulo a autora descreve o número de refeições realizadas durante um dia, os horários das mesmas e quais os alimentos são consumidos. São cinco refeições diárias sendo : *magnare del matino* (6 h), *colazion* (9 h), *desinare* (12 h), *marenda* (15 h) e *cena* (19 h).

Em minha pesquisa uma das informantes descreve estas refeições.

Meu pai trabalhava na roça e a minha mãe ficava em casa cuidando da casa, mas a gente sempre ia levar comida prá eles na roça. De manhã (magnare del matino) lá pelas seis era um café bem reforçado, tinha salame, polenta frita, ovo cozido, pão feito no forno a lenha. Lá pelas nove (colazion) tinha alguma coisa também e no almoço (desinare) era sopa, uma sopa bem reforçada, e tinha um pouco de vinho também. À tarde (marenda) tinha pão de novo com salame e depois à noite (cena) tinha polenta, sopa, salame, queijo que nós fazia. Minha mãe pegava matava os frango e deixava mergulhado pra depois assar no forninho ficava tão bom. E comiam, os homens vinham da

lavoura com bastante fome. (I.F.; “italiana” de SF, dona de casa)⁵²

Na década de 1950, Balhana observou que os principais alimentos consumidos pelos colonos era a polenta⁵³ que praticamente substituía o pão, a carne de porco e o vinho. Atualmente a polenta, considerada símbolo da identidade dos descendentes de italianos do bairro, ainda está presente na alimentação diária de muitas das famílias pioneiras. Substituindo o pão no café da manhã, e presente nas demais refeições do dia, intercalada com o brasileiríssimo feijão com arroz.

Olha o feijão e o arroz não pode faltar hoje, eu sou brasileiro, eu nasci aqui. Não pode faltar polenta. Uma polentinha dessa aqui você frita um ovo na banha, com uma polentinha mole dessa aqui você enche o prato e põe o ovo em cima da polenta.

E o senhor não come pão?

Para mim os padeiros já estavam mortos há século, então eu levo três fatias de polenta fria no café às 9 h, com salame, presunto e queijo. As 9 h porque de cedo eu não como nada. Daí as 11:00 eu vou comer o meu feijão e de tarde tem polentinha fria. (R.; “italiano” de SF, integra o grupo que prepara a polenta na festa do vinho)

Após seu preparo, a polenta poderia ser servida de diversas formas : mole ou em fatias, preparada na chapa - “brustolada”. Os utensílios apropriados, associados a uma técnica muito especial para cortá-la e distribuí-la, fazem parte de um ritual herdado dos

⁵² Este relato corresponde a descrição de Balhana (1958, p. 108-111) da refeição cotidiana dos colonos de Santa Felicidade.

⁵³ Polenta: Espécie de angú de fubá preparado com água e sal.

antepassados.

Mas o que nós comíamos em casa era polenta branca cortada por um fio, que era jogada sobre o panaro, panaro era a tábua da polenta. A polenta era feita em um tacho que tinha que dar pra toda a família, pra janta e pro café da manhã, era meia mole e era virada sobre uma tábua de polenta chamada panaro e a gente cortava com um fio de baixo pra cima. Então cortava as fatias de polenta com pedaço de queijo e adaptava as vezes com arroz ou macarrão feito em casa. De manhã se comia a polenta cota que se falava, ascendia-se o fogo não tinha fogão a gás, então na chapa, cortava-se as fatias em forma quadrada ia em cima da chapa, ficava aquela casquinha grossa e a polenta quente, se comia aquilo de manhã com leite normalmente, era comum você pegar uma pedaço, uma fatia de polenta e comia aquela polenta e misturava com leite, fazia uma espécie de uma rapinha e comia aquilo na escola que é uma tijela, esse era o hábito. (E.C; “italiano” de SF, presidente do Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba).

A carne de porco produzida na própria colônia era a principal fonte de proteína animal na dieta dos “italianos”. Segundo Balhana, alguns anos antes de sua pesquisa (1958, p.123), os açougues da colônia vendiam carne de gado apenas aos sábados. No final da década de 1950, passaram para três vezes por semana, aumentando o seu consumo entre os “italianos”.

Cada família consumia em média um porco por ano. Matar o porco era um verdadeiro ritual que exigia um dia inteiro de trabalho. Logo cedo o porco era abatido, pelado e carneado. Suas entranhas, tripas e miúdos eram transformados em lingüiças, salames, chouriço, torresmo e mortadela. As tripas grossas eram utilizadas para fazer sabão, e o toucinho transformado em banha. As famílias não possuíam geladeiras, e o que

não podia ser conservado era imediatamente consumido (BALHANA,1958, p.119-122)

Até hoje esse costume se mantém e muitas famílias criam porcos para consumo. Os “italianos” matam porco, produzem o salame caseiro e vendem o excedente em um “comércio de vão de cerca”. Apesar da fiscalização, aproximadamente sessenta famílias de moradores das redondezas da avenida Manoel Ribas comercializam salame clandestino através das cercas de suas propriedades (CORREIO DE NOTÍCIAS, 1987).

O vinho, principal bebida dos italianos da colônia, estava em primeiro lugar entre as bebidas consumidas, seguido do leite e do café (BALHANA,1958). Esta tradição se mantém até hoje.

Que o italiano ele toma vinho no café da manhã, no almoço por excelência, como no café da tarde e também no jantar. Então todas as refeições dos italianos era regada a vinho e principalmente na tigelinha, então eles mantinham essa tradição da Itália. (J.V.; “italiano” de SF, proprietário de carpintaria no bairro)

Durante as entrevistas com os “italianos de Santa Felicidade”, realizadas muitas vezes no período da manhã ou da tarde, fiquei surpresa ao ser recebida com vinho, acompanhado de queijo e salame como tira-gosto.

Para os “italianos da colônia”, a comida também estava associada à solidariedade nos mutirões realizados pelas famílias durante o trabalho nas roças.

Quando as famílias saíam para a roça nos mutirões em 6-7 famílias. Se juntavam em 30-40 pessoas naqueles paióis. Uma delas quando dava cinco horas desciam da roça e vinham fazer a comida : polenta, salada, carne de porco, pão, macarrão eles levavam para colocar na sopa de feijão.

(M.F.; “italiana” de SF, proprietária de restaurante)

Ou como forma de confraternização nos eventos sociais realizados na colônia, principalmente nas cerimônias de casamento, quando a família do noivo oferecia aos parentes e amigos um almoço ou jantar. Era obrigatória no cardápio a sopa de galinha com arroz (espécie de risoto) servida como prato principal, seguida de frangos fritos e assados, além de muito vinho para acompanhar. As festas de casamento eram momentos de muita alegria, comemoradas com baile e cantorias.

E os casamento que eles faziam. Era só comida, porque italiano comia, comia que nossa! Um ano antes chocava os ovos, pra depois ter assim galinha, pro casamento. Era bastante e assava no forno e fazia aquele risoto, era demais aquilo, tudo feito em fogão de lenha e banha de porco. Eles faziam “cuque⁵⁴” com fermento de pão, e “brustoli⁵⁵”, e fazia de quantidade, as mulheres todas ajudavam oito, quinze dias antes. E não tinha geladeira e não tinha nada. A gente fazia os frango e aquelas farofa, hum, nas bacia e nas panela, tudo só com tempero. A gente mergulhava os frango no vinho dentro de caixas de madeira pra depois assar. Eram três dias de festa. No outro dia do casamento sempre tem um almoço né, prá comer aquilo que sobrou da festa. A gente fazia pão e cerveja feita em casa, e bastante vinho também e tinha o gaitero prá festa que durava a noite inteira. E era assim que vivia os italianos. (I. F.; “italiana” de SF, dona de casa).

Durante as entrevistas, observamos a frequência com que se falava na abundância da comida. Havia falta de dinheiro, entretanto a comida abundante e saudável era um dos motivos de orgulho dos pioneiros da colônia.

⁵⁴ Cuque : “do alemão kuchen. Bolo de origem alemã também conhecido como cuca, feito com os seguintes ingredientes : ovos, farinha de trigo, manteiga e fermento e coberto com açúcar”. (verbete do dicionário AURÉLIO, 1986)

⁵⁵ *Brustoli* : Biscoitos de farinha de trigo e açúcar.

Comida nunca faltou, isso nós tinha em abundância, não tinha muita carne, mais galinha, porco e peixe tinha. Aqueles frango bonito, não os de hoje em dia, eram frango caipira...No domingo era frango todo domingo era assim, aos domingos fazia também macarronada feita em casa, numa máquina. Minha mãe não tinha máquina de macarrão, então a minha mãe amassava o trigo e colocava bastante ovo e ia na casa da minha tia e fazia bastante e depois espalhava numa toalha no sol. E depois fazia um bom molho de tomate, mas a gente não tinha massa de tomate, a gente fazia mesmo em casa, tudo era feito em casa. A gente matava porco e fazia aqueles salames. Ah! Que delícia.

(I.F.; “italiana”de SF, dona de casa.)

Comiam, não havia preocupação com muito esmero e variedade. Era uma comida nutritiva, todos comiam juntos na mesa após as orações. E rígidos. No almoço tinha feijão, carne, salada, a fartura era muito grande. Fruta era só escolher no quintal. Como prato principal era a polenta, depois eles comiam brodo ou a sopa de feijão (incorporada). O que eles gostavam mais era o “brodo”. A matrona ia para a cozinha no domingo e preparava macarrão feito em casa, talliateli, macarrão feito na mão. Preparavam carne com muito tempo de cozimento que não era de frango. Faziam risoto e macarrão com molho de carne. Nós tínhamos a manteiga própria, o leite próprio, o queijo é para comer polenta. Ralavam queijo. O que não pode faltar nunca na mesa para nós descendentes é o queijo ralado. eles adoravam, degustavam o queijo parmesão. Os queijos eram degustados minusciosamente, era uma coisa preciosa. Salame , porque tinham várias maneiras de se fazer omelete, abriam o salame e jogavam na chapa quente que ia saindo a gordura e ficava sequinho. Fatiado ou depois de seco comer com pão. O lombinho de porco, pernil, essas coisas tinha o ano inteiro. O godeguim que eu nunca gostei, é o coró embutido. Era moído e cozido com feijão para pegar cor e depois

embutido. Era comido sempre a noite nunca no almoço, no lugar da carne de gado. Comido com polenta. Comia-se feijão e arroz no almoço e a noite não se via, para eles era indigesto. (M. F., “italiana” de SF, proprietária de restaurante).

(...) naquele tempo ninguém ficava doente, a comida era boa e pura, não é como hoje em dia. (G.F.; “italiano” de SF, presidente do conselho paroquial de administração da Igreja de SF e proprietário de loja de artesanato no bairro).

Ianni (1963), descreve a dieta alimentar dos colonos na região norte da Itália no final do século passado : “ os velhos que ainda lembram bem as condições de trabalho e de vida de então (1880), contam histórias do tempo em que um colono ganhava cerca de 40 centavos de lira por dia, mais comida : figos secos pela manhã, no almoço um dia macarrão e outro polenta, e de noite dois pães de mais ou menos novecentas gramas cada um para levar para família”. (IANNI, 1963, p. 56)

Para os “italianos” de Santa Felicidade, cujos ancestrais viveram períodos difíceis na Itália e nos primeiros tempos da Colônia, comida e bebida em abundância são uma benção. Presentes nas tradições do grupo, na solidariedade dos mutirões e na sociabilidade dos casamentos constituem focos simbólicos de construção da identidade. A polenta é a iguaria de todos os momentos.

4.3 A COMIDA DOS RESTAURANTES

A comida servida nos "restaurantes típicos" de Santa Felicidade baseia-se no

trinômio: frango à passarinho, polenta frita, risoto de miúdos, aos quais se acrescentam outros pratos como massas e saladas. Caracteriza-se por ser uma adaptação da culinária do Vêneto ao gosto nacional. Pratos servidos tanto nas festas de casamento como no cotidiano das mesas das famílias de descendentes de imigrantes, foram sendo modificados ao longo dos cem anos desde a imigração italiana.

Uma inovação culinária de Santa Felicidade é o frango à passarinho, que teve sua origem derivada da passarinhada frita preparada com sálvia. Era costume entre os descendentes de italianos, até por volta dos anos cinquenta, a caçada de passarinhos. Segundo D^a. Alice Trevisan, proprietária e chefe de cozinha do Restaurante Cascatinha, o frango à passarinho recebeu esse nome porque leva o mesmo tempero usado no preparo da "passarinhada", sendo preparado da mesma forma.

A polenta, prato típico da região do Vêneto, era e continua sendo a base da alimentação dos colonos. Servida mole, quase um mingau, ou "adormecida" de um dia para outro, quando ficava mais compacta, era cortada em fatias e tostada na chapa.

De dia eles comiam quentinha e de manhã eles não comiam pão, era polenta com leite na tigela. Colocavam as fatias na chapa e ela ficava tostadinha, cortavam e colocavam no café ou leite e faziam um mingau. (M.F.; "italiana" de SF, proprietária de restaurante).

Ninguém sabe explicar como esta polenta, prato principal dos colonos, tornou-se polenta frita servida como aperitivo ou acompanhamento nos restaurantes. Muito provavelmente esta invenção foi uma forma de aproveitamento da polenta mole.

Quando você prepara a polenta tira do tacho ela é mole, macia. Então o que acontece com a polenta que sobrou hoje,

amanhã ela está seca. Então você corta em fatias e frita para ela ficar novamente aceitável, gostosa. É um aproveitamento.
(A.T.-proprietário de Restaurante de SF)

Outro prato presente nos restaurantes de Santa Felicidade é o risoto de miúdos de frango ao molho de tomate, uma derivação do “risoto de colher”, preparado com arroz e frango, consumido como prato de entrada nos casamentos dos colonos. Este último é um risoto “bem molhadinho”, quase uma sopa, para ser consumido com colher, considerado pela proprietária do Restaurante Cascatinha como a atração que distingue seu restaurante dos demais.

Segundo informantes, esse risoto é típico da colônia de Santa Felicidade. Na Itália, o que existe é um risoto branco feito com leite e cogumelos. Na falta desses ingredientes é que os imigrantes acabaram por criar novos pratos: risoto de miúdos e risoto de colher.

Finalmente o frango prensado. Prato que teria sido introduzido no cardápio “Vêneto” de Santa Felicidade pelo Restaurante Madalosso. Fez tanto sucesso que “começou a tirar a clientela dos outros restaurantes”, os quais rapidamente também o adotaram. Foi Flora Madalosso que desenhou e mandou confeccionar uma prensa de ferro, inspirada no churrasco gaúcho de sua terra natal, Caxias do Sul (RS).

É uma prensa de ferro, ela foi feita especialmente para isso nos Irmãos Mueller⁵⁶. Ela pesa 50 kg a parte de baixo e 60 kg a parte de cima. A gente sofreu muito para achar o jeito de fazer essa prensa. O frango prensado é feito desossado. Porque antigamente a gente abria o frango, prensava e servia com

⁵⁶ O imigrante alemão Gotlieb Müller foi o pioneiro da indústria metalúrgica no Paraná, abrindo sua ferraria por volta de 1878, na Estrada do Assungui, hoje Avenida Mateus Leme. Mais tarde seus filhos assumiram o negócio que passou a chamar-se Fundação dos Irmãos Muller. Atualmente no local onde ficava a fundição foi construído o Shopping Müller, o maior shopping center de Curitiba (CHAVES, 1995, p. 85-89).

o osso como o gaúcho fazia, mas depois a gente viu que não dava certo. A gente começou com uma e hoje nós temos oito prensas que cabem oito frangos. Vai o frango inteiro e cru na prensa quente.

(F.M.; "italiana" de SF, proprietária de restaurante).

Apesar de acentuadamente modificados ou mesmo inventados, pratos como frango-à-passarinho, frango prensado, risoto de miúdos e a polenta frita, legitimam uma culinária tradicional "vêneta", em torno da qual se reinventa a identidade "italiana" e a própria identidade de Santa Felicidade enquanto bairro gastronômico. Segundo Hobsbawn :

por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. A tradição neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do costume, vigente nas sociedades ditas tradicionais. O objetivo e a caracterização das tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. (...) a diferença entre tradição e costume fica bem clara. Costume é o que fazem os juizes; tradição (no caso tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado. (HOBSBAWN, 1984, p. 9-10).

Tomando este conceito de tradição inventada percebe-se que a (re)invenção de uma culinária "vêneta", constantemente reafirmada pelos proprietários de restaurantes, pela comunidade local, e pela própria mídia de Curitiba, implica o estabelecimento de uma continuidade com o passado histórico da colônia, transformando o novo em tradicional.

Através dos restaurantes de Santa Felicidade, alimentos que no passado não possuíam nenhum prestígio passaram a fazer parte do gosto curitibano. Por exemplo, a polenta, base da alimentação dos colonos italianos, era considerada até pouco tempo

“comida de cachorro”⁵⁷ para os curitibanos. Desta forma, a polenta era utilizada pela população local como objeto de estigmatização, quando os colonos italianos eram conhecidos como "italianos cara de polenta", "comedores de comida de cachorro".

É possível fazer um paralelo com o estudo de Peter Fry, quando este autor analisa o significado simbólico da comida dos descendentes de escravos africanos no Brasil e nos Estados Unidos. A mesma comida produzida pelos negros em situação de dominação foi apropriada de forma distinta nos dois países. No Brasil, a feijoada tornou-se um símbolo da nacionalidade brasileira, enquanto nos Estados Unidos o *soul food* é um símbolo de negritude. A feijoada, assim como a polenta, símbolos de fronteiras étnicas, estigmatizados no passado, hoje fazem parte da cultura culinária nacional e local, respectivamente. Segundo Peter Fry : “quando se convertem símbolos de “fronteiras” étnicas em símbolos que afirmam os limites da nacionalidade, converte-se o que era originalmente perigoso em algo “limpo”, “seguro” e “domesticado”. (FRY, 1982 : 53).

A comida típica de Santa Felicidade, apesar de não ser mais idêntica à italiana⁵⁸, porque foi modificada ao longo do tempo, é reconhecida como original deste Vêneto idealizado. Teria sido elaborada com o apoio da memória e no gosto culinário dos imigrantes transmitida oralmente aos descendentes. Gradativamente, pratos de origens diversas foram sendo anexados ao cardápio desses restaurantes, como a maionese – desconhecida entre os imigrantes italianos – o rodízio de carnes e as massas de outras

⁵⁷ A base da comida de cachorro preparada em Curitiba consistia em uma papa feita com fubá e água, a qual se misturava restos de refeições, osso, carne, bofe. A receita da polenta, por sua vez, emprega a mesma base de água e fubá.

⁵⁸ Em Santa Felicidade somente os restaurantes Família Fadanelli e Porta Romana estariam identificados com a cozinha italiana contemporânea. Esses restaurantes são menores, mais aconchegantes e oferecem serviço a *La Carte*. Há um *buffet* de entradas – *antipastos*, e diversas opções sofisticadas de massas e carnes.

regiões da Itália: como a lasanha, o caneloni e o nhoque. De forma que houve uma troca de hábitos alimentares, os italianos “abrasileirando-se” e os curitibanos “italianizando-se”.⁵⁹

Referindo-se a esta pesquisa, Seyferth comenta: “ o bairro de Santa Felicidade e seus restaurantes típicos são espaços de atualização da etnicidade italiana, que os membros do grupo, consideram como expressão autêntica de uma cultura compartilhada oriunda da Itália” (SEYFERTH, 1994, p. 22).

Assim, em certa medida, o Vêneto se constrói em torno da comida típica. Para Da Matta, “é a comida que permite exprimir e destacar identidades que, de acordo com o contexto da refeição podem ser nacionais, regionais, locais, ou até mesmo familiares e pessoais (DA MATTA, 1987, p. 22).

O sucesso dos restaurantes de Santa Felicidade deve ser analisado também em relação ao gosto dos curitibanos por esta comida “italiana”. A comida servida nesses restaurantes saiu da casa dos italianos e se identificou com a mesa dos curitibanos. Esta “boa comida” é popular, contrastando com que Douglas afirma, quando fala sobre o sistema alimentar da classe trabalhadora britânica. Para a autora o “*menu*” semanal familiar reflete os gostos específicos dos membros da família, enquanto o *menu* dos restaurantes descreve uma cozinha internacional voltada para uma elite social (DOUGLAS, 1982, p. 99).

Os pratos servidos nos restaurantes de Santa Felicidade estão identificados com o cardápio familiar dos curitibanos. É uma comida saudável, apropriada a toda a família, inclusive idosos e crianças. É uma “comida caseira”, sem surpresas, repetitiva (como em

⁵⁹ Conforme sugestão do Prof. Dr. Marcos P. D. Lanna, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

casa) e combinando pratos numa “mistura” que é bem brasileira. Segundo Da Matta :
“temos uma culinária que enfatiza a combinação de itens alimentares que, em outras cozinhas, são servidos individualmente e em diferentes cursos, ou seja, numa ordem temporal definitiva. A grande refeição brasileira é a que consegue reunir numa só ocasião pratos e pessoas principais mas todos com a disposição da mistura controlada e de bom gosto que é o grande símbolo brasileiro de sociabilidade” (Da MATTA, 1987, p. 23).



Fig. 23 – Restaurante Madalosso.

Em Santa Felicidade **comer bem** significa **comer muito**, e sempre acompanhado dos demais comensais, amigos e parentes. A fartura é o que caracteriza os rituais de comensalidade realizados diariamente nos restaurantes do bairro. Para Van Gennep “a

comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto, (...) é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um sacramento de comunhão” (VAN GENNEP, 1978, p.43).

É no entrecruzar da **memória culinária** dos italianos e no gosto dos curitibanos por esta **comida típica**, que é possível encontrar resposta para o sucesso dos restaurantes de Santa Felicidade e, conseqüentemente, para a posição que o bairro ocupa hoje na cidade.

4.4 UVA, POLENTA E MACARRÃO, A COMIDA DAS FESTAS

*L'acqua fa male il vino fa cantare*⁶⁰.

A comida enquanto símbolo da identidade dos “Italianos de Santa Felicidade” está presente de forma ritualizada nas Festas realizadas no Bairro : o *4 Giorni in Itália* e as **Festas da Uva, e do Vinho**. Pretendo neste item demonstrar como através da celebração da uva, do vinho e dos pratos típicos : polenta e macarrão, os “Italianos de Santa Felicidade” reafirmam sua identidade, distinguindo-se dos “outros” os curitibanos e os outros italianos. É no espaço ritual das festas que os “italianos de Santa Felicidade” dramatizam “*uma estória que eles contam a eles próprios sobre eles mesmos*” (GEERTZ, 1978,144).

Tradições inventadas (HOBSBAWM, 1984) nos últimos 30 anos, as festas típicas de Santa Felicidade são realizadas anualmente e têm a duração de um único final de semana prolongado. São festas beneficentes voltadas para o público curitibano e têm em

⁶⁰ “A água faz mal, o vinho faz cantar”. Folheto contendo esse ditado italiano e uma receita de molho de macarrão, distribuído durante a Festa do Vinho de 1993.

comum a valorização de determinados elementos de etnicidade italiana local, especialmente aspectos folclóricos como comidas e trajes típicos, e apresentação de cantos e danças italianas.

Das festas, o *4 Giorni in Itália* é a mais recente comemorada desde 1987. Acontece em plena avenida Manoel Ribas, e é promovida pela Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade - ACISF. As **Festas da Uva e do Vinho**, realizadas no Bosque São Cristóvão, em benefício da Paróquia de São José de Santa Felicidade, são organizadas pela Comissão Administrativa da Paróquia.

4 Giorni in Itália



Fig. 24 – Convite da Festa *4 Giorni in Itália* de outubro de 1994.

Segundo informantes a Festa *4 Giorni in Itália* foi idealizada pelo gerente do Restaurante Madalosso, Ernani Ribas do Valle, inspirado nas festas da comunidade italiana de São Paulo.

Nós aperfeiçooamos a idéia e conseguimos apoio do Governo do Paraná, através da Paranatur e da Prefeitura através da Comissão de Turismo de Santa Felicidade. (E.V.; “não italiano”, in ESTADO DO PARANÁ, 20/10/85)

No princípio era a Paranatur que organizava a festa, a partir de 1987 a concessão foi entregue a ACISF. A Festa *4 Giorni in Itália* foi idealizada com objetivo de divulgar os restaurantes de Santa Felicidade. A grande maioria dos restaurantes costumava participar ativamente da festa, montando suas próprias barraquinhas na Avenida Manoel Ribas. Hoje apesar de grande parte dos proprietários dos restaurantes do bairro estar filiados à ACISF, poucos participam da festa.

Realizada anualmente no mês de outubro, os quatro dias de festa acontecem na avenida Manoel Ribas no trecho compreendido entre o Restaurante Casa dos Arcos e a Vinícula Dallarmi. Ao longo da avenida são montadas aproximadamente sessenta barracas que comercializam comidas típicas, bebidas e refrigerantes, além do artesanato local. Segundo os critérios adotados pela ACISF na seleção dos barraqueiros, é dada prioridade aos comerciantes e artesãos do bairro. Procura-se também diversificar os produtos colocados à disposição do público, evitando a concorrência dos comerciantes de fora com os locais.

Já há alguns anos, antes da abertura oficial da festa, seus organizadores têm realizado uma “carreata” partindo de Santa Felicidade até a rua XV de Novembro na Boca

Maldita, onde é feita a divulgação do evento. Batedores da polícia militar acompanham o “curso” composto por carrocinhas a cavalo, um caminhão de som trazendo as *Signorinhas da Uva*, o *Nonno Italianito*⁶¹ e o *Grupo Vocal I Veneti in Brazile*. Acompanham também os veículos dos membros da ACISF enfeitados com bandeiras da Itália, promovendo um “buzinação⁶²” no centro da cidade. Ao chegarem na Boca Maldita, os músicos vestidos com trajes típicos dos camponeses da região italiana do Vêneto, cantam suas canções italianas, as *Signorinhas da Uva* dançam para o público. No **4 Giorni** de 1994, após a apresentação de dança, as **signorinhas** distribuíram 200 litros de vinho da colônia e 5 kg de polenta frita, que desapareceram em poucos minutos. Um dos integrantes do grupo vestido com a fantasia de **Nonno Italianito** encantava as crianças, que se deixavam fotografar ao seu lado.

Após o retorno da carreata à Santa Felicidade acontece a cerimônia de abertura do **4 Giorni in Itália**, em um palco montado em frente à paróquia local. Entre as autoridades costumam estar presentes: o Prefeito, ou seu representante, o Diretor da Administração Municipal Regional de Santa Felicidade, os patrocinadores do evento – geralmente industriais e representantes de instituições bancárias, – o Pároco local e o anfitrião da festa – o Presidente da ACISF.

Além das barraquinhas que comercializam comidas típicas, bebidas e artesanato; a programação da festa inclui a apresentação de grupos folclóricos italianos e de bandas nacionais. Além do Grupo Vocal I Veneti in Brazile e do Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro,

⁶¹ *Nonno Italianito* : fantasia que representa um avô italiano, símbolo da ancestralidade italiana do bairro e da manutenção das tradições trazidas da Itália.

⁶² Termo popular referente ao som de buzina emitido durante uma carreata.

ambos de Santa Felicidade, também participam o Grupo Folclórico Giuseppe Garibaldi e o Dante Alighieri de Curitiba.

No sábado pela manhã, o pároco local reza uma missa em italiano no palco montado em frente à igreja. Em 1994, durante esta missa foram homenageados os proprietários dos restaurantes mais antigos de Santa Felicidade : Flora Madalosso (Restaurante Madalosso), Edilmira Perucci (Restaurante Iguaçu), Maria Leoni Valente (Restaurante Veneza) e Pedro Trevisan (Restaurante Cascatinha). Também recebeu uma homenagem especial a senhora Hermínia Perucci conhecida como “a velha da carroça”, última representante do bairro que ainda se utilizava da carroça como meio de transporte e de comercialização.

Festa da Uva

LOCAL: BOSQUE SÃO CRISTÓVÃO SANTA FELICIDADE DE 10 A 12 DE FEVEREIRO '95

37ª FESTA DA UVA
DE SANTA FELICIDADE

PROGRAMA

DIA 10 - SEXTA-FEIRA
19:30h - Abertura da festa, com a presença de autoridades. Duração garantida da manifestação seguinte: Encerramento das festas em conjunto tidas como "Festa da Festa".

DIA 11 - SÁBADO
10:00h - Realização da festa. Com participação de todas as regiões da UFPR. Apresentação de grupos folclóricos infantis e adultos, grupos de danças, grupo circo, e o show de dança "Clube de Festa".

DIA 12 - DOMINGO
10:00h - Santa Eucaristia, seguida de um almoço com participação de todos os habitantes de Santa Felicidade. Apresentação de grupos folclóricos, com a melhor gastronomia italiana. Encerramento das festas em conjunto.

BAMERINDUS
Muito sempre por você!

CURITIBA
PREFEITURA MUNICIPAL

Fig. 25 – Programa da Festa da Uva de Santa Felicidade de fevereiro de 1995.

A **Festa da Uva**, a mais antiga de Santa Felicidade, deve sua origem a uma super-safra colhida na colônia em 1.959. O vigário local, preocupado com as dificuldades na comercialização do fruto, inspirou-se na Festa Nacional da Uva de Caxias do Sul (RS), onde havia exercido sacerdócio, realizando uma festa similar voltada para o público de Curitiba. Esta primeira Festa da Uva, organizada no pátio da Igreja, em um domingo depois da missa, colocou à disposição dos visitantes, além das uvas da colônia, um churrasco preparado pela comissão da Igreja. De acordo com o livro tombo da Paróquia de São José de Santa Felicidade:

O movimento foi extraordinário desde as primeiras horas da manhã aumentando pelas três da tarde. Folclore, barraquinhas de uva, roda, argola etc.... Os colonos das granjas de uva ficaram animados e se abriram perspectivas para Santa Felicidade.

No mesmo livro, um ano depois seguem-se os comentários da segunda Festa da Uva:

Com brilho invulgar foi realizada este ano aos 31 de janeiro a Festa da Uva, organizada sob a orientação da Organização Agrícola da Arquidiocese de Curitiba, com a participação da Prefeitura Municipal e apoio incondicional do excelentíssimo senhor prefeito Cel. Iberê de Matos. Uma nota folclorística vinha dada pelas moças da Pia União das Filhas de Maria em trajés típicos. Pela festa foram confeccionadas belas flâmulas como lembrança.

Para esta festa foi organizado um churrasco, a carne não deu para todos e

muitos receberam seu dinheiro de volta e foram comer no bar de Luiz e Júlia Toaldo ou no do Zeca e M^a Zonatto.

A terceira Festa da Uva foi a última realizada no pátio da igreja :

A vinda de gente da cidade foi extraordinária e deixou ver que o nosso local já é pequeno demais para esta festa. Entre as pessoas daqui falou-se que o lugar futuramente escolhido deve ser o bosque do Sr. Camilo Perucci, lugar onde normalmente acampam os escoteiros.

A quarta Festa da Uva foi transferida para o bosque do Camilo Perucci, situado em frente ao grupo escolar Francisco Zardo no Butiatuvinha, conforme tinha sido sugerido na festa do ano anterior.

Já se nota que esta festa já não é mais uma simples festa de paróquia, está movimentando Curitiba inteira. As próprias autoridades públicas interessam-se quer para satisfação aos agricultores, quer para impressionar bem o povo da capital. Dados bem apurados dizem que entraram no campo da festa quase 7.000 carros. Foram vendidos perto de 15.000 quilos de uva, aproximadamente 9.000 litros de vinho.

Em seguida a festa foi transferida para o bosque do Serafim Lucca, onde com a permissão do proprietário foi realizada durante três anos. Finalmente a paróquia comprou o terreno batizando-o com o nome de Bosque São Cristóvão, em homenagem ao santo padroeiro dos transportes, fazendo referência às carrocinhas dos colonos. Mais tarde o bosque foi ampliado com a compra do terreno vizinho de propriedade de Maria Lucca.

Situado na rua Domingos Strapasson (ver planta 1 em anexo), com 25.000 m²

de área, o bosque possui atualmente uma estrutura própria para a realização das Festas da Uva e do Vinho, contando com estacionamento, banheiros públicos, churrasqueiras, bancos e cadeiras de cimento ao ar livre, além de uma pequena capela⁶³ de madeira. Uma grande área descoberta, pavimentada com paralelepípedos, serve como local de circulação do público, dando acesso ao pavilhão coberto. Nesse pavilhão situa-se a cozinha da comunidade, a *polentera*⁶⁴, além de mesas e bancos de madeira, equipamentos utilizados durante as festas .

Em 1993, durante as comemorações dos 300 anos de fundação da cidade, o “Projeto Terra de Todas as Gentes”, foi inaugurado com a Festa da Uva de Santa Felicidade. Através de um convênio assinado com a Mitra da Arquidiocese de Curitiba, a Prefeitura Municipal comprometeu-se a desenvolver obras de infraestrutura no Bosque São Cristóvão, segundo projeto do Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, com o objetivo de transformá-lo em um Memorial da Imigração Italiana em Curitiba. Denominado Parque da Itália, este memorial contará com um Museu da Imigração Italiana e duas **Piazzas** : a da **Nonna** e a da **Madonna**⁶⁵, passando a exibir uma arquitetura identificada com a Itália.

A Festa do Vinho, bem mais recente, deve sua origem à Festa da Uva de 1982. Devido à chuva não foram comercializadas 4.000 kg do produto. Os organizadores decidiram então transformar tudo em vinho, na Cantina Dall’Armi, inventando a Festa do

⁶³ Réplica da primeira igreja de Santa Felicidade, demolida para a construção da paróquia atual.

⁶⁴ Espécie de cozinha construída especialmente para o preparo da polenta gigante na Festa do Vinho. Sua arquitetura retangular com nichos vazados em forma de arco, possibilita que o público acompanhe este ritual.

⁶⁵ *Piazza, Nonna e Madonna* são expressões do idioma italiano que significam respectivamente : praça, avó e mãe. O termo *madona*, também se aplica a Nossa Senhora, mãe de Jesus.

Vinho alguns meses depois.

Ambas as festas possuem uma estrutura similar; realizadas anualmente iniciam na sexta-feira à noite e se encerram no domingo. A Festa da Uva é realizada em fevereiro e comemora a vindima – a colheita da uva; enquanto que a festa do Vinho, realizada geralmente em julho, festeja a safra anual de vinho.

Nos itens seguintes, analiso as Festas da Uva e do Vinho, a partir de uma visão globalizada, como propõe Da Matta (1978), procurando entender os mecanismos básicos da ritualização (VAN GENNEP, 1978; LEACH, 1974; DA MATTA, 1981) e as diferentes fases destes rituais : etapas preliminares, o ritual em si e as seqüências finais.

A Organização

Apesar de as festas começarem na sextas-feira, os organizadores iniciam os preparativos vinte dias antes. É necessário conseguir apoio com fábricas e distribuidores de refrigerantes, cervejas, macarrão e fubá. Selecionar os barraqueiros⁶⁶ que, em troca de uma percentagem de seus lucros para a paróquia, irão participar da festa comercializando seus produtos. Há alguns anos atrás, os “barraqueiros” eram em sua maioria moradores do bairro, descendentes de italianos, que aproveitavam a oportunidade da festa para comercializar a sua produção caseira de uvas, doces, geléias, suco de uva e vinho. Atualmente, além dos “barraqueiros” locais, tem aumentado o número de pessoas de outros estados e do interior do Paraná, que

⁶⁶ Barraqueiros : Termo local que identifica os comerciantes que alugam barracas em festas e vendem seus produtos.

trabalham exclusivamente com barracas em festas. Conseqüentemente novas mercadorias foram incluídas : tapetes de couro de carneiro, balões infláveis, além de outros gêneros alimentícios, tais como churros, batata frita, milho assado e sorvete. Segundo informantes, estes produtos “*nada tem haver com o sentido da festa*”.

Entre os procedimentos necessários para que as festas se realizem, o principal é obter a verba para divulgação e para contratação de shows “de fora”⁶⁷. Duas instituições bancárias oficialmente patrocinam as festas : o Banco do Estado do Paraná – BANESTADO na Festa da Uva, e o Banco Bamerindus do Brasil – na Festa do Vinho. É preciso mandar imprimir o material de divulgação como cartazes e *folders*, acertar preços com os artistas que vão fazer os shows, solicitar a presença dos grupos folclóricos locais. Pedir à Prefeitura que faça os reparos necessários no Bosque. Contratar empresas responsáveis pela limpeza e pelo estacionamento. Solicitar o apoio da Polícia Militar e de Trânsito, e dos bombeiros.

Na segunda-feira antes da festa, as pessoas que vão trabalhar reúnem-se no Bosque São Cristóvão ultimando os preparativos finais. São aproximadamente sessenta membros do Conselho Paroquial de Administração, que juntamente com seus familiares e amigos convidados são responsáveis pela organização das festas. Um grupo de casais, coordenados pelo cartorário do bairro, trabalha na cozinha da comunidade, onde são preparados e comercializados pratos típicos como risoto, frango à passarinho com polenta, e macarrão. Um outro grupo formado apenas por homens cuida do preparo e distribuição gratuita de macarrão, na Festa da Uva, e da polenta

⁶⁷ Shows de fora : Expressão local que designa shows de bandas e conjuntos musicais, provenientes de outros estados brasileiros geralmente, do eixo Rio-São Paulo.

gigante, na Festa do Vinho. Durante a distribuição destes pratos típicos para o público, recebem auxílio das *Signorinas da Uva*⁶⁸, moças com idade entre 14 e 17 anos vestidas com trajes típicos, selecionadas entre as filhas dos membros da comissão da festa. Há ainda os membros da comissão, responsáveis pela comercialização de produtos típicos da colônia nas barraquinhas beneficentes da paróquia.



Fig. 26 – *Signorinas da Uva*

Essas pessoas, homens e mulheres, desligam-se de seus afazeres do cotidiano, suas atividades de trabalho e os cuidados com a casa, para se dedicarem integralmente à tarefa não remunerada de trabalhar para a festa. Este grupo é constituído em sua maioria por comerciantes, e donas de casa, moradores de Santa Felicidade, católicos

⁶⁸ Antigamente as Signorinas da Uva eram selecionadas através de um concurso realizado nos clubes de Santa Felicidade. Durante as Festas da Uva e do Vinho, cada clube era representado por uma Signorina.

com participação ativa na igreja, e descendentes de italianos em sua quase totalidade. Participando já há muitos anos das festas da igreja, essas pessoas constituem uma rede social coesa, marcada por relações de parentesco, compadrio e amizade em torno da identidade étnica comum e do pertencimento ao bairro.

O clima entre eles é de muita harmonia e descontração, repleto de piadas, risos e cantorias. Paralelamente ao trabalho de organização da festa, são realizados diversos rituais de comensalidade, almoços e jantares no bosque, sendo o cardápio principal a polenta, símbolo de etnicidade do grupo dramatizado na Festa do Vinho, durante o ritual do preparo da Polenta Gigante.

A preparação da Festa em Santa Felicidade é um momento de separação (DA MATTA, 1981, p. 61; VAN GENNEP, 1978, p. 31) do cotidiano, marcado pelo reforço da identidade étnica do grupo se fecha em si mesmo em torno de seus valores mais sagrados – “família, trabalho e religião” –, às vésperas de abrirem o seu espaço – o Bosque São Cristóvão –, para os “outros”, os curitibanos, os que não fazem parte do grupo.

Na quinta-feira que antecede a festa, é oferecido um almoço para a polícia, prefeitura e as autoridades que darão apoio ao evento, e à noite é servido um jantar para o “pessoal de televisão”, que trabalha na divulgação da festa.

A Abertura

Finalmente na sexta-feira a partir das 18 h, acontece a abertura da festa. O público começa a chegar : visitantes , turistas, moradores dos municípios vizinhos e

principalmente “curitibanos”. Aproximadamente dez mil pessoas circulam no bosque.

Nesse momento, o bosque torna-se o que Da Matta (1981, p. 15) denomina de **zona de encontro e mediação**, observa-se uma separação bem distinta entre dois grupos : os donos da festa, os italianos de Santa Felicidade, e “os outros”, os curitibanos, para os quais a festa é endereçada. Por um lado, os visitantes consomem nas barraquinhas os produtos comercializados na festa: vinho em copos, garrafas ou garrafões, sucos e geléias de uva, salames e queijos, doces caseiros etc. Por outro lado, os anfitriões divididos em grupos trabalham na cozinha, nas barraquinhas, na polentera, permanecendo quase que invisíveis.

O público acomoda-se nas mesas do pavilhão coberto para saborear pratos típicos como o risoto, o frango à passarinho com polenta frita e o macarrão, preparados na cozinha da comunidade. A Banda Lyra da Fundação Cultural de Curitiba se apresenta. *Signorinas da Uva* posam para as fotos e desfilam em seus trajes típicos italianos em vermelho e verde, costurados pelas orgulhosas mães. Diversos canais de televisão registram o evento.

A abertura oficial ocorre por volta das 19 h. Nesse momento as autoridades que até então circulavam pelo bosque confundindo-se com o público, são destacadas nominalmente conforme os cargos ocupados e convidadas a subir ao palco. É um momento formal à exemplo das festas da ordem, especialmente as paradas militares da Semana da Pátria, analisadas por Da Matta (1981; 1981; 1993), em que se celebram a hierarquia, a ordem, o centro e a formalidade.

Mas no caso das festas da ordem, ou seja, das formalidades sociais em que se celebram as relações sociais tal como elas operam no mundo diário, as diferenças são mantidas. Aqui ao contrário do carnaval, o que se está celebrando é a própria ordem social, com suas diferenças e

gradações, seus poderes e hierarquias. Não se deseja virar o mundo de pernas para o ar, colocando-o de cabeça para baixo, mais o que se pretende é precisamente celebrar o mundo tal como ele é no cotidiano. (DA MATTA, 1982, p. 82)

O Prefeito de Curitiba, Deputados e Vereadores, o Cônsul da Itália e autoridades representantes de instituições bancárias, dão a legitimidade necessária à festa. Também estão presentes os anfitriões da festa, o pároco e o presidente da Comissão Administrativa da Paróquia de São José de Santa Felicidade. Com o discurso do Prefeito Municipal de Curitiba, instaura-se um diálogo entre bairro e cidade, passando a festa itálico-religiosa local a ser uma **festa de Curitiba**. E Curitiba torna-se “italiana”.

Com as palavras do Cônsul da Itália dirigidas à comunidade, atualiza-se o vínculo com a terra de origem dos ancestrais, reforçando o sentido de “nacionalismo italiano”, dando à festa um caráter transnacional. Aqui a imagem de uma Itália mítica, idealizada pelos descendentes dos imigrantes vênéticos, depara-se com a Itália de hoje. País de Primeiro Mundo integrante do Mercado Comum Europeu, e que considera cidadão italiano os descendentes de imigrantes que vivem fora da Itália. Com a possibilidade de obtenção do passaporte e da nacionalidade italiana, o vínculo com o país de origem de seus ancestrais e a própria identidade destes descendentes de italianos atualizam-se, deixando de ser somente um sentimento de ancestralidade e se transformando em uma opção de estudo e trabalho.

Por último, com o discurso do padre e do presidente da Comissão da Igreja, instaura-se um diálogo entre os anfitriões e o poder público. São feitas reivindicações de melhorias para o Bosque São Cristóvão, e para o bairro em geral. Em contrapartida, os representantes do poder - Prefeito, Deputados e Vereadores – prometem uma atenção

especial para Santa Felicidade, pedindo logo em seguida votos para o seu partido. Diante dessas promessas o Pároco local responde desafiadoramente, comparando-se a São Tomé :
“Sou que nem São Tomé, preciso ver para crer”.

Desta forma, a festa em seus momentos formais também adquire um caráter de “curral eleitoral étnico”, como outros discursos políticos realizados nas aberturas dos eventos em que, se concentram determinados grupos étnicos, a exemplo dos descendentes de poloneses no Bosque do Papa.

Quando acabam os discursos chega a **hora de comer**.

Preparo da Polenta

O perfume da polenta rouba as atenções para a “polentera” – nela se prepara a polenta gigante. Desde 1986, os membros da Comissão Organizadora da Festa do Vinho tem preparado uma polenta gigante de trinta metros de comprimento, para ser distribuída ao público gratuitamente, durante a abertura da festa.

A polenta é um símbolo da identidade dos “Italianos de Santa Felicidade” e constituía a base da alimentação dos pioneiros imigrantes que fundaram a colônia. Deslocada fora da casa e ritualizada na Festa do Vinho, a polenta torna-se gigante. Segundo Da Matta , “ elementos triviais do mundo social podem ser deslocados e, assim transformado em **símbolos** que, em certos contextos, permitem engendrar um momento especial ou extraordinário ” (DA MATTA, 1981, p. 60).

Bakthin (1996) lembra a importância da comida e dos utensílios de cozinha nas festas populares na Idade Média e no Renascimento:

Tivemos já ocasião de mencionar a importância da comida e dos utensílios de cozinha nas festas populares como o carnaval, o charivari, as diabruras, cujos participantes se armam de garfos de trinchar, de pinças, espetos, de panelas e caçarolas. Conhecem-se as

dimensões fantásticas de salsichas e pães preparados especialmente para o carnaval e levados em procissões solenes. Por exemplo durante o carnaval de Königsberg de 1583, os salsicheiros fabricaram uma salsicha que pesava 440 libras e era carregada por 90 salsicheiros. Em 1601, ela pesava 900 libras. (BAKTHIN, 1996, p. 159).

Durante o preparo da polenta gigante, na festa do Vinho de Santa Felicidade, tudo é grandioso. As panelas viram grandes tachos, os utensílios próprios para o preparo da polenta, tomam proporções gigantes. Um grande fogão de tijolos especialmente construído para esta finalidade, e que em nada se assemelha ao fogão da casa, toma conta do espaço; a cozinha doméstica sede lugar à polentera, estrutura especialmente elaborada para o preparo da polenta gigante.

Transferindo-se uma atividade do espaço privado e sagrado da casa para o espaço público e profano da festa, o ritual, ao mesmo tempo que inverte os papéis, reforça o papel masculino no grupo. Desta forma, os homens da Comissão Administrativa da Paróquia preparam a polenta, dramatizando uma inversão de papéis. A comida aqui privilegia um símbolo da identidade italiana local. Comida do cotidiano, feita pelas mulheres nas cozinhas das casas residenciais, a polenta passa a ser preparada pelos homens dramatizando uma dimensão ampliada da realidade.

Como nos ensina Da Matta (1981, p. 59), “os rituais reforçam as regras e os papéis sociais existentes”. Desta forma, o ritual masculino do preparo da polenta gigante reforça a idéia de que domínio público é o lugar dos homens para os “italianos de Santa Felicidade”. São esses mesmos homens que, no cotidiano, em uma divisão nítida de espaço e atividades, reúnem-se após o trabalho no bar dos italianos, espaço essencialmente masculino conhecido como Boca Maledeta, para beber, jogar e cantar, enquanto as esposas em casa, preparam a polenta do jantar.

Quanto ao preparo da polenta, os homens revezam-se mexendo a polenta, em quinze grandes tachos, colocados lado a lado sobre um fogão retangular de tijolos. Ferve-se a água, coloca-se o fubá e após 1 hora e 40 minutos, têm-se 80 quilos de polenta em cada tacho. Instrumentos especiais e uma técnica própria são necessários para o preparo da polenta. Além de enfrentar as altas temperaturas do fogão, os homens têm que mexer com vigor durante todo o seu tempo de cozimento para evitar que a polenta forme pelotas. Para desmanchar a polenta na água, utiliza-se o **desmoronador**, e, quando ela começa a engrossar, usa-se uma espécie de pá de madeira, a *méscola*. Depois de muito calor e suor, a polenta está pronta para ser distribuída ao público, que acompanha o seu preparo, ansioso por experimentar a iguaria.



Fig. 27 – O preparo da polenta gigante.

Com uma entrada solene, os homens começam a sair da “polentera” trazendo os tachos de polenta; o público em silêncio observa. A polenta é derramada sobre o “*panaro*”, um tabuleiro de trinta metros de comprimento. Em cima da polenta coloca-se generosamente um molho de tomate com carne moída de gado e de porco, receita tradicional das *nonnas*. Para dar o toque final, um dos homens, com o auxílio das próprias mãos, salpica a polenta com queijo parmesão ralado.



Fig. 28 – A polenta sendo derramada sobre o *panaro*.

O cheiro inebriaga o público, que começa a acompanhar a música *La Bela Polenta*, interpretada pelo Grupo Vocal *I Veneti in Brasile*, batendo palmas e balançando o corpo em um movimento pendular.

“Quando si piánta la bela polenta / La bela polenta, se piánta cozí, se piánta cozí / Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun! Quando si cresce la bela polenta,/ La bela polenta si cresce cozí/ Se piánta cozí, se cresce cozí./ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun ,pun ! / Quando se fiôre la bela polenta / La bela polenta se fiôre cozí.../ Oh, oh, oh! Bela polenta cozí /Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando si cóglie la bela polenta/ La bela polenta, si cóglie cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí /Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando si masna la bela polenta,/La bela polenta, si masna cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando sí coze, la bela polenta/ La bela polenta si coze cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando si smíssia la bela polenta/La bela polenta, si smíssia cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando si táglia, la bela polenta/ la bela polenta si táglia cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun ,pun ! Quando si mángia la bela polenta/ La bela polenta, si mángia cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando si gusta, la bela polenta/ La bela polenta, si gusta cozí/ Oh, oh, oh ! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando se crosta, la bela polenta/ La bela polenta se crosta cozí/ Oh, oh, oh! Bela polenta cozí / Ciá, ciá pun, ciá, ciá pun / Pun, pun, pun ! Quando se... la bela polenta/ la bela polenta se... cozí. Fut!”⁶⁹

Chega a hora de servir ao público, este momento é fartamente documentado por diversos canais de televisão. As “*signorinas da uva*” e os “*polenteiros*” passam então a

⁶⁹ Tradução de “A bela polenta : Quando se planta a bela polenta/ A bela polenta se planta assim. Quando cresce a bela polenta, a bela polenta ela cresce assim/ se planta assim ela cresce assim. Quando floresce a bela polenta/ a bela polenta floresce assim/. Colhe, debulha,moe, cozinha,corta, come, degusta, tosta...” (POLINARI,1991, p.204)

servir a polenta quentinha em pratos de plásticos. Primeiro, algumas crianças de rua que não paravam de gritar : “ *POLENTA !!!* ”.

Em seguida, de forma razoavelmente organizada, todos são servidos. O ambiente é de muita alegria e descontração. Todos comem juntos, os visitantes, as autoridades e os anfitriões da festa, em um ritual de comensalidade.

Nesse momento de celebração torna-se visível a atuação do mecanismo de agregação (LEACH, 1974; VAN GENNEP, 1978; MATTA, 1981), “trata-se, em outras palavras, de juntar o que está normalmente separado, criando continuidades entre os diversos sistemas de classificação que operam discretamente no sistema social”(DA MATTA, 1981, p.62). De um lado, casa, rua, “italianos de Santa Felicidade”, curitibanos e turistas. E, de outro lado, um reforço da identidade italiana local que engloba as demais, transformando a festa em um evento da cidade.

Ouvem-se canções do norte da Itália do período da imigração. Trata-se do Grupo Vocal I Veneti in Brasile (ver fig. 29) que, segundo seu criador Pedro Culpi, está resgatando, por meio de pesquisa, canções populares italianas quase esquecidas pelos mais velhos da colônia.

Segue-se a festa propriamente dita, marcada por ritos informais, em que o público come, bebe e se diverte, apreciando os shows que acontecem no sábado e domingo, numa sucessão de grupos folclóricos italianos e bandas brasileiras. O público, formado em sua maioria por famílias de camadas médias, aproveita para almoçar ao ar livre saboreando os lanches das barracas e os pratos típicos servidos no restaurante da comunidade.



Fig. 29 – Grupo Vocal *I Veneti in Brasile*.



Fig. 30 – Famílias almoçando no Bosque São Cristóvão em dia de festa.

Nas tardes de sábado e domingo, acontecem os shows infantis: mágicos, malabaristas e bandas mirins distraem o público infanto-juvenil. Nos finais de tarde, iniciam-se as apresentações do Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro de Santa Felicidade e o do Coral Folclórico Italiano de Santa Felicidade, além de outros grupos folclóricos convidados, a exemplo do Grupo Folclorístico Giuseppe Garibaldi da Sociedade Garibaldi, de Curitiba. Tanto no sábado, quanto no domingo, após às 21h 30 acontece o show de encerramento, exibindo uma atração nova a cada ano. Já se apresentaram no bosque a Banda Cheiro de São Paulo, o Grupo bahiano Filhos de Olodum, *shows* de Mulatas, Samba e Carnaval, e também grupos folclóricos convidados de outros estados, como o *Ricordi* de Flores da Cunha (RS), a orquestra *Giro in Itália* de São Paulo e o Grupo Folclórico Alemão *Grune Stadt* de Maringá. A frequência nessas apresentações é principalmente de jovens, que não raro excedem-se na bebida promovendo quebraadeiras de garrações vazios e ocasionando acidentes, tendo como resultado trabalho para a polícia e para o pronto socorro móvel da Prefeitura, instalado no Bosque São Cristóvão durante as festas.

No domingo pela manhã, acontece a missa campal rezada em italiano pelo pároco da Igreja, com a participação do Coral Folclórico Italiano de Santa Felicidade, apesar de a missa ser um ritual cujo mecanismo dominante é o da neutralização ou evitação : “trata-se (...) de inventar e manter uma ligação onde as partes em relação tem que estar necessariamente separadas e divididas” (DA MATTA, 1981, p. 64).

Nesse caso, a missa étnica rezada em italiano com a presença de crianças vestidas com trajes típicos e do coral folclórico, separa novamente os “italianos de

Santa Felicidade” dos “outros”, dos curitibanos, devolvendo-os ao cotidiano com um sentido claro da diferença.



Fig. 31 – Missa campal rezada no idioma italiano na Festa do Vinho de 1993.

Tempo e História

A colheita da Uva no verão e a finalização do processo produtivo do vinho seis meses depois no inverno fazem com que estas festas constituam o que Turner (1974) e Leach (1974) chamaram de “**ritos marcados pelo calendário**” : “realizados em momentos bem assinalados dentro do ciclo produtivo anual, atestam a passagem da escassez para a abundância (como na época dos primeiros frutos e nas grandes festas das colheitas), ou da fartura para a escassez (como quando os sofrimentos do inverno chegam antecipadamente obrigando a precaver-se magicamente contra eles”

(TURNER, 1974,p. 204).

Essa forma de marcar o tempo presente nestes rituais está referendada às estruturas de pensamento de sociedades tradicionais em que a idéia do tempo linear e, portanto, da própria história, concepções das sociedades complexas, cedem espaço para os mitos e para uma visão do tempo totalizado, percebido enquanto um movimento pendular (DA MATTA, 1981).

Com uma visão pendular do tempo, a sequência das coisas é descontínua; o tempo é uma sucessão de alterações e paradas.(...) Para os povos que não possuem calendários do tipo *Nautical Almanac*, o curso do ano é marcado por uma sucessão de festivais. Cada festival representa para um verdadeiro durkheimiano, uma mudança temporária da ordem Normal / Profana da existência para a ordem Anormal/Sagrada e retroativamente. Este fluxo de tempo é fabricado pelo homem. É ordenado deste modo pelas Sociedades (as “pessoas morais” para usar a terminologia durkheimiana, as quais participam dos ritos festivos. (LEACH, 1974, p. 206).

Esse tempo que vai e vem, numa seqüência de eventos opostos: verão / inverno, abundância / escassez, tempo de plantar / tempo de colher, tempo de fabricar o vinho e o artesanato, remete o ritual das festas de Uva e do Vinho a formas de pensar dos imigrantes italianos que fundaram a colônia de Santa Felicidade, e a de seus descendentes dedicados à agricultura, transmitidas através das gerações.

O ritual quebra a norma do cotidiano marcado por um tempo linear e instaura um tempo especial que conduz as pessoas nele envolvidas ao passado e às origens da colônia. Dentro da lógica desse tempo, que pode ser percebido como cíclico, pois as festas sempre se repetem a cada ano, sempre “iguais”, no mesmo período, seguindo o mesmo calendário, mudando apenas as gerações que as realizam. A percepção dessa continuidade, desse tempo cíclico, fica clara na resposta de uma moça descendente de

italianos, que vendia uvas em uma das barracas, quando perguntamos se ela sempre trabalhou na festa :

Sempre, desde o início da época de meus avós, dos meus pais e agora a 3ª geração.

Ou ainda, quando entrevistamos o relações públicas do Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro de Santa Felicidade :

(...) mas ela (a festa) continua sendo, naqueles moldes antigos da Festa da Uva inicial, que foi em função de se fazer uma quermesse de igreja para ajudar a própria igreja. (E.C.; “italiano” de SF, presidente do Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba).

Essas primeiras festas de Santa Felicidade baseavam-se na venda de uva, vinho e churrasco em benefício da paróquia. À medida que Curitiba cresceu e Santa Felicidade começou a receber “moradores de fora”, as festas tornaram-se cada vez mais “italianas”. O churrasco cedeu lugar à comida típica local: polenta, frango à passarinho, macarrão e risoto. Mesmo com a “pérola”⁷⁰, praga que dizimou a maioria dos parreirais de Santa Felicidade, a tradição manteve-se. Agora, as uvas são compradas pela barraquinha da igreja, a maioria vem de Videira (SC), uma parte do parreiral do Nízio Durigan – que é o maior de Santa Felicidade – e uma pequena parte de três ou quatro parreirais pequenos, quase que para o consumo doméstico. “O resto secou tudo”.

⁷⁰ Pérola da Terra: “praga que forma pequenas bolhas de seiva nas raízes das plantas, dificultando a formação das uvas, e secando as árvores. Segundo Waldeslan Dall’Armi a doença é causada principalmente pela pouca acidez da terra.” (DIÁRIO DO PARANÁ, 1979:3)

Desta forma, verifica-se que as Festas da Uva e do Vinho de Santa Felicidade não apresentam uma continuidade histórica com práticas trazidas pelos imigrantes italianos no século passado. Trata-se de tradições inventadas, nos termos já apresentados, de Hobsbawm (1984). Esses rituais reforçam a identidade do grupo, provocando nas pessoas envolvidas com a festa, direta ou indiretamente, uma profunda identificação:

Então você vê, uma música daquelas, uma limpeza, uma polenta boa que nem aquela, eu como organizador da festa tenho que chorar. Todo aquele público que está lá. E aquela polentona bonitinha, bem boa eu experimentei e estava ótima, e todo aquele movimento. E aquelas músicas cantando naquela hora, então a gente fica emocionado, quer queira ou não queira o cara chora um pouco, o italiano chora fácil.

(G.F.; “italiano” de SF, presidente do Conselho Paroquial de Administração da igreja de SF e proprietário de loja de artesanato no bairro).

Se é pra cantar, vamos cantar, no fundo o interesse é nosso, pra poder levar adiante e conservar as nossas tradições.

(P., Presidente do Coral Folclórico de Santa Felicidade.)

Eu não quero que isso acabe, eu quero que sempre continue.

(J.C.; “italiana” de SF, 12 anos, membro do Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro de Santa Felicidade).

Olha, eu acho que o pessoal gosta muito desta festa, então eles realmente se preocupam em ajudar porque é uma coisa tradicional daqui, se isso aqui acabar o bairro pode até digamos vir a falência. Isso aqui é um motivo de chamar o pessoal pra cá pra conhecer o bairro. (C. B.; “italiano” de SF,

15 anos, trabalha na barraca de uva da comunidade).

Valores sagrados para o grupo, a família, a fé e o trabalho, e a italianidade simbolizada pela polenta, são os eixos de sustentação da comunidade, a herança moral dos imigrantes italianos e estão presentes nos sermões das missas, nos convites das festas (v.anexo) e constatados na própria observação participante durante a pesquisa.

Em julho de 1989, na VII Festa do Vinho, foi realizada uma encenação da história da imigração italiana e da fundação da Colônia de Santa Felicidade, através de cantos e danças dos grupos folclóricos locais (Gazeta do Povo, 15/07/89). Nesta dramatização os temas apresentados foram : a guerra do norte da Itália com a Áustria no século XIX, representada na música *Vá Pensiero* de Verdi; a propaganda na Itália incentivando à imigração para o Brasil e a esperança dos italianos em *Noi sian Partiti*, a chegada do navio desembarcando os imigrantes em Paranaguá e a fé religiosa expressas em *Nome Dolcissimo*. A alegria dos italianos em Santa Felicidade, *Quel Mazzolin del Fiori*; uma homenagem ao trabalho e à gastronomia em *La Bela Polenta*, e finalmente a celebração do Vinho, com *Vinassa, Vinassa*.

Ao analisar os rituais dramatizados nas Festas da Uva e do Vinho, percebemos o que Feldman-Bianco, em seu estudo sobre imigrantes portugueses, chamou de **múltiplas camadas de tempo e espaço**. As festas de Santa Felicidade são marcadas por três diferentes concepções de tempo e espaço. Há um tempo cíclico, que remete à Colônia de Santa Felicidade e às atividades agrícolas e artesanais, representadas na festa pela safra da uva e pela produção de vinho. Há um tempo linear que constrói as

relações cotidianas do trabalho, no contexto das relações Bairro/ Cidade. E há ainda um tempo mítico, representado pelo Vêneto idealizado, terra de origem dos pioneiros fundadores da Colônia de Santa Felicidade, e que se reconstrói através da memória oral dos descendentes de imigrantes italianos.

As Festas de Santa Felicidade são invenções e adaptações que surgiram como uma forma de comercializar os produtos típicos da colônia : Uva e Vinho. Entretanto este comércio acontece dentro de um contexto de profunda elaboração simbólica em que são acionados aspectos da etnicidade do grupo. Elementos folclóricos como cantos e danças, as cores verde e vermelho dos trajes da *Signorinas da Uva*, a comida típica, o trabalho voluntário dos “italianos”, a missa rezada em italiano, são focos simbólicos do ritual.

O ritual dramatiza um retorno às origens e aos valores sagrados do grupo, em oposição ao cotidiano da cidade, ao individualismo e à própria modernidade.

É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social. (HOBSBAWN, 1984 ,p.10).

5 UM BAIRRO “ITALIANO” NA CURITIBA DOS 300 ANOS

Neste capítulo analiso as relações bairro / cidade no contexto das políticas urbanísticas locais, procurando perceber qual o lugar da “italiana” Santa Felicidade na Curitiba de “Todas as Gentes”. Através de relações que alternam harmonia⁷¹ e visibilidade⁷², por um lado, e tensão e conflito, por outro, pretendo perceber qual o papel das políticas públicas municipais na (re) construção da etnicidade entre os descendentes de “italianos de Santa Felicidade”.

Considerada da perspectiva da relação Santa Felicidade / Curitiba, a retomada da etnicidade no bairro deu-se em dois momentos rituais extremamente marcados : **O Centenário da Colônia de Santa Felicidade**, em 1978, e **Os Trezentos Anos de Fundação de Curitiba**, no período de 1990-1993. Estes dois momentos tiveram em comum uma participação ativa da Prefeitura Municipal, sempre associada a determinados grupos e lideranças dos italianos de Santa Felicidade.

A (re) construção da identidade Italiana em Santa Felicidade, intensificada nos últimos vinte anos, deve ser pensada como um processo e dentro de um contexto histórico mais amplo. Relativo ao tempo que antecede tais rituais, o que se observa é um gradativo e

⁷¹ Harmonia : Ideologia oficial local expressa no slogan “Curitiba Terra de Todas as Gentes”, destacada durante os festejos dos 300 anos da cidade. Segundo Costa (1996 : 25) “trata-se de uma ideologia pluralista baseada na afirmação da convivência harmônica de grupos étnicos e no respeito por suas diferenças culturais”. Ver também Costa e Feldman-Bianco (1993), Costa (1994;1995a;1995b), Seyferth (1995).

⁷² Visibilidade : Termo utilizado para designar a forma como determinados grupos étnicos foram homenageados durante as celebrações dos 300 anos de Curitiba, em detrimento de outros grupos. Ver os trabalhos de Costa e Feldman-Bianco (1993), Costa (1994; 1995a; 1995b; 1996), Sanches (1995), Moreira (1994).

direcionado ocultamento, minimização e desaparecimento da identidade italiana. Isso se deve a diversos fatores de ordem política, nacional, local e até mesmo mundiais.

No final da década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945), período conhecido como Estado Novo, uma série de medidas repressivas foram implantadas no sentido de nacionalizar as comunidades coloniais do sul do Brasil. Com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial e o conseqüente rompimento de relações políticas, diplomáticas e comerciais com os países do Eixo; a repressão tornou-se ainda mais acirrada contra os imigrantes italianos, alemães e japoneses, e seus descendentes. Diversas foram as medidas adotadas, entre elas proibiu-se o ensino, a catequese, a distribuição de escritos impressos no idioma dos países com os quais o Brasil estava em guerra; além do próprio uso dessas línguas em lugares públicos. Fecharam-se clubes e instituições culturais. Foi proibida a reunião até mesmo em residências particulares para comemorações de aniversários, bailes, banquetes. Instituiu-se o salvo-conduto para os estrangeiros deslocarem-se de uma localidade para outra, entre outras medidas (CORSETTI, 1987).

Em março de 1942 houve um grande comício nacionalista em Curitiba, que culminou com a depredação das sedes das sociedades locais de origem alemã e italiana. A Societá Giuseppe Garibaldi situada no centro histórico da cidade, onde também funcionava o Consulado da Itália, teve seus móveis destruídos, os arquivos e a biblioteca queimados e as obras de arte saqueadas. O imóvel foi transferido para o poder do Estado, passando a funcionar no local a Academia Paranaense de Letras, e posteriormente o Tribunal de Justiça até 1962, quando foi devolvido para a comunidade italiana (Jornal Santa

Felicidade, 1991 e Gazeta do Povo, 1996).

Em Santa Felicidade alguns dos descendentes de italianos em idade de serviço militar tiveram de ingressar na Força Expedicionária Brasileira – FEB e foram enviados para lutar na Itália durante a Guerra. A língua italiana foi proibida, não se podia cantar nem falar italiano. Os colonos tinham que ter salvo conduto para se deslocar.

No começo o catecismo era tudo em italiano, até 1930, por aí. O pessoal quase só falava em italiano, eles passaram a ter que aprender o português em função da guerra, quando começou a Segunda Guerra Mundial principalmente. (E.C., “italiano” de SF, presidente do Círculo Vicentini nel Mondo di Curitiba)

Os italianos e seus descendentes eram chamados pelos brasileiros de “fascistas” e “quinta - coluna”⁷³. Como podemos observar no depoimento de Germano Francischini, descendente de italianos de Santa Felicidade, que foi obrigado a modificar a grafia de sua assinatura para poder dar baixa no exército.

(...) quando eu servi o governo naquele tempo quinta-coluna, e quando eu fui assinar com CH eu peguei 40 dias de gancho. Meus amigos saíram tudo e eu fiquei. Daí quando eu fui assinar de novo, me falaram que se eu assinasse de novo com CH ficava mais um ano. Então eu assinei com QUI e daí deram baixa. (G.F.; “italiano” de SF, presidente do Conselho Paroquial de Administração da Igreja de Santa Felicidade e proprietário de uma loja de artesanato no bairro).

Após este período de repressão, grande parte das atividades culturais existentes em

⁷³ Quinta-coluna: “Pessoa (estrangeira ou nacional) que atua sub-repticiamente num país em guerra ou em via de entrar em guerra com outro, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda subversiva” (verbete do dicionário Aurélio, 1986).

Santa Felicidade antes da Guerra, havia desaparecido. Muitos dos entrevistados lembram do período, comentando das bandas de música, do Coral de Santa Felicidade, dos clubes que fecharam, dos campeonatos de jogos de baralho nas igrejas e clubes, das cantarolas, das missas em italianos, das reuniões de famílias para rezar o terço, das festas de casamento, que foram proibidas.

Pedrinho Culpi, anos uma das lideranças culturais do bairro, lembra o que foi o renascer da identidade italiana em Santa Felicidade, já no final da década de 1970, e do trabalho que o seu grupo desenvolveu junto à comunidade para reativar o Coral de Santa Felicidade.

Em 1976, a gente estava sentindo que a nossa tradição italiana estava indo realmente, galopantemente para o esquecimento. Em 76 a gente se reuniu um grupo nosso aí, ..., e nós começamos a pensar, escuta pelo amor de Deus onde é que está as nossas_mora dos sábado à noite né, especialmente na Sociedade Iguazu e Trieste. A gente costumava fazer encontros festivos, torneios de mora de tres-sete de truço de cinchillo, que são jogos italianos. Escuta, vamos começar fazer umas cantarolas. Então todo sábado era um hábito nosso encontrarmos depois do futebol à tardinha, a gente vamo, vamo janta, vamo hoje no tal lugar assim, vamo comê um churrasquinho, comê uma polentinha com frango em algum canto. E vamo fazê uma cantarola. Olha no prazo de cinco a seis meses nós tinha um grupo bom, já formado, já começando como se diz engrossando fileira, porque outros elementos começaram a sentir o gosto pela coisa e foi engrossando. Foi daí que reativamos o Coral de Santa Felicidade, porque os mais antigos do coral começaram a dizer: Ah! Meu Deus, que saudade! Eu vou voltar! Isso em 76 nós acordamos .As vêzes nós era convidado ia na sede do Trieste, Santa Felicidade, na Boca Maledetta. Onde é hoje? Em locais de festa. Escuta cadê os italianos onde é que tá, cadê o Culpi,

*cadê o Lucca, onde é que tá essa gente que canta? Vamos buscá-los em casa, começaram a procurar a gente em casa e convidar insistentemente. Vai, vai, vai, vamo lá. Resultado nós começamos a sentir que nós tínhamos uma força nas mãos e não sabíamos, né. E engrossando fileira e tal, quando foi o início de 78 então deu-se aquele apoio maior da comunidade. Poxa, 1978 o ano do Centenário da Imigração. Vamos lá, vamos ingressar com outros companheiros, e convidava um, convidava o outro, quem dava certo, quem não se adaptava a cantar batia palmas, né. E nós continuava com o canto e fomos aprender, aquele aprendizado eu comecei, já nessa época consegui fitas cassete, e comecei a colecionar. E comecei a catalogar a escrever alguma musiqueta que estava indo pro brejo como nós costuma dizer. Daí o coral, nós fizemos um sucesso muito grande nos festejos do Centenário de Santa Felicidade.(...) foi o maior sucesso de todos os tempos, porque nós organizamos a cantoria em várias etapas, tudo assim sem condições, sem ter experiência nenhuma, só que nós íamos para o palco e nós atraíamos multidão de gente que assistia nós cantar, porque aquilo era uma reviravolta, era um renascer”. (P. C.; “italiano” de SF, diretor do grupo vocal *I Veneti in Brazile*).*

Em 1978 Santa Felicidade já era um importante centro turístico e gastronômico. Com a aproximação do aniversário do Centenário da Colônia, a Prefeitura Municipal de Curitiba começou a investir na divulgação da imagem italiana do bairro, mediante benfeitorias em forma de obras de urbanização e incentivos fiscais para a conservação do patrimônio arquitetônico local. É deste período o Plano de Revitalização de Santa Felicidade elaborado pelo IPPUC e apresentado às lideranças da comunidade pouco antes do início das obras. Entre as modificações paisagísticas postas em prática para tornar Santa Felicidade mais parecida com cidades típicas italianas, os pontos de táxi foram

transformados em pequenos alpendres construídos em madeira com telhas de barro. Pretendia-se na época que as casas da avenida Manoel Ribas fossem pintadas em cores ocre ou terra, e que os telhados de zinco ou plástico fossem também transformados em pequenos alpendres com madeira e telhas (CORREIO DE NOTÍCIAS, 06 de outubro de 1978).

Para o Centenário de Santa Felicidade, a Prefeitura de Curitiba, através do IPPUC e da Fundação Cultural de Curitiba, promoveu um concurso para criação de um monumento em memória daqueles imigrantes italianos. Uma escultura de bronze representando a família e o trabalho dos imigrantes italianos foi instalada no entroncamento das avenidas Manoel Ribas com a atual Via Vêneto.

A atuação da Prefeitura Municipal de Curitiba em relação ao Centenário de Santa Felicidade pode ser entendida como um esforço local visando a fins meramente turísticos, posto em prática através de um projeto político-administrativo de instalação de equipamentos urbanos e melhoria da paisagem do bairro.

No início da década de 1990, por ocasião dos festejos dos 300 anos de Curitiba, a Prefeitura Municipal novamente voltou a investir na imagem “italiana” do bairro de Santa Felicidade. Obras foram inauguradas, a exemplo do Portal Étnico, do Memorial Italiano no Parque da Itália, e da Casa Culpi, além de outras melhorias como o Terminal de Ônibus de Santa Felicidade, o Farol do Saber⁷⁴ e uma Rua da Cidadania⁷⁵ (em fase de construção).

⁷⁴ Farol do Saber: “Minibibliotecas de bairro constuídas junto aos pátios das escolas do Município com acesso franqueado também à comunidade. (...) inspiradas no antigo farol e na biblioteca de Alexandria abriga em sua torre um posto da Guarda Municipal, são módulos que contribuem para a segurança de alunos e moradores dos bairros” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1995: 88)

⁷⁵ Rua da Cidadania : É um posto da Prefeitura Municipal em alguns bairros de Curitiba que oferece serviços públicos essenciais ligados as áreas de saúde, educação, abastecimento, habitação, meio ambiente, urbanismo, serviço social, serviços bancários e dos correios (GAZETA DO POVO, 1995)

Distintamente da década de 1970, essas alterações no espaço urbano do Bairro não são iniciativas isoladas mas fazem parte de um novo projeto de cidade, inserido em um contexto de relações interétnicas e valorização da diversidade cultural local. Durante o ritual de aniversário dos 300 anos da cidade, entendido enquanto um processo, o que se comemorou foi a construção de uma imagem de uma **Curitiba de Primeiro Mundo**, cidade **Cosmopolita** e **Multiétnica**. Com os slogans “Comemorar é Conhecer” e “Curitiba- Terra de Todas as Gentes”, a Prefeitura Municipal através de um discurso oficial, baseado na ideologia de harmonia, procurou destacar as contribuições de determinadas etnias, principalmente italianos, poloneses, alemães, ucranianos e japoneses. Desta forma, festas realizadas no interior destes grupos foram incluídas na agenda oficial dos festejos. Portais foram inaugurados; praças, bosques e parques foram revitalizados, transformando-se em memoriais de imigração, e destacando a presença de determinados grupos étnicos na Cidade em detrimento de outros (COSTA & FELMAN-BIANCO, 1993; COSTA, 1994, 1995b, 1996).

Dentro desse contexto, Santa Felicidade foi selecionada para representar a colonização italiana na cidade, sendo o primeiro bairro a receber o seu Portal, em setembro de 1990. A escolha do projeto para o Portal Italiano, seguiu o mesmo procedimento adotado pela Prefeitura durante a entrega do Memorial do Centenário de Santa Felicidade, ou seja, a partir de um concurso público junto ao Instituto de Arquitetos do Brasil IAB / PR. Esse concurso foi realizado através do IPPUC e da Fundação Cultural em convênio com a Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade - ACISF, recebendo patrocínio do Banco Bamerindus. Segundo os regulamentos o objetivo do concurso, era:

representar os anseios desta comunidade com uma espécie de portal de chegada e boas vindas com ambientação típica e adequada à colonização italiana.

O projeto procurou contemplar pontos de referência do bairro/colônia. Construído um pouco antes da entrada de Santa Felicidade, o portal é constituído de uma torre, ladeada por dois arcos, sob os quais se situam as duas pistas da avenida Manoel Ribas, vias de entrada e saída de Santa Felicidade. Na via sentido centro / bairro passa-se sob a Casa dos Gerânios; e no sentido contrário bairro / centro, a Casa dos Arcos. Separando os dois arcos, uma réplica da torre da Igreja de São José de Santa Felicidade. Segundo informantes, estes marcos simbolizam a religiosidade cristã dos imigrantes italianos e seus descendentes, a família e a vocação gastronômica do bairro. Estes três elementos constituem fundamentos centrais da ética local, conforme depoimentos de informantes. De todo modo, o Portal é referencial definidor para o bairro dos restaurantes italianos, embora situado além dos seus limites administrativos⁷⁶

Posteriormente a essa iniciativa, e devido às reivindicações de outras etnias, a Prefeitura de Curitiba inaugurou o Portal Polonês e o Portal Japonês. Os portais étnicos fazem parte de um projeto da Prefeitura de Curitiba de construir monumentos, traçando através dos mesmos a presença de cada etnia na cidade, incorporando em um único discurso urbano as diferenças étnicas (FELDMAN-BIANCO, 1993). Construídos em locais historicamente associados aos caminhos percorridos pelos colonos, em seu trajeto diário das colônias à cidade para vender produtos, esses portais sinalizam a diversidade de

⁷⁶ Na realidade, o Portal de Santa Felicidade situa-se no atual bairro Cascatinha, que foi desmembrado do território original da antiga colônia.

origem da população local, delimitando os territórios associados a cada etnia.

Este Portal de Santa Felicidade simboliza os eternos ritos de passagem da gente que hoje compõe Curitiba. Significa a entrada para fazer a América, no sonho dos oriundi. É o sinônimo de uma folha de serviços dos imigrantes, na luta pelo ideal de vida melhor. É marca do ir e vir dos carroções plenos de produtos da terra para venda no centro da cidade em volta do bebedouro no Largo da Ordem. É memória de uma saga iniciada em 1878. É patrimônio da cidade. (Placa de instalação do Portal de Santa Felicidade, 1990).

Segundo os moradores de Santa Felicidade, a idéia de construir um portal partiu da própria comunidade italiana do bairro.

Na oportunidade, a Prefeitura não estava de forma alguma disposta a realizar o portal. Na época era o presidente do IPPUC o Cássio Taniguchi, e ele na realidade me ouvia, fui algumas vezes, e ele me ouvia. Mas não se mostrou naturalmente disposto a este tipo de investimento. Porém nós hoje somos uma força em Santa Felicidade como depositantes em bancos, e nós ao longo dos anos sempre prestigiamos o banco Bamerindus, o banco da nossa terra. Então eu sempre fui amigo da família Vieira, os proprietários do banco Bamerindus, e fui conversar com o sr. José Eduardo de Andrade Vieira, que é o atual presidente do banco e expus para ele, levei os desenhos dos arquitetos e expus prá ele o motivo naturalmente, que nós queríamos que alguém patrocinasse a construção da obra. A prefeitura na época se colocou à disposição com o terreno, nós escolhemos o local e ela realmente nos deu o terreno livre para poder construir. E daí arrumamos a verba com o Bamerindus. E aí quando eu fui fazer a próxima visita pro Cássio, daí eu falei a palavra chave vai ter uma obra que vocês não vão precisar despende nada, imediatamente ele pediu prá fazer a licitação da obra. Porque era uma obra interessante que não ia custar nada para o município. Fizeram um concurso público. Esta idéia realmente é

minha, porque ela motivou a realização da nossa associação. Foi uma das 1ª atividades da associação que eu acho que a gente precisava estar unido pra conseguir as coisas.(C.M.; “italiano” proprietário de restaurantes no bairro).

Carlos Madalosso lembra que os proprietários de restaurantes e do comércio do bairro sentiam a necessidade de se unir, para reivindicar junto à Prefeitura melhoramentos necessários para o bairro. Foi daí que surgiu a Associação do Comércio e Indústria de Santa Felicidade – ACISF. A primeira atividade da ACISF foi a criação do Portal de Santa Felicidade, uma idéia já antiga entre os italianos do bairro, inspirados nos portais das cidades italianas.

O Portal foi um concurso que foi feito. Era um pedido antigo deles. Quando o Jaime (Prefeito Jaime Lerner) entrou nós conversamos e o Jaime colocou que seria um concurso. O município não iria investir nada, só administrar, envolver o Instituto de Arquitetos do Brasil... É aquela coisa, a Itália tem também portais. O Portal onde foi colocado, como eu te disse não é Santa Felicidade, mas todo mundo conhece como a entrada para Santa Felicidade. Então foi feito um concurso. Envolvermos o Instituto de Arquitetos do Brasil, Seção Paraná, era um concurso para arquitetos, praticamente. A Prefeitura fez parte, a Prefeitura, a Fundação Cultural, o IPPUC, a própria regional aqui, mais na organização do concurso das normas; o julgamento eles indicaram algumas pessoas, a Prefeitura indicou outras. Eles indicaram 4 pessoas com conhecimento. E foi feito o concurso. Eles arrumaram a premiação, era uma viagem para a Itália, o 1º lugar. Arrumaram o patrocinador para o portal que foi o Bamerindus, que cuida da manutenção, paga a manutenção até hoje. E a Prefeitura entrou com a concessão, por ser um espaço público, para que fosse permitido construir ali naquele lugar um portal. Então foi assim que foi feito, saiu foi feito a entrega. (F.S.; “não Italiano”, Diretor da Administração

Regional de Santa Felicidade)

Essa intervenção urbanística produziu reações contraditórias. Se, por um lado, Santa Felicidade não é mais uma Colônia isolada do espaço urbano de Curitiba; de outro, paradoxalmente, o portal reacende uma antiga reivindicação de emancipação política. O desejo de tornar-se um Município independente já é antigo. Há mais de quarenta anos os vereadores de Santa Felicidade, durante seus mandatos, têm apresentado projetos junto à Câmara propondo a criação do Município de Santa Felicidade. Em 1994, em um programa local de televisão sobre o bairro, este tema foi levantando causando grande entusiasmo e polêmica entre os debatedores⁷⁷

A vantagem seria que a administração seria própria. Analise bem hoje a estrutura de Santa Felicidade é uma estrutura boa, a receita a arrecadação é muito boa. Já pensou que maravilha nós fazer um bairro praticamente típico italiano. Então isso aí daria muito orgulho da gente estar trabalhando em prol não só das famílias italianas, mas daqueles também que imigraram para Santa Felicidade e acredito eu que isso seria maravilhoso, analise só quem fala em qualquer lugar dentro do Brasil e muitas vezes no exterior Santa Felicidade ela é conhecida, então porque não? Santa Felicidade já era para ser um município, isto questão de 35-40 anos atrás houve um plebiscito e não foi aprovado na época. Na época foi por causa de um padre que não foi aprovado. Naquela época também não existia estrutura o suficiente para suportar ser um município. Mas hoje Santa Felicidade ela está bastante, ela atingiu assim um objetivo maior e acredito eu que pelas bases hoje de Santa Felicidade nós temos que trabalhar muito em cima do saneamento básico, o sistema de esgoto de Santa Felicidade nós só temos na Manoel Ribas em um

⁷⁷ Personagens da vida pública do bairro.

pedacinho entre o hospital e até o restaurante Madalosso. E todos os bairros que nós temos em volta de Santa Felicidade que atinge o Jardim Pinheiros, Vila Romana, Jardim Vergínia 1,2,3, enfim todo o sistema não tem esgoto. Eu acho isso uma calamidade, sinceramente não é culpa do governo municipal, isso é culpa do governo estadual que fazem 14 anos que o governo do estado não injeta na cidade de Curitiba. E nem nos bairros, e nós que somos do bairro, e tem também a periferia do bairro, eu tenho certeza que se o governo do estado abrir um pouquinho as mãos, nós podemos endireitar esse saneamento básico não só de Santa Felicidade, mas de todo o sistema de Curitiba. (A. M.; “Italiano” de SF, vereador)

A hora que ele falou que Santa Felicidade era para ser um município, mas naquela época não existia família, era pouca gente 40 anos atrás não tinha estrutura para poder fazer um município. Agora hoje em dia nós estamos sobrando município. Para poder fazer município está sobrando gente. Então por isso que eu queria justamente nesta parte do esgoto de Santa Felicidade que é uma vergonha eu queria um município porque eu tenho certeza que Santa Felicidade sendo município nós em 15 dias fazemos aquele esgoto lá. Nós com nosso dinheiro fazemos, agora tem que me liberar. (G.F.; “italiano” de SF, Presidente do Conselho Paroquial de Administração da Igreja de SF e proprietário de loja de artesanato no bairro).

Este fato faz lembrar a questão da dimensão política da etnicidade, enquanto “um conjunto de estratégias para mobilização política ou para fazer reivindicações” (SEYFERTH, 1983: 2).

Em Santa Felicidade essas estratégias são percebidas em determinados contextos em que as diferenças internas desaparecem e /ou são acirradas diante de um agente

externo. A exemplo das clivagens internas entre “os italianos de Santa Felicidade”, os italianos que chegaram mais tarde e os demais moradores do bairro que não têm origem italiana.

Por um lado, a Prefeitura Municipal investe em Santa Felicidade introduzindo na paisagem a sua interpretação do que seja um bairro italiano. Por outro, as lideranças culturais de Santa Felicidade, reunidas em diferentes grupos antagônicos, participam deste diálogo com o Poder Municipal. Em todas as obras realizadas em Santa Felicidade a prefeitura associou-se a um dos grupos locais, a exemplo do Parque da Itália em convênio com a Paróquia, ou a obra do Portal; quando esteve associada com a ACISF. De qualquer forma, o que se ouve o tempo todo em Santa Felicidade são críticas ou elogios à Prefeitura. Há os que dizem que foram consultados durante a realização dos projetos; há também os que dizem que a Prefeitura impõe a sua visão sem respeitar os “italianos de Santa Felicidade”.

Eu já vi o projeto é lindo. Foi feito tudo em reunião a Prefeitura, a Cúria, a Comunidade. Nós tivemos aí mais de dez reuniões. Se nós não quiséssemos não ia fazer. Mas eles tiveram uma idéia boa. Nós aproveitamos tudo (G.F.; “italiano” de SF, Presidente do Conselho Paroquial de Administração da Igreja de SF)

O italiano é muito bairrista, ele quer que surja daqui mesmo.

(C. M.; “italiano”, proprietário de restaurantes em SF – referindo-se à eleição realizada na igreja para escolher o nome da atual Via Vêneto, durante a Prefeitura de Roberto Requião).

Quando a gente fundou a ACISF as coisas despertaram mais para esse bairro. Porque nada vem automaticamente, se você não pede tem que se unir prá você poder representar uma força política e daí você conseguir os melhoramentos para o bairro. (C. M.; “italiano”, proprietário de restaurantes em SF).

Para o padre Massiminiano Sanavio, o portal demarca o “campo santo” de Santa Felicidade, lugar da família, de tranquilidade, de paz : “o Portal foi bom porque a partir daqui ficou um campo santo voltado para a família”.

Para um dos proprietários de restaurante do bairro:

*O Prefeito X nunca fez nada de bom por Santa Felicidade. O ligeirinho só prejudicou, o ponto final; está mal localizado e quem mora nas ruas de trás tem de andar a pé. Os políticos não consultam a vontade dos moradores. O Prefeito Y na festa da Uva lançou seu projeto da **Piazza da Mamma e da Madonna**. Sendo que este nome **Madonna** os jovens associam com a cantora americana. Ele já veio dando os nomes. (A.T.; “italiano” de SF, proprietário de restaurante)*

A atenção que a Prefeitura Municipal tem dispensado ao “bairro italiano” de Curitiba está diretamente relacionada ao acirramento das tensões entre os grupos locais. Esses grupos que constituem núcleos de rivalidade estão representados pelos membros da Comissão Administrativa da Paróquia do bairro, pelos membros da Associação de Comércio e Indústria local e pelas entidades culturais como Grupos folclóricos e Corais.

*Eles não se unem eu até digo que são umas **máfias**, funciona que nem na Itália. (F.S.; “não italiano”, Diretor da Administração Regional de SF)*

Em diversos momentos as tensões entre os grupos tornam-se visíveis. O diretor da Administração Regional da Prefeitura em Santa Felicidade lembra as disputas entre os membros do Grupo Folclórico e do Coral do bairro, durante as negociações com a Prefeitura para receberem um espaço próprio para os seus ensaios. A Prefeitura comprometeu-se a construir um local apropriado para estas atividades, desde que o mesmo fosse utilizado pelos dois grupos indistintamente. Entretanto, alegando diferenças na organização do espaço para a realização das diferentes atividades, cada grupo insistia em ter o seu próprio local de ensaio.

A questão da situação do Coral e do Folclore. Onde é que estes grupos ensaiam? Um na Sociedade Santa Felicidade, que é o Grupo Folclórico que por problemas de edificação antiga eles tão tendo de sair de lá. Mas já faz tempo, ensaiam no andar de cima, há comprometimento, então na época do Jaime (prefeito Jaime Lerner) ainda eles vieram buscar espaço. A Prefeitura cedeu permissão de uso de uma área que nós temos do lado do Bosque São Cristóvão. Um terreno onde eles construiriam a sede deles. O que era para eles construí, o processo foi indo muito lento, não saiu nada até agora. Ai eles vieram até a Prefeitura de novo, já na gestão do Rafael (Prefeito Rafael Grecca), pedir para a Prefeitura construir. O Prefeito disse “que quando a gente estivesse na 2ª fase ou 3ª da obra do Bosque, teria um espaço lá para ser usado por todos os grupos. Para que! Eles levantaram pra 10 e disseram que não queriam, na frente do Prefeito e tudo o mais. O Rafael (Prefeito Rafael Grecca) disse : “Mas pera aí. Vocês não podem ficar enclausurados dentro de celas. Nós temos que ver as coisas um pouco diferentes. Vocês não tem uso, não ensaiam no mesmo dia. Mas cada um quer o seu? (F.S.; “não italiano”, Diretor da Administração Regional de SF).

Outra iniciativa da Prefeitura foi com relação à Casa Culpi, desapropriada e

restaurada para ser o Memorial da Imigração Italiana no Bairro. O objetivo da Municipalidade era administrar a Casa e transferir para a comunidade a responsabilidade pela realização de atividades culturais no local.

Imaginava que essa Casa Culpi seria um ponto de encontro onde você reviveria tudo isso (reativar a questão cultural). Mas Não despertou... Nós ficaríamos como administradores da fundação da casa Culpi e eles administrariam a Casa. A idéia é que tivesse o Coral I Veneti, todo mundo ali assumindo a casa, os eventos que vão ter a programação que vai ter durante o ano... Eu participei de todo este processo. De montar uma comissão, ia ter uma exposição de fotografia. Isso interessava a eles. Eles iam poder opinar sobre a casa Culpi, tipo assim isso nós não queremos isso não é bom para a colônia. Não mostra a cultura da colônia....Queria-se esta participação mas não evoluiu. (F.S.; “não italiano”, Diretor da Administração Regional de SF).

Hoje, na Casa Culpi além das atividades mantidas pela Prefeitura, aulas de italiano, de violão e uma biblioteca, funciona somente o Círculo Vicentini Nel Mondo. Por situar-se no bairro de Butiatuvinha, as lideranças culturais de Santa Felicidade não assumiram a Casa Culpi enquanto um Memorial Italiano da Colônia. Isto demonstra a inadequação dos projetos idealizados pelo poder público, sem um conhecimento mais profundo da comunidade a ser beneficiada.

Vogel, discutindo a questão da diversidade do espaço urbano, faz a seguinte análise:

(...) a diversidade urbana, além de ser uma propriedade das cidades, deve ser reconhecida como o princípio que as torna cidades. Trata-se de falar da cidade a partir do usuário, e não a partir da perspectiva de quem, curvado sobre uma prancheta, pretende estabelecer as normas, valores, usos e traçados que a cidade deveria ter se quisesse, realmente ser uma cidade *comme il faut*.

Por esse motivo, o cotidiano, com sua inevitável mistura, com suas combinações complexas,

variáveis e cambiantes, devia ser a verdadeira fonte e o foco do conhecimento urbano. (VOGEL et alli, 1981, p. 78)

Nas entrevistas e na participação em rituais, realizados pelas lideranças dos “italianos de Santa Felicidade”, pude observar que os projetos surgidos dentro do próprio grupo são os que apresentam melhor aceitação pela comunidade. Mas, mesmo assim, nunca se consegue a unanimidade. Em 1994, a ACISF promoveu a criação de um Brasão para Santa Felicidade. Foi elaborado um projeto, o IPPUC⁷⁸ aprovou, e com o patrocínio do comércio local o brasão confeccionado foi instalado em frente à paróquia do bairro. Após a inauguração os convidados foram recepcionados no restaurante Dom Antônio. Evidentemente, este projeto foi criticado pelos grupos que não participaram na sua execução.

O problema é o seguinte. É duro fazer uma inauguração aqui em Santa Felicidade, porque o grupo de lá fez, o daqui desprestigia... É isso aí que não dá prá entender. Existe uma ciúmeira muito grande. (F.S.; “não italiano” Diretor da Administração Regional de SF).

Percebendo essas rivalidades, a Prefeitura se posiciona como se não tomasse partido e atendesse às solicitações dentro do possível.

A participação nossa é atendê-los. Sabemos das diferenças que tem, do grupo A, do grupo B, do grupo C. Não tomamos partido. Atendemos. (F.S.; “não italiano”, Diretor da Administração Regional de SF).

⁷⁸ Dentro da lógica administrativa municipal, o Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba - IPPUC, é o órgão responsável pela aprovação de projetos urbanos que envolvam áreas de propriedade pública como ruas e passeios.

As tensões com a Prefeitura são marcadas por visões alternativas e apropriações diversas do espaço, tempo etc. No contexto de (re) construção da identidade italiana em Santa Felicidade, o que é mais determinante é o diálogo com a cidade de Curitiba do que propriamente com a Itália. As relações bairro/cidade aparecem de forma resumida no depoimento abaixo:

Porque aqui há uma divisória (referindo-se ao Portal), a partir daqui eu estou entrando em um território italiano. Dentro desse território italiano, o que eu vou encontrar? Eu vou encontrar uma Piazza de San Marco, uma Via Vêneto, um artesanato, restaurante, vinho, a Piazza della Nonna, embora que tenha sofrido todas as suas alterações, adaptações, eu vejo como benéfico isso, porque as festas de Santa Felicidade com essa Piazza que tem o projeto pra ser feita, não sei se já começou, porque eu não fui lá ver o bosque São Cristóvão, mas é uma maneira de divulgar os seus costumes e as tradições, o importante é que a comunidade se una e que a Prefeitura e os órgãos competentes consultem e se unam prá juntos fazer alguma coisa em termos de preservação da cultura. Então é o moderno ajudando o antigo, o histórico, mas aliados, se o moderno vier querer suplantar simplesmente o histórico não vai dar certo".
(E. C., "italiano" de SF, Presidente do Círculo Vicentini Nel Mondo di Curitiba)

CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou que hoje Santa Felicidade apresenta uma singularidade em relação aos outros bairros de Curitiba. O bairro é pensado segundo duas visões distintas que se imbricam e/ou se distinguem em vários momentos. Uma perspectiva externa a partir da concepção dos “outros” curitibanos e turistas; e uma visão interna, configurada a partir da representações dos moradores “italianos” do bairro. A imagem externa constitui uma visão unificadora, identificando-o enquanto **o bairro italiano** de Curitiba. Este recorte, tem como referência os restaurantes que servem a "boa comida italiana de Santa Felicidade". É um bairro gastronômico e italiano. Os curitibanos, que aos domingos vão almoçar nesses restaurantes, já sabem o que vão comer: a "comida típica do bairro". Da mesma forma os turistas são levados em massa a Santa Felicidade para conhecer a comida do "bairro italiano de Curitiba".

Por outro lado, na concepção dos moradores italianos do bairro, Santa Felicidade ainda é uma “Colônia Vêneta”. Historicamente colonizado por imigrantes do Vêneto, região do norte da Itália, atualmente o bairro de Santa Felicidade compreende uma população de composição bastante heterogênea, na qual os descendentes de italianos já não são a maioria. Por meio dos informantes constatei que os atuais limites físicos do bairro de Santa Felicidade não são os mesmos da antiga Colônia. Para os “italianos”, a “Colônia” abrange toda a área onde se localizaram os pioneiros-fundadores, e, conseqüentemente, compreende apenas uma parte dos contornos impostos pela administração de Curitiba para o Bairro de Santa Felicidade. Incluindo também áreas dos bairros vizinhos – Cascatinha e

Butiatuvinha, em torno da avenida Manoel Ribas e seus arredores.

Desta forma, estes “italianos” constituem um grupo étnico construído em torno de um território comum – a Colônia de Santa Felicidade –, cujas fronteiras não são territoriais mas simbólicas, de temporalidades e de especificidades culturais singulares: ancestralidade comum, intensa sociabilidade, laços de vizinhança, uma complexa rede de parentesco e uma ativa participação nos rituais realizados no interior do grupo.

Entre os “italianos de Santa Felicidade”, descendentes dos imigrantes pioneiros e “os italianos” que se fixaram no Bairro mais recentemente, existem diferenças internas, que desaparecem em torno da idéia recente da (re) construção de um território Vêneto em Santa Felicidade. Essa identidade Vêneto se constrói a partir de uma relação com a Itália e com a própria Colônia de Santa Felicidade. Desde a fundação da Colônia até o período de realização desta pesquisa, a identidade dos descendentes dos imigrantes pioneiros passou por um processo dinâmico assumindo diferentes feições. Inicialmente no período que se estende da fundação da Colônia até o final da década de 1950, quando Balhana desenvolveu sua pesquisa, havia uma relação mais estreita com tradições, costumes, rituais e crenças italianas, e um maior isolamento relativo da Colônia que permitia uma atualização e a própria reprodução deste modo de vida.

Num segundo momento, quando a Colônia torna-se Bairro e cada vez mais se integra à cidade, ocorre um esvaziamento através da mobilidade social e espacial dos “italianos”, o que se transforma em uma ameaça a este Vêneto construído no Brasil, na Colônia de Santa Felicidade. Diferentemente de outras colônias de imigrantes que desapareceram dentro do processo de urbanização da cidade, Santa Felicidade encontrou

em torno dos restaurantes um signo de (re) construção de sua etnicidade.

Mais recentemente, dentro de um contexto transnacional, este Vêneto idealizado, ganhou alguma concretude, com o Mercado Comum Europeu, a Comunidade Européia e o reconhecimento por parte do Governo Italiano, do direito à nacionalidade dos “*italiani all'estero*”. O Consulado da Itália em Curitiba tem encaminhado inúmeros processos de reconhecimento da cidadania italiana, dos descendentes residentes em Santa Felicidade. O interesse que estes demonstram pelo aprendizado da língua italiana – distinta do dialeto Vêneto falado pelos imigrantes – tem aumentado muito. Diversos cursos foram abertos, em especial o curso de língua italiana da Casa Culpi, centro cultural do bairro, mantido pela Prefeitura de Curitiba.

Para os “italianos” do Bairro, “*não deixar o Vêneto morrer*”, implica a preservação do dialeto vênето, e na (re) invenção das canções e danças, das Festas da Uva, do Vinho e 4 *Giorni*; e principalmente, a comida típica italiana – focos simbólicos de (re)elaboração da identidade Vêneta-Italiana. Nas festas percebem-se as relações transnacionais com a Itália quando são trazidos cantores italianos para se apresentar nestes eventos, ou a partir de estudos de trajes típicos realizados pelo Grupo Folclórico de Santa Felicidade, ou ainda a partir de cartões postais, revistas e livros da Itália. É também nas festas que as relações com o passado da Colônia ou seja com o Vêneto original se atualizam. A exemplo das pesquisas realizadas pelo Grupo Vocal *I Veneti in Brasile* com os mais velhos da Colônia para resgatar antigas letras de música e melodias.

As relações entre “italianos” e “curitibanos” acentuadas nos últimos 30 anos foram essenciais no que respeita a etnicidade, à afirmação de identidades e na construção de

fronteiras étnicas. Entre “curitibanos” e “italianos de Santa Felicidade” existe uma relação diádica fundamental que supõe distâncias, diferenças, inter-relações, interação, tensões e hierarquizações. No cotidiano há um predomínio do Centro sobre o Bairro, dos citadinos em relação aos colonos, e finalmente dos brasileiros em face dos imigrantes e seus descendentes. Por outro lado, no restaurantes e nos rituais estas posições se invertem e os “italianos” passam a ser mediadores rituais de uma comida e bebida, ditas provenientes de uma outra sociedade e país. Nestes momentos, a comida engloba todas as outras, por exclusão. Embora classificados de “pratos italianos”, que se acentuam nos rituais (polenta e macarrão), é na mistura de pratos que é possível identificar uma forma de comer brasileira (DA MATTA, 1993).

A comida e os rituais de Santa Felicidade acontecem em um plano de (re) invenção de tradições (HOBBSAWM, 1984) em um diálogo com a administração da cidade e de forma transnacional em relação a uma Itália, mítica e ou real.

Mas esta comida é ao mesmo tempo signo da própria identidade de “curitibano” entendido enquanto cidadão cosmopolita da “Terra de Todas as Gentes”; e também, de “italiano”, quando a grande visibilidade dos “italianos de Santa Felicidade” torna invisíveis todos os “outros italianos” de Curitiba.

Dentro desta Curitiba que privilegia as diferenças e o pluralismo étnico, estes “curitibanos-italianos” são mais curitibanos do que outros curitibanos que não possuem ascendência européia .

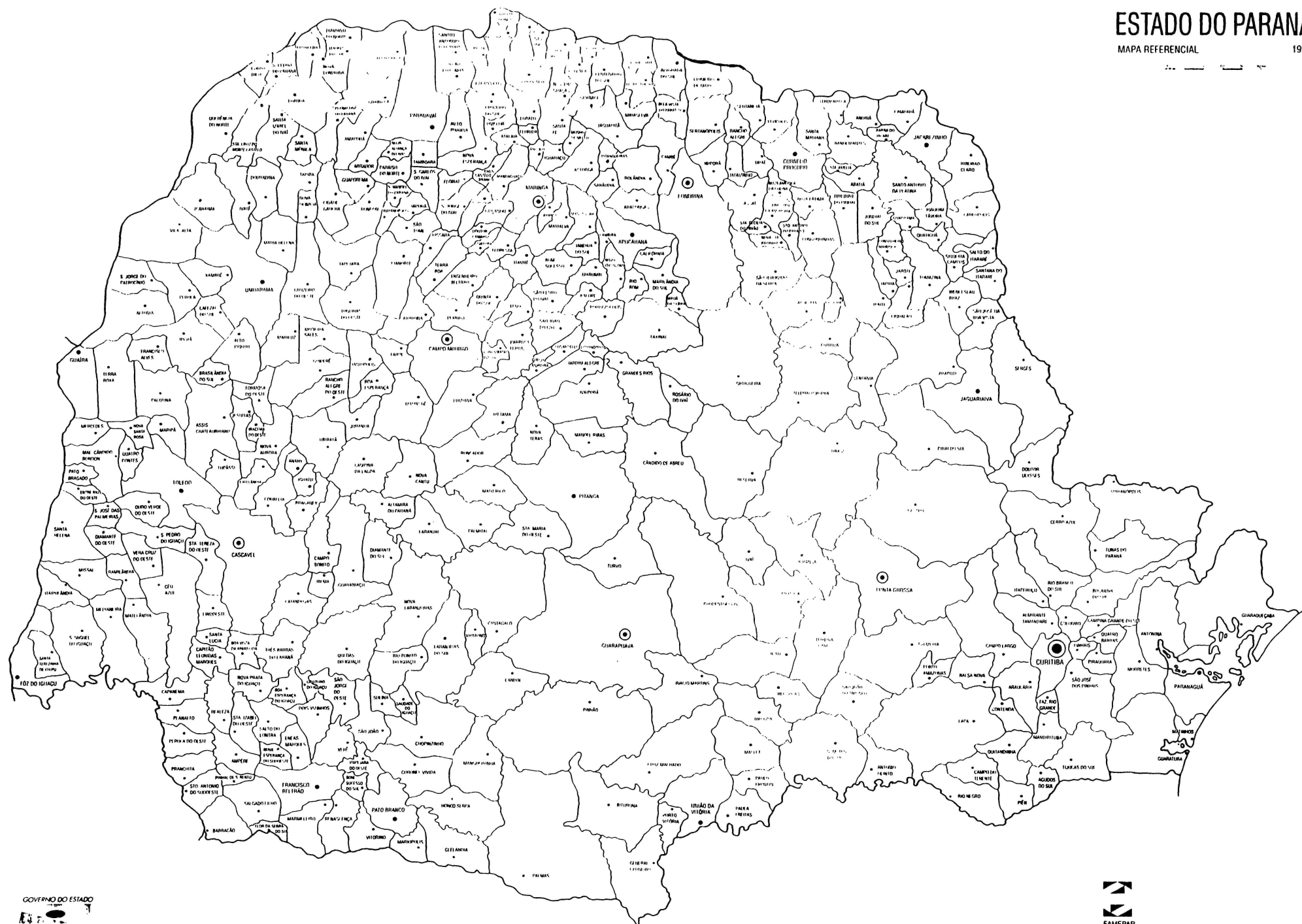
Neste sentido é que “ **o Vêneto não pode morrer** ”. Portanto a (re) construção da identidade “italiana” e da etnicidade estão identificadas em torno da comida típica dos

restaurantes e da politização deste grupo étnico no contexto das celebrações dos 300 anos de Curitiba, de disputa pela visibilidade relativa as outras etnias e que implica a construção da imagem da cidade cosmopolita.

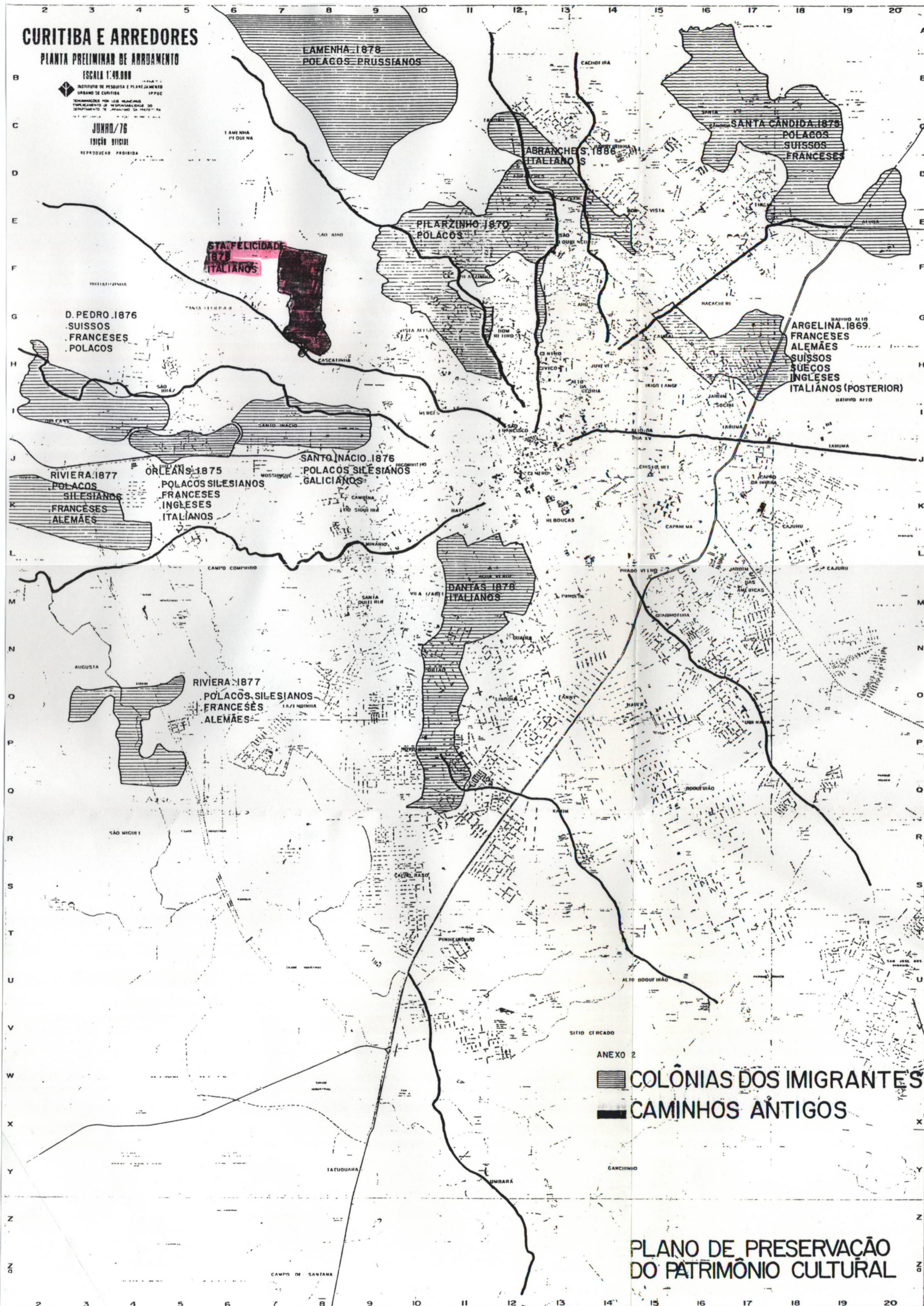
ANEXOS

ANEXO 1 – MAPA DO ESTADO DO PARANÁ. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 1995.

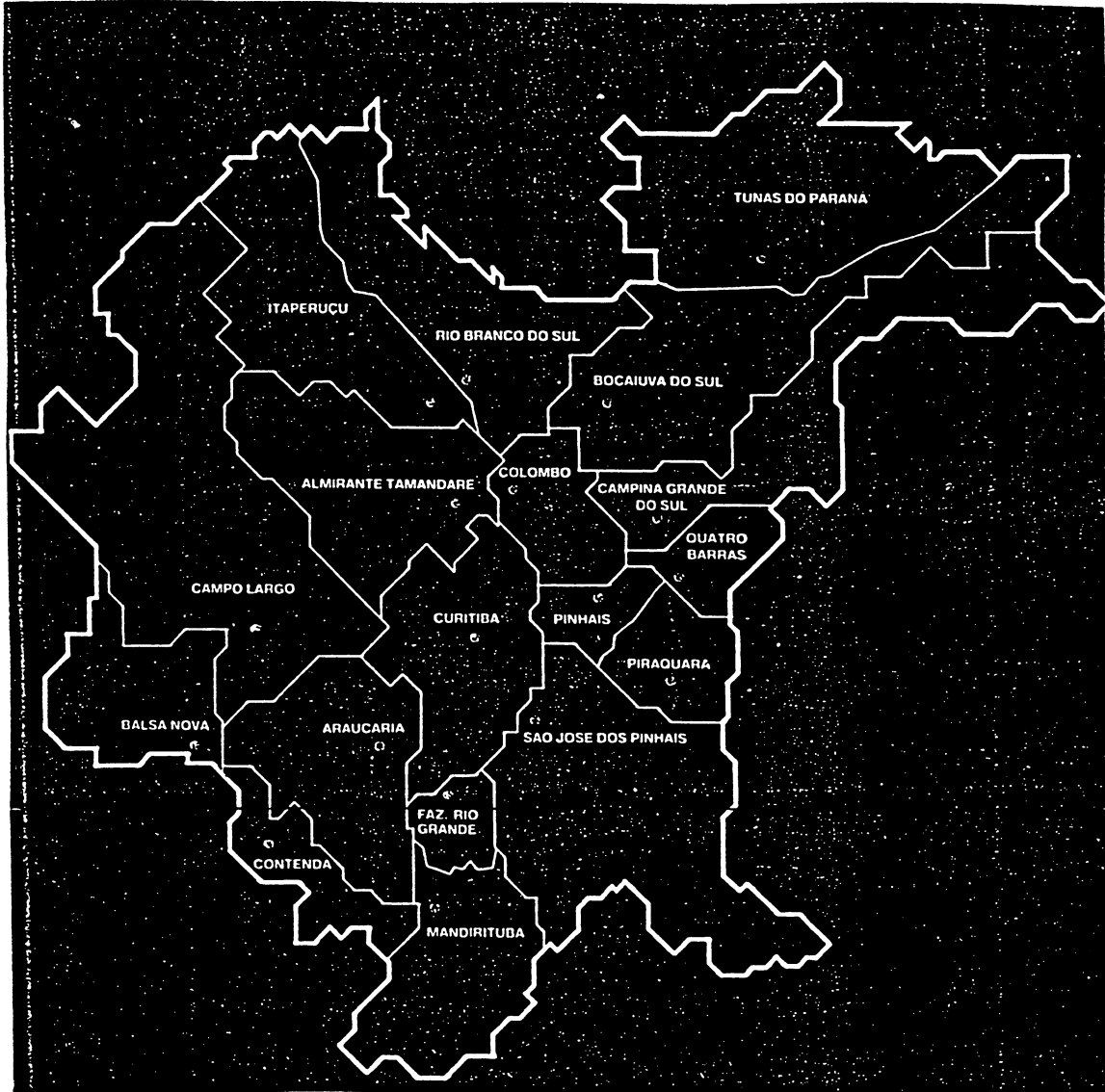
ESTADO DO PARANÁ
MAPA REFERENCIAL 1995



ANEXO 2 – CURITIBA E ARREDORES, COLÔNIAS DOS IMIGRANTES E CAMINHOS ANTIGOS. PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA / IPPUC, 1976.

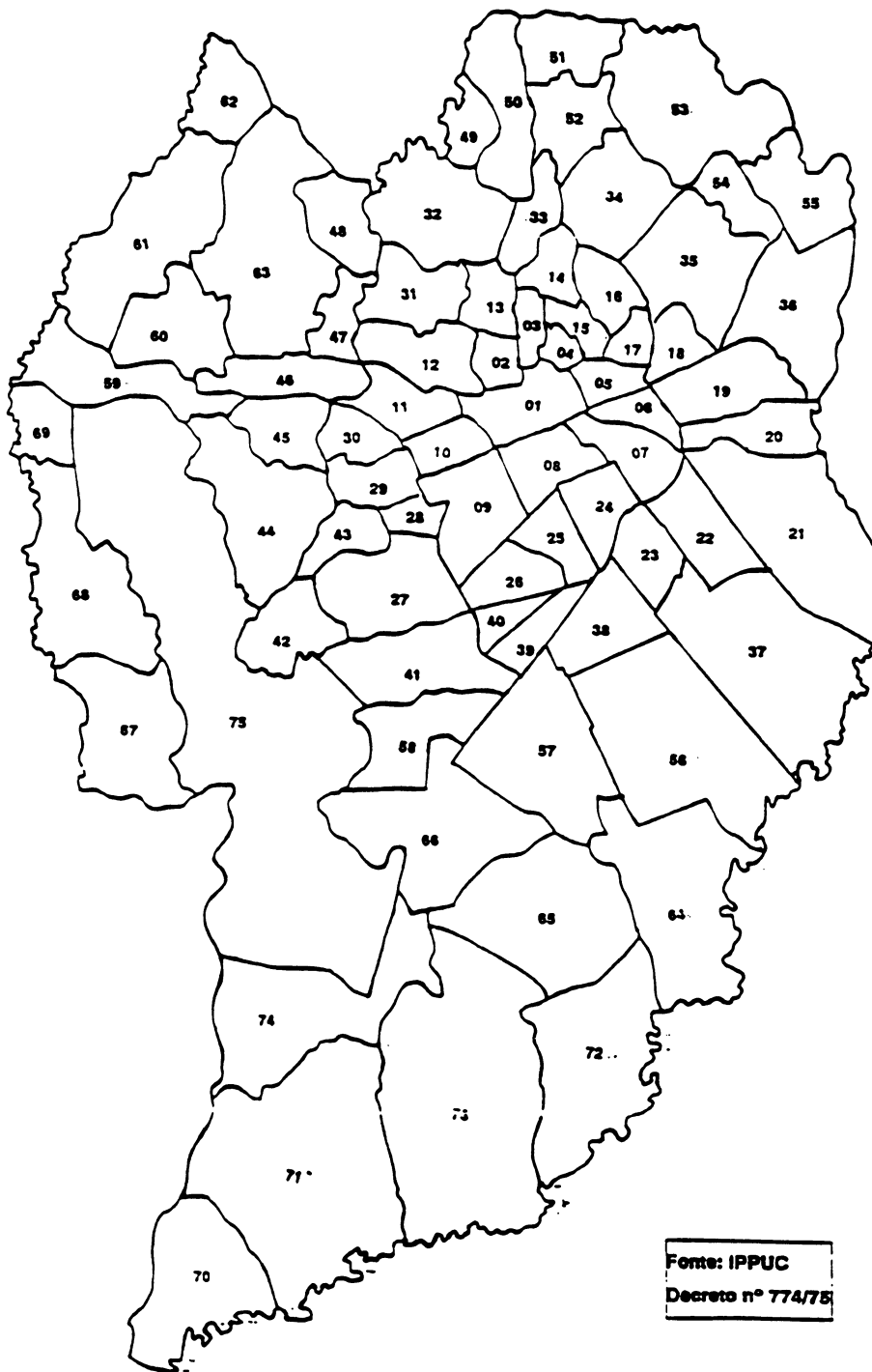


ANEXO 3 – CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA. PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA / IPPUC.

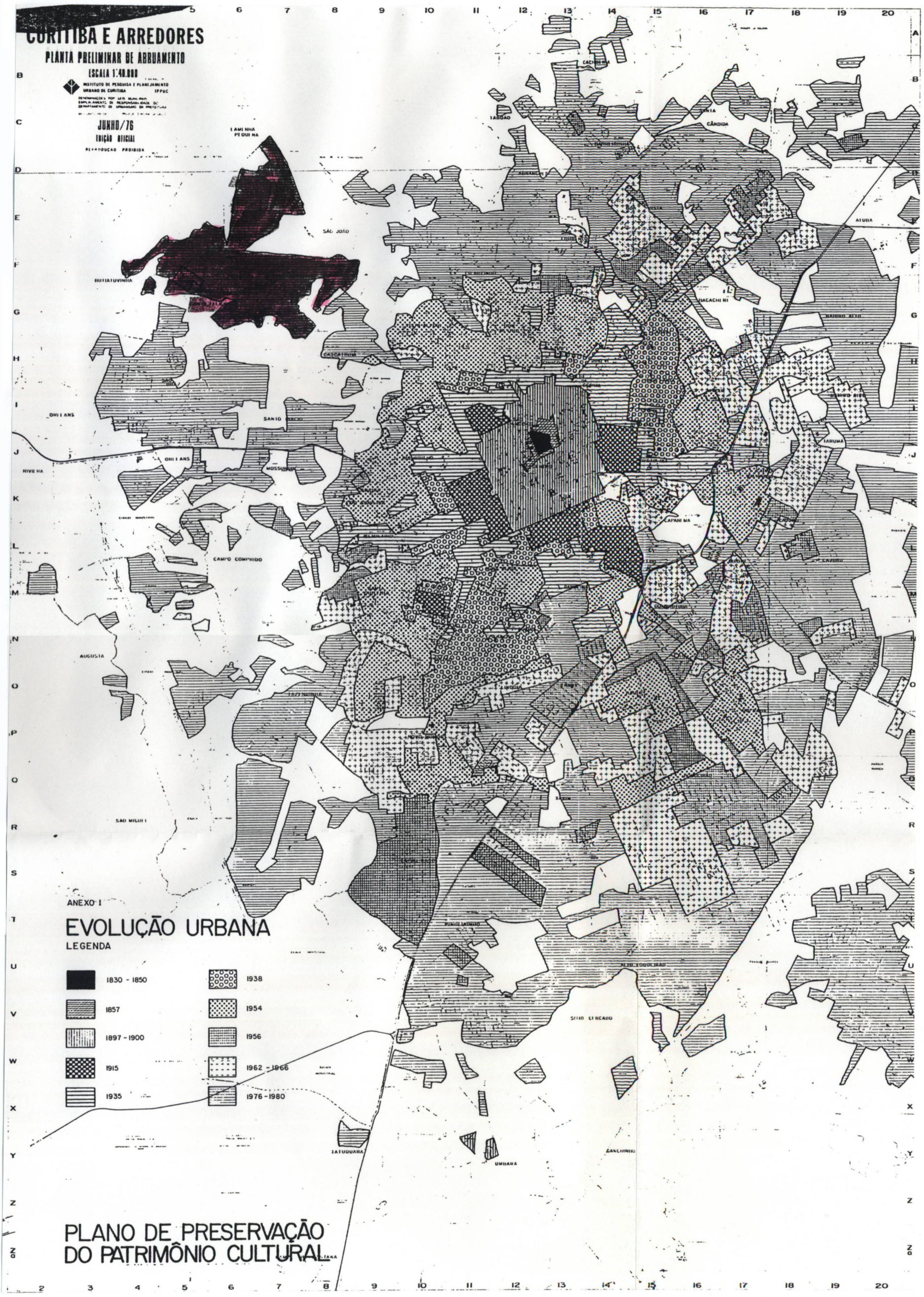


CURITIBA: Divisão dos Bairros

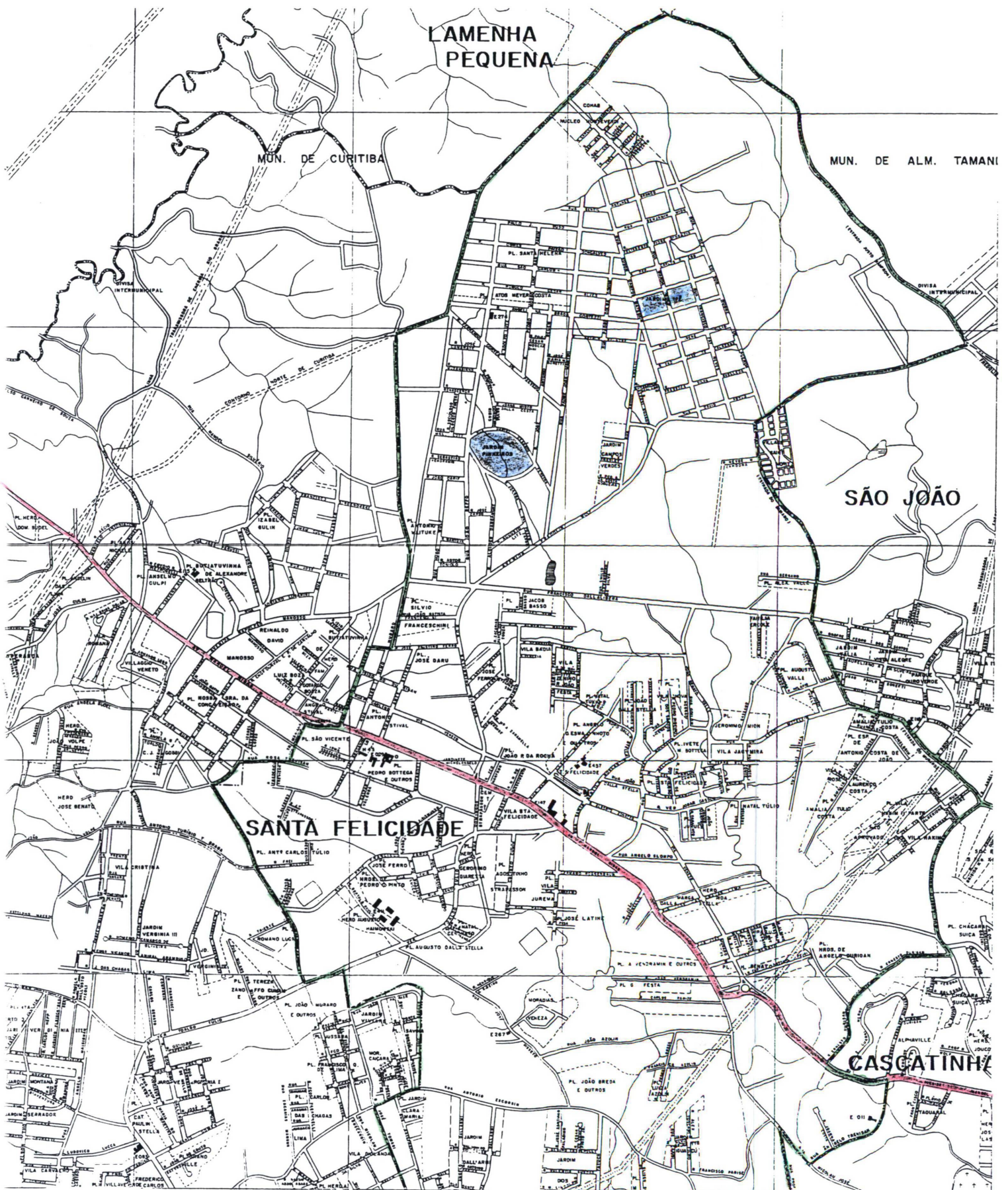
- 01- Centro
- 02- São Francisco
- 03- Centro Cívico
- 04- Alto da Glória
- 05- Alto da XV
- 06- Cristo Rei
- 07- Jardim Botânico
- 08- Reboças
- 09- Água Verde
- 10- Batel
- 11- Bigorrinho
- 12- Meruê
- 13- Bom Retiro
- 14- Ahú
- 15- Juvevê
- 16- Cabral
- 17- Hugo Lange
- 18- Jardim Botânico
- 19- Tarumã
- 20- Capão da Imbuê
- 21- Cajuru
- 22- Jardim das Américas
- 23- Guabrocha
- 24- Prado Velho
- 25- Parotim
- 26- Guaira
- 27- Portão
- 28- Vila Izabel
- 29- Seminário
- 30- Campina do Siqueira
- 31- Vista Alegre
- 32- Pitarzinho
- 33- São Lourenço
- 34- Boa Vista
- 35- Baependi
- 36- Bairro Alto
- 37- Uberaba
- 38- Mauá
- 39- Fanny
- 40- Lúndia
- 41- Novo Mundo
- 42- Fazendinha
- 43- Santa Quitéria
- 44- Campo Comprido
- 45- Mosunopé
- 46- Barro Branco
- 47- Cascatinha
- 48- São João
- 49- Taboão
- 50- Abrantes
- 51- Cachoeira
- 52- Barreirinha
- 53- Santa Cândida
- 54- Tingui
- 55- Atube
- 56- Boqueirão
- 57- Xaxim
- 58- Casão Pass
- 59- Orleans
- 60- São Braz
- 61- Butanturina
- 62- Lamenha Pequena
- 63- Santa Felicidade
- 64- Alto Bonatão
- 65- São Corado
- 66- Pinheirinho
- 67- São Miguel
- 68- Augusta
- 69- Riviera
- 70- Cachimba
- 71- Campo de Santana
- 72- Genésio
- 73- Umbará
- 74- Tatuquara
- 75- Cidade Industrial



Fonte: IPPUC
Decreto nº 774/75



ANEXO 7 – PLANTA PRELIMINAR DE ARRUAMENTO DE CURITIBA.
 PLANTA SANTA FELICIDADE. IPPUC, 1993.



LEGENDA :

- Limites do bairro de Santa Felicidade
- Avenida Manoel Ribas
- Jardim Pinheiros e Jardim Ipê

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, SÍLVIA M.P.; CARDOSO, Alcina M. L. Italianos no Brasil ou a Pátria recriada. In: BONI, Luis de A. **A presença italiana no Brasil**. Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

ARONSON, D. "Ethnicity as a cultural system : an introductory essay". In : HENRY, Frances (ed.). **Ethnicity in the Americas**. Paris, Mouton : The Hague, 1976.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

AZEVEDO, Thales de. The chapel as a symbol : italian colonization in southern Brazil. In: **BRAZIL ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVES**. New York : Columbia University Press, 1979. p. 86-95.

Italianos e Gaúchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro : Cátedra, 1982.

O "Italiano": auto - representação e identidade étnica. In: CARVALHO, M^a. Rosário G. (org.) et alii. **Identidade Étnica, mobilização política e cidadania**. Coleção Cidadania. Universidade Federal da Bahia. Salvador : Empresa Gráfica da Bahia, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 3.ed. Brasília: Hucitec, 1996.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade: um processo de assimilação**. Curitiba : João Haupt, 1958.

Duas pequenas indústrias agrárias em Santa Felicidade. In : **BOLETIM PARANAENSE DE GEOGRAFIA**. Curitiba : Universidade do Paraná, ano 1, n.1. 1960. p. 27-51.

Os imigrantes estrangeiros na formação histórica da sociedade brasileira. Série didática. Curitiba : Dep. de História, Universidade do Paraná, n.1, 1961.

Famílias coloniais : fecundidade e descendência. Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 1977.

Italianos no Paraná. In: BONI, Luis de A. **A presença italiana no Brasil**. Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

BALHANA, Altiva Pilatti & BORUSZENKO, Oksana. **Alguns problemas de aculturação nos campos gerais**. São Paulo : Rev. do Museu Paulista, N.S., vol.. XIV, 1963.

BALHANA, Altiva Pilatti; PINHEIRO MACHADO, Brasil; WESTPHALEN, Cecília. **História do Paraná**. Curitiba : Grafipar , v. 1, 1969.

BANTON, Michael. **The idea of race**. Londres : Tavistock, 1977.

BARBOSA, Livia Neves de Holanda. Porque hoje é sábado...Um estudo das representações dos dias da semana. In: **BOLETIM DO MUSEU NACIONAL**. Nova Série, Antropologia nº 49. Rio de Janeiro, 1984.

BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries**. London : George Allen & Unwin, 1969.

BOLETIM DO ARQUIVO DO PARANÁ. Ano XIII, n. 22. Curitiba, 1980.

BRAIDO, Pe.Jacir Francisco. **O bairro que chegou em um navio**. Curitiba : Lítero-

Técnica, 1978.

BRANDALISE, Adele Maria. **Filhos do sol nascente na Terra de Todas as Gentes : algumas considerações sobre os japoneses no contexto das celebrações dos 300 anos de Curitiba.** Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

CANDELORI, Ester Cardoso. **Curitiba: uma cidade moderna com faces pós-modernas.** Relatório de Pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

CHAVES, Maria de Lourdes Marques. **Voltando ao passado – histórico de determinadas indústrias e casas comerciais de Curitiba.** Curitiba : Vitória, 1995.

COBALCHINI, Pe Pedro. Pastoral do imigrante – um desafio para a igreja no Brasil. In : **DOCUMENTOS.** Coleção cadernos de história da Igreja no Brasil. São Paulo : Loyola / CEPEHIB, n. 8, 1988.

COHEN, Abner. **Custom and politics in urban Africa. A study of hausa migrants in yoruba towns.** Berkeley : University of California Press, 1969.

_____. "The lesson of ethnicity". In : COHEN, A. (ed.). **Urban Ethnicity.** Londres, Tavistock, 1974.

COSTA, Maria Cecília Solheid. **A chácara e a carroça: um estudo de padrões de residência e da herança entre colonos poloneses.** Trabalho apresentado na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, (mimeo), São Paulo, 1982.

_____. De Polaco a Polonês : a (re)construção de uma identidade étnica em Curitiba (mimeo). Trabalho apresentado no seminário **Encontros com a Antropologia III : Etni-Cidade : Grupos Étnicos em Curitiba.** Curitiba, 1994.

_____ El violin que solo tocaba en polaco : del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos en Paraná. In : **ESTUDIOS MIGRATÓRIOS LATINOAMERICANOS**, ano 10, n. 29. Buenos Aires, 1995 a.

_____ A reinvenção de Curitiba: pluralismo cultural e imagens de primeiro mundo. In : **TRAVESSIA**. Revista do Migrante vol.23. São Paulo : CEM, 1995 b.

_____ Terra de Todas as Gentes : a reinvenção da diversidade étnica em Curitiba. In: **REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS**, Curitiba n. 35, junho, 1996.

COSTA, M.C.S.; DIGIOVANNI, R. Antropologia, espaço e cidade: um olhar sobre Curitiba. In: SÁ, Cristina (org.) **Olhar urbano, olhar humano**. São Paulo : IBRASA, 1991.

COSTA , M.C.S.; FELDMAN-BIANCO, Bela. **Etni (-) Cidade: estudo antropológico de grupos étnicos em Curitiba**. Projeto Integrado de Pesquisa, CNPq, 1993.

CORRÊA, Maria C. A riqueza que vem da mesa. In: **REVISTA PR & COMPANHIA**, Curitiba, ano 1, n. 5, p. 10-15, junho 1994.

CORREIO DE NOTÍCIAS. **Uma história de família, carrocinhas e bailes**. Curitiba, domingo 12/07/1987.

_____ **A fome é de Santa Felicidade**. Curitiba, 05/11/1979.

_____ **Eis a nova Santa Felicidade**. Curitiba, 06/10/1978.

CORSETTI, Berenice. O crime de ser italiano: a perseguição do Estado Novo. In: BONI, Luis Alberto. **A Presença Italiana no Brasil**. Est. Fondazione Giovanni Agnelli, 1987. p.363-382

- DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter Anthropological Blues. In: NUNES, E. O. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- ____ **Carnavais, malandros e heróis : para uma sociologia do dilema brasileiro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ____ Sobre o simbolismo da comida no Brasil. In: **CORREIO DA UNESCO**, ano 15, n.7, julho 1987.
- ____ **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1991.
- ____ Sobre comidas e mulheres... In: **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DIÁRIO DO PARANÁ. **Santa Felicidade ameaçada de perder sua uva e vinho**. Curitiba, 31/01/1979.
- ____ **Santa Felicidade – Colônia quer preservar a pureza dos produtos**. Curitiba, 25/11/1979.
- DOUGLAS, Mary. Deciphering a meal. In: GEERTZ, Clifford. (ed.). **Myth, symbol and culture**. New York, 1971.
- ____ Food as a system of communication. In: **The Active Voice**. London : Routledge & Kegan Paul, 1982.
- DOUGLAS, Mary ; ISHERWOOD, Baron. **The World of Goods**. Middlesex : Penguin, 1980.
- EPSTEIN, A.L. **Ethos and Identity, three studies in ethnicity**. London, 1978.
- ESTADO DO PARANÁ. **Grande festa italiana em Santa Felicidade**. Curitiba, 20/10/1985.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Os portais da "cidade sem portas"**. Projeto de Pesquisa, Curitiba, CNPq, 1993.

_____ **Multiple layers of time and space : the construction of class, ethnicity, and nationalism among portuguese immigrants.** In : GLICK SCHILLER at alli. **Towards a transnational perspective on migration : race, class, ethnicity and nationalism reconsidered.** New York : Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 645, 1992. p. 145-164.

FELDMAN- BIANCO, B. ; HUSE, Donna. **A saudade da terra na América : memória cultural e experiências de imigrantes portuguesas na intersecção de culturas.** In : COSTA, M.C.S.; PINTO, M. T.(orgs.). **Encontros com a Antropologia 1 : identidade, imigração e memória.** Curitiba: Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, 1993. p.45-62.

FERRARINI, Sebastião. **A imigração italiana na província do Paraná e o município de Colombo.** Ed. do Centenário. Curitiba : Lítero-Técnica, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1986.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Dona de casa ganha "alforria" no domingo.** Caderno Cotidiano. São Paulo, domingo 02/04/1995.

FOLHA VIVA CURITIBA. **Vinhos, queijos e Santa Felicidade.** In : Suplemento semanal da Folha de Londrina para Curitiba. n .9. Curitiba, 08/07/1994.

FRAZER. **Questions on the customs, beliefs and languages of savages.** Cambridge, 1907.

FREITAS, Fátima.. **Lojinha do patrício : um estudo do comércio praticado por sírio-libaneses no centro de Curitiba.** Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

FRY, Peter. Feijoada e “soul food”: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. In: FRY, Peter. **Para Inglês Ver : Identidade e Política na Cultura Brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.47-53.

GAZETA DO POVO. **Restaurante avião é atração na colônia.** Curitiba, 02/03/1979.

_____ **“Jatão” da Colônia perde a sua asa.** Curitiba, 12/03/1979.

_____ **Professora vê a Curitiba anarquista.** Curitiba, 16/05/1993.

_____ **Hoje inauguração da rua da cidadania.** Curitiba, 29/03/1995.

GLAZER, Nathan & MOYNIHAN, Daniel P. “Introduction”. In: GLAZER, N. & MOYNIHAN, D. P. (eds.). **Ethnicity. Theory and experience** Cambridge, Mass. , Harvard University Press, 1975.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

GLICK SCHILLER, Nina.; BASCH, Linda and BLANC-SZANTON. Towards a Transnational perspective on Migration : Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered. *Annals of the new York Academy of Scienses*, vol. 645, 1992.

GLUCKMAN, Max. Gossip and Scandal. In: **Current Anthropology.** Chicago, June/ 1963, vol.4 n.3. p. 307-316

- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Em busca da autenticidade : Ideologias culturais e concepções de Nação no Brasil. In : BÔAS, Gláucia Villas ; GONÇALVES, Marco Antônio. **O Brasil na virada do século. O debate dos cientistas sociais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- GOODY, Jack. **Cooking, cuisine and class.** Cambridge : Cambridge Univ. Press, 1982.
- GUIMARAENS, Dinah ; CAVALCANTI, Lauro. **Arquitetura kitsch suburbana e rural.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982 a.
- _____. **Arquitetura de motéis cariocas: espaço e organização social.** Rio de Janeiro : Editora Espaço, 1982b.
- HEILBORN, Maria Luiza. Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1984.
- HOERNER JR., Valério. **Ruas e Histórias de Curitiba.** Curitiba : Artes & Textos, 1989.
- HOBSBAWN, Eric. Introdução. In : HOBSBAWN, E. & RANGER. T. A **invenção das tradições.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984
- HUTTER, Lucy M. A Imigração italiana no Brasil (séculos XIX e XX): Dados para a compreensão desse processo. In: BONI, Luis A. A Presença italiana no Brasil. Est. Fondazione Giovanni Agnelli. 1987.p.74-101.
- IANNI, Constantino. **Homens sem Paz. Os conflitos e os bastidores da emigração italiana.** São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1963.

IBGE - Censo demográfico de 1991.

IMAGUIRE JÚNIOR, Key (coor). Arquitetura do imigrante italiano. No bairro de Santa Felicidade. In: **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba : Fundação Cultural, ano IV, n. 24, nov.1978.

LEACH, C.R. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In: **Repensando a Antropologia**. Série Debates. São Paulo : Perspectiva, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mythologiques II : du miel aux cendres**. Paris : Plon, 1967.

___ **Mythologiques III : L'origine des manières de table**. Paris : Plon, 1968.

___ O triângulo culinário. In : **L'ARC-DOCUMENTOS**. Paris, 1968.

___ **As estruturas elementares do Parentesco**, 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1982.

___ **Antropologia Estrutural**. 4 ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1991.

___ **O cru e o cozido**. São Paulo : Brasiliense, 1991.

LIMA, Teresinha A. Taborda. **Polaca ou polonesa : estudo a respeito da construção social da mulher de origem polonesa em Curitiba**. Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

LINHARES, Temístocles. **Paraná vivo : sua vida, sua gente, sua cultura**. Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro : José Olympio, 1985.

KLUGE, Maria Fernanda Maranhão. **Santa Felicidade : um bairro italiano nos 300 anos de Curitiba**. Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

MAACK, Reinhard. **Geografia Física do Estado do Paraná**. Rio de Janeiro : José Olympio. Curitiba : SECE, 1981.

MACEDO, Rafael Greca. **Revista Tradição e Etnias**. Curitiba, maio 1993 n.1
p.15.

Discurso de abertura da 36ª Festa da Uva de Santa Felicidade. Curitiba,
1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Coral garden and their magic**. London, 1935.

MARANHÃO, Maria Fernanda. **Genealogia da família Budel**. Relatório de
Pesquisa Projeto Integrado CNPq. Curitiba, 1994.

MARTINI, Giuseppe. Origine e sviluppo della colonia Santa Felicidade. In:
CARDOSO, Rosy de Sá (trad). **Boletim do Instituto Histórico Geográfico
e Etnográfico Paranaense**. Vol.XXIV. Curitiba, 1978.

MARTINS, Romário. **O que é o Paraná : A terra e o homem**. Impresso por
ordem do chefe da Comissão de Colonização do Paraná. Curitiba, 1908[?].
____ **Quantos somos quem somos. Dados para a História e a Estatística do
Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente : ensaio sobre fenômenos de
aculturação no Paraná**. Coleção Coroa vermelha. Estudos Brasileiros;
v.16. São Paulo : T.A.Queiroz, 1989.

MENDONÇA, Maí Nascimento. **Curitiba sem mestre**. Fundação Cultural de Curitiba.
Curitiba, 1992.

MEMÓRIA DA CURITIBA URBANA. Depoimentos n.5. IPPUC : Curitiba,
dezembro / 1990.

MERCER, Sérgio. Santa Felicidade “la bella Itália em Curitiba”. In: RAVAZZANI, C. et alii. **Curitiba capital ecológica**. Curitiba : Edibran, 1991.

MIO, João de. Centenário da elevação da província do Paraná (1853-1953). Contribuição do Imigrante Italiano para o seu Progresso. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense**. Vol.VI, jan-jun, Fasc.3-4. Curitiba, 1956.

MOREIRA, Sandra. Memória coletiva, manipulação e o Portal Polonês de Curitiba. Trabalho apresentado no seminário **ENCONTROS COM A ANTROPOLOGIA III : ETNI (-) CIDADE GRUPOS ÉTNICOS EM CURITIBA**. Mestrado em Antropologia, UFPR / SESC da Esquina. Curitiba, 1994

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo : Pioneira, 1976.

PARANÁ. Relatório do Presidente da Província, Adolpho Lamenha Lins, apresenatado à Assembleia Legislativa do Paraná no dia 13 / 02 / 1877. Curitiba : Typ. da viúva Lopes, 1877.

PARANÁ, Sebastião. **Chorographia do Paraná**. Curitiba : Anibal Rocha & C., 1899.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. 2.ed. Coleção Tudo é História. Brasília : Brasiliense, 1984.

PINHEIRO MACHADO, Brasil. Formação da Estrutura Agrária tradicional dos Campos Gerais. In : **Boletim da Universidade do Paraná**. Departamento de História n. 3,

junho de 1963. Curitiba. pp 1-27.

POLINARI, Marcelo. **Cantando a Vida : A Mentalidade do Imigrante Italiano nas letras de Músicas Folclóricas**. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1991.

POSSEBOM, Isabel Cristina. **Os grupos étnicos e a comemoração dos 300 anos de Curitiba**. Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Decreto-lei nº 774, de 21 de outubro de 1975. IPPUC.

_____. Legislação de Uso do Solo. Lei n. 5234 e decretos complementares. IPPUC, 1996.

_____. Curitiba, 1995.

_____. Unidades de Interesse de Preservação (UIP), vol. 3. IPPUC : Curitiba, 1990.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. **The Andaman Islanders**. Cambridge, 1922.

RAVAZZANI, C.; WIEDERKEHR FILHO, H.; FAGNANI, J. **Curitiba capital ecológica**. Curitiba : Edibran, 1991.

REVISTA MANCHETE,. **A caravana da Felicidade chega de manhã**, n. 288, 1957.

REVISTA VEJA. **Templo da comilança**. Abril. Ano 28 nº 4. , 25/01/1995, p. 72-3

RICHARDS, A.I. **Hunger and Work in a Savage Tribe**. London, 1932.

SAHLINS, Marshall. La pensée Bourgeoise. In: **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro:

Zahar, 1979. p.185-225.

SANCHES, Mário Antonio. **O Negro em Curitiba : a invisibilidade cultural do visível.**
Relatório de pesquisa, CNPq. Curitiba, 1995.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **História da alimentação no Paraná.** Coleção
Farol do Saber Curitiba : Fundação Cultural, 1995.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as
bases étnicas da mobilização política. In : **BOLETIM DO MUSEU
NACIONAL**, Nova Série, n.42, Rio de Janeiro, 1983.

_____ Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da
etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil. In : **Revista de
Antropologia**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986.

_____ **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília : UnB, 1990.

_____ Identidade Camponesa e Identidade Étnica (um estudo de caso). In: **Anuário
Antropológico**, nº 91. Brasília : Tempo Brasileiro, 1993. p. 31-63.

_____ Considerações sobre a (re)construção de Identidades Étnicas. Rio de Janeiro,
PPGAS / Museu Nacional /UFRJ, 1994.

SILVA, Alice Inês de Oliveira e. **Rendas, babados, bilros e crochês : a construção social
da mulher de prendas domésticas.** Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Campinas,
1985.

SILVIA, Maria Pereira de Araújo. Italianos no Brasil ou a Pátria recriada. In: BONI, Luis
de A. **A presença Italiana no Brasil.** 1987.

SIMMEL, Georg. "Sociability". In : LEVINE, D. (org.) **Georg Simmel – on individuality**

and social forms. Chicago : Chicago University Press., 1971.

SIMÕES, João Manuel. **Elegia para a chuva interminável.** Gazeta do Povo. Curitiba, janeiro/1995.

SOUZA, Newton Stadler de. **O anarquismo da Colônia Cecília.** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1970.

TEODORO DA SILVA, Amparo Rodriguez. **Os Espanhóis na Curitiba dos 300 anos : quem são eles?** Relatório de pesquisa do CNPq. Curitiba, 1995.

TURNER, Victor. O Processo Ritual. Estrutura e anti-estrutura. In: **Antropologia**, n. 7. Petrópolis : Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem.** Coleção Antropologia n. 11. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In : NUNES, E. (org.) **Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36-46.

VOGEL, Arno ; SILVA MELLO, Marco Antonio da. **Quando a casa vira rua.** Rio de janeiro : FINEP/ IBAM, 1981.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. Santa Cândida pioneira da colonização Linista. In : **Boletim Informativo** n. 16. Ano 2. Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, 1975.
_____**História do Paraná.** 4.ed. Curitiba: Vicentina, 1977.
_____**Norte Velho, Norte Pioneiro.** Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba : Vicentina, 1987.